



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Danielle Santos Dornelles

The Handmaid's Tale: distopia, ustopia, feminismo e tempo não-linear

Florianópolis
2023

Danielle Santos Dornelles

The Handmaid's Tale: distopia, ustopia, feminismo e tempo não-linear

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em História Global.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Bragio Bonaldo.

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Dornelles, Danielle Santos

The Handmaid's Tale: distopia, ustopia, feminismo e tempo não-linear / Danielle Santos Dornelles ; orientador, Rodrigo Bragio Bonaldo, 2023.

133 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. História. 2. Teoria da História. 3. Literatura. 4. Feminismos. 5. Distopias. I. Bonaldo, Rodrigo Bragio. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

Danielle Santos Dornelles

The Handmaid's Tale: distopia, ustopia, feminismo e tempo não-linear

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 22 de setembro de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Rodrigo Bragio Bonaldo
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Profa. Dra. Joana Maria Pedro
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Dr. Júlio Bentivoglio
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Profa. Dra. Maria da Glória de Oliveira
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em História.

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof. Dr. Henrique Espada Lima
Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof. Dr. Rodrigo Bragio Bonaldo
Orientador

Florianópolis, 2023.

Dedico este trabalho àquelas que entre os dentes seguram a primavera.

AGRADECIMENTOS

Pushing through the market square
So many mothers sighing
News had just come over
We had five years left to cry in
News guy wept and told us
Earth was really dying
Cried so much his face was wet
Then I knew he was not lying
I heard telephones, opera house, favorite melodies
I saw boys, toys, electric irons and TVs
My brain hurt like a warehouse
It had no room to spare
I had to cram so many things
To store everything in there
And all the fat-skinny people
And all the tall-short people
And all the nobody people
And all the somebody people
I never thought I'd need so many people

David Bowie

David Bowie começa a cantar o fim do mundo no álbum *Ziggy Stardust and the Spiders from Mars* pela música *Five Years*. Em sua criação de 1972, o planeta terra está fadado ao apocalipse: a humanidade terá mais cinco anos de existência. A persona alienígena de Bowie - e sua banda - chega na terra com a missão de comunicar seu fim e tentar salvar a humanidade através de suas músicas. A jornada do alienígena é conturbada, sua missão se confunde ao ego exacerbado pela fama e seus excessos. Em meio ao desespero da iminente extinção, Ziggy observa a cena toda e exclama: “*I never thought I'd need so many people*”, que traduzido literalmente seria: “eu nunca pensei que precisaria de tantas pessoas”.

É quase sempre em emergências que entendemos o quanto precisamos de muitas pessoas. Escrever uma dissertação de mestrado sobre uma distopia feminista em meio à pandemia de um novo vírus mortal foi uma grande emergência. E precisei de *muitas* pessoas (e muitos prazos). Felizmente, tenho o privilégio de poder finalizar este trabalho agradecendo a quem esteve ao meu lado e, assim como Bowie entoa na canção *Rock'n'roll Suicide*, que encerra o disco supracitado, “me deram as mãos e disseram que eu não estava sozinha”.

Aos meus pais Angela e Silvio, agradeço todo o amor, carinho, amizade, amparo espiritual e material que sempre me devotaram. À minha irmã Jaqueline, toda minha admiração: sou grata pelo companheirismo e carinho que só aumentaram nestes anos. Tenho muitos

privilégios e mais do que sorte por termos resistido em segurança ao caos global, juntos, em nosso confortável lar. Agradeço também ao meu companheiro, Gabriel Dantas, por todas as canções compartilhadas, pelo incentivo, amor e carinho que temos cultivado juntos. Não posso esquecer das companheiras não-humanas que fazem parte da família: as caninas Pink Floyd e Madonna. Pink, com seus quase 14 anos, me acompanha desde o encerramento do ensino fundamental com atenção e altivez. Já a pequena-grande Madonna, que foi nosso raio de sol no sombrio isolamento social, me acompanha desde a primeira semana do mestrado. Sem as duas, nossos dias certamente seriam muito menos alegres.

À Luiza Carvalho, agradeço a amizade tão cuidadosa. Posso dizer que o começo e término desse mestrado é graças às nossas conversas, que me impulsionaram a escolher novos rumos. Desde um amparo imediato com uma ligação no meio da tarde até os convites para almoçar e trabalhar juntas na casa nova, tive minhas dificuldades compreendidas e fui levada pela mão para caminhar e tomar um pouco de sol e ar puro, o que poderia ter sido uma metáfora, mas foi um belo gesto contra meu sedentarismo. Sua proatividade me inspira sempre e cada vez mais. Ainda sobre os almoços na casa nova, agradeço ao Nicholas Rodrigues pelas refeições sempre impecáveis!

Ao meu amigo Guilherme Pagnoncelli e minhas amigas Isabela Quint e Talita Oliveira, poderia dizer que sou grata por todo apoio do processo seletivo até o final do mestrado, mas, na verdade, nos apoiamos desde meados de 2013 (uma década). Recorri a vocês inúmeras vezes cheia de dúvidas e afobações e todas elas foram sempre acolhidas com muita paciência e bom-humor. Agradeço por todo incentivo, primordial para que fosse possível encerrar essa etapa e pelas infinitas conversas que sempre me arrancam risadas e bons sentimentos.

Ao sempre professor e hoje colega de profissão, Cleyton Machado, agradeço pelas sugestões e pela amizade desses muitos anos. Agradeço, com carinho, à amiga de longa data e colega de profissão, Ana Terra de Leon, por toda a acolhida e escuta.

Às colegas unidas pela distópica pós-graduação, que se fortaleceram em amizades, Alina Nunes, Amanda Maia, Ana Carolina Machado, Caroline Guebert e Fabiana Guarez, agradeço por todo carinho e encorajamento dedicados a mim. Serei específica: Alina, te agradeço por trilhar esse caminho comigo desde as tardes na biblioteca estudando juntas os textos para seleção do mestrado, elaboração de trabalhos em grupo, passando pela correspondência diária pandêmica, grupo de estudo sobre O Segundo Sexo e finalmente, as leituras atentas a este trabalho. Teu incentivo foi essencial nesse tempo! Amanda, te agradeço pela partilha de gostos em comum, risos, angústias, incentivos intelectuais e incentivos festivos para que conseguíssemos sobreviver ao caos. Somos muito parecidas, acredito que por isso

sabemos como nos ajudar tanto. Ana, te agradeço pela amizade e parceria que criamos neste tempo. Trabalhamos juntas com história pública na pandemia e nos divertimos tagarelando juntas presencialmente, depois das vacinas, na praia e na casa mais bonita do Campeche. Sem você, não conseguiríamos juntar as forças desse grupo e transformar em alegrias. Carol, te agradeço pela confiança nos momentos difíceis e pelas leituras atenciosas deste trabalho quando precisei de ajuda. Fabi, admiro sua força e proatividade, parceira de alegrias e risos, que compartilhou comigo emocionada o momento político mais emocionante e esperado de janeiro 2023.

Às colegas que se tornaram amigas durante o trabalho na Educação de Jovens e Adultos e são parte fundamental de um despertar de consciência em minha trajetória, agradeço às vivências que tivemos e as leituras deste trabalho com muito carinho. Também agradeço por entenderem a minha ausência nos meses finais da conclusão deste trabalho. Bruno Montezano, Márcia Regina Santos e Viviane Zanandréa, que prazer poder compartilhar meu tempo com vocês!

Agradeço ao meu orientador Rodrigo Bragio Bonaldo, fundamental para execução deste trabalho. Juntos, trabalhamos na experiência de entrevistas do LAPIS (Laboratório de História Pública), no exercício de escrita e publicação de artigo científico, no estágio de docência na disciplina de Teoria da História II e na elaboração do Podcast Teorizando. Sou grata pela confiança e atenção dedicadas a mim, assim como a motivação e incentivo intelectual, desde o começo da orientação em 2020, o período mais difícil da pandemia.

Agradeço à banca deste trabalho, Joana Maria Pedro (UFSC), Maria da Glória de Oliveira (UFFRJ) e Júlio Bentivoglio (UFES) pela disposição e aceite em fazer parte das bancas de qualificação e defesa, cujas contribuições, apontamentos e críticas construtivas foram fundamentais para a concretização deste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agradeço a bolsa de estudos concedida, sem a qual essa pesquisa certamente não teria sido executada.

Escrever.
Não posso.
Ninguém pode.
É preciso dizer: não se pode.
E se escreve.

Marguerite Duras

O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.

Walter Benjamin

RESUMO

A presente dissertação de mestrado tem como objetivo investigar a narrativa do livro *The Handmaid's Tale*, publicado em 1985 pela escritora canadense Margaret Atwood. Para tal análise, utilizou-se o conceito de distopia e utopia na Teoria da História e Literatura, estabelecendo o conceito de distopia como uma categoria de análise operacional para o trabalho. Destaca-se outras obras distópicas feministas ao longo do século XX, além de *The Handmaid's Tale*, intuindo a compreensão de como essas obras refletem criticamente sobre questões de gênero, poder e opressão. Ao longo do trabalho, investiga-se como a obra de Atwood dialoga com manifestações feministas contemporâneas e sua dimensão temporal enquanto literatura, permitindo diálogos entre diferentes períodos históricos. A partir da investigação sobre a temporalidade na obra, com foco na estrutura não-linear de tempo presente em *The Handmaid's Tale*, buscou-se analisar o contexto histórico da obra. Discute-se a influência da obra 1984 e de George Orwell na criação de Margaret Atwood, destacando diferentes períodos históricos incorporados à narrativa, como a Modernidade Tardia, a Modernidade Clássica, o Tempo Sagrado e o tempo distópico de Gilead. Além da exploração sobre a não-linearidade do romance, investiga-se o epílogo do livro, intitulado *Historical Notes on The Handmaid's Tale*, como uma possível crítica da autora a uma historiografia excludente e misógina. Buscou-se responder a perguntas sobre a ironia presente no epílogo e na análise dos professores, a natureza "ustópica" da obra, o monopólio masculino da narrativa histórica e a possível negação de credibilidade à perspectiva das mulheres. Refletiu-se sobre a intencionalidade de Atwood ao incluir esses elementos na obra e exploramos as relações de poder, discursos dominantes e formas de silenciamento presentes na narrativa. Incorporou-se entrevistas de Margaret Atwood sobre *The Handmaid's Tale* e movimentações feministas, em diferentes momentos da trajetória da escritora com o objetivo de compreender os contextos históricos que cercam a obra. O presente trabalho objetivou compreender o livro *The Handmaid's Tale* dentro de uma perspectiva e metodologia de história global, trazendo reflexões sobre igualdade de gênero, entrelaçamento de espaços globais e locais, histórias feministas e diferentes temporalidades e linearidades.

Palavras-chave: distopia; teoria da história; história global; feminismos; tempo não-linear.

ABSTRACT

This master's thesis aims to investigate the narrative of the book *The Handmaid's Tale*, published in 1985 by Canadian writer Margaret Atwood. For this analysis, the concept of dystopia and utopia in the Theory of History and Literature was used, establishing the concept of dystopia as a category of operational analysis for the work. Other feminist dystopian works throughout the 20th century are highlighted, in addition to *The Handmaid's Tale*, intuiting the understanding of how these works reflect critically on issues of gender, power and oppression. Throughout the work, we investigate how Atwood's work dialogues with contemporary feminist manifestations and its temporal dimension as literature, allowing dialogues between different historical periods. Based on the investigation of temporality in the work, focusing on the non-linear structure of present time in *The Handmaid's Tale*, an attempt was made to analyze the historical context of the work. The influence of 1984 and George Orwell on the creation of Margaret Atwood is discussed, highlighting different historical periods incorporated into the narrative, such as Late Modernity, Classical Modernity, Sacred Time and the dystopian time of Gilead. In addition to exploring the novel's non-linearity, the book's epilogue, entitled *Historical Notes on The Handmaid's Tale*, is investigated as a possible criticism by the author of an exclusionary and misogynistic historiography. We sought to answer questions about the irony present in the epilogue and in the teachers' analysis, the "ustopic" nature of the work, the male monopoly of the historical narrative and the possible denial of credibility to the women's perspective. We reflected on Atwood's intentionality by including these elements in the work and we explored the power relations, dominant discourses and forms of silencing present in the narrative. Margaret Atwood's interviews about *The Handmaid's Tale* and feminist movements were incorporated, in different moments of the writer's trajectory, with the objective of understanding the historical contexts that surround the work. The present work aimed to understand the book *The Handmaid's Tale* within a perspective and methodology of global history, bringing reflections on gender equality, interweaving of global and glocal spaces, feminist histories and different temporalities and linearities.

Keywords: dystopia; theory of history; literature; feminisms; non-linear time.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Manuscrito de Margaret Atwood com a epígrafe tirada da passagem bíblica do Gênesis 30:1 – 3.....	38
Figura 2: Margaret Atwood segurando recortes de jornais utilizados para escrever <i>The Handmaid's Tale</i> em 1985.....	38
Figura 3: Recorte de Margaret Atwood presente na Universidade de Toronto, sobre “mulheres sendo forçadas a terem bebês” na Romênia, para a escrita do livro <i>The Handmaid's Tale</i> . Fonte: <i>The New Yorker</i>	39
Figura 4: Recorte de Margaret Atwood presente na Universidade de Toronto, sobre “mulheres sendo forçadas a terem bebês” na Romênia e incentivo à natalidade no Canadá, para a escrita do livro <i>The Handmaid's Tale</i> . Fonte: <i>The New Yorker</i>	40
Figura 5: Recorte de Margaret Atwood presente na Universidade de Toronto, sobre “cartões de débito e quebra de sigilo”, para a escrita do livro <i>The Handmaid's Tale</i> . Fonte: <i>The New Yorker</i>	41
Figura 6: Recorte de Margaret Atwood presente na Universidade de Toronto, sobre “emissões de gases poluentes, para a escrita do livro <i>The Handmaid's Tale</i> . Fonte: <i>The New Yorker</i>	42
Figura 7: Recorte de Margaret Atwood presente na Universidade de Toronto, sobre seita fundamentalista católica que chamavam as esposas de “ <i>handmaidens</i> ”, para a escrita do livro <i>The Handmaid's Tale</i> . Fonte: <i>The New Yorker</i>	43
Figura 8: Rótulo do produto de limpeza <i>Old Dutch Cleanser</i> , inspiração para as vestes das aias em <i>The Handmaid's Tale</i>	45
Figura 9: Rótulo do produto de limpeza <i>Old Dutch Cleanser</i> , inspiração para as vestes das aias em <i>The Handmaid's Tale</i>	45
Figura 10: “No Texas, esta será a moda da próxima estação!”, diz o cartaz de mulher vestida de aia no estado do Texas em Austin, sábado, 2 de outubro de 2021.....	70
Figura 11: “Sou uma mulher, não uma incubadora”	70
Figura 12: Interação de Atwood, em sua rede social, sobre as manifestações, março de 2023.....	73
Figura 13: Manifestantes em Israel, 16 de março de 2023.....	74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

THT - The Handmaid's Tale

STF – Supremo Tribunal Federal

FC Soft - Ficção Científica Soft (leve)

FC Hard - Ficção Científica Hard (pesada)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1: DEFINIÇÕES DE DISTOPIA.....	34
1.1 LEITURAS SOBRE O CONCEITO DE DISTOPIA E UTOPIA NA TEORIA DA HISTÓRIA	34
1.2 DISTOPIAS LITERÁRIAS, DISTOPIAS FEMINISTAS	56
CAPÍTULO 2: LITERATURA EM MOVIMENTO.....	67
2.1 GLOCALIZAÇÃO DO CONTO DA AIA	67
2.2 LITERATURA COMO AGENTE DE MUDANÇA SOCIAL.....	77
CAPÍTULO 3: <i>THE HANDMAID'S TALE</i> E O TEMPO NÃO-LINEAR	83
3.1 O TEMPO NÃO-LINEAR NA OBRA	83
3.2 <i>HISTORICAL NOTES ON THE HANDMAID'S TALE</i> : CRÍTICA AO CONCEITO MODERNO DE HISTÓRIA?	107
CONCLUSÃO.....	125
REFERÊNCIAS	128

INTRODUÇÃO

Era assim que vivíamos então? Mas vivíamos como de costume. Todo mundo vive, a maior parte do tempo. Qualquer coisa que esteja acontecendo é de costume. Mesmo isto é de costume, agora. Vivíamos, como de costume, por ignorar. Ignorar não é a mesma coisa que ignorância, você tem de se esforçar para fazê-lo. Nada muda instantaneamente: numa banheira que se aquece gradualmente você seria fervida até a morte antes de se dar conta. Havia matérias nos jornais, é claro. Corpos encontrados em valas ou na floresta, mortos a pauladas ou mutilados, que haviam sido submetidos a degradações, como costumavam dizer, mas essas matérias eram a respeito de outras mulheres, e os homens que faziam aquele tipo de coisas eram outros homens. Nenhum deles eram os homens que conhecemos. As matérias de jornais eram como sonhos para nós, sonhos ruins sonhados por outros. Que horror, dizimos, e eram, mas eram horrores sem ser críveis. Eram demasiado melodramáticas, tinham uma dimensão que não era a dimensão de nossas vidas. Éramos as pessoas que não estavam nos jornais. Vivíamos nos espaços brancos não preenchidos nas margens da matéria impressa. Isso nos dava mais liberdade. Vivíamos nas lacunas entre as matérias.¹

Margaret Atwood

Precisamos iniciar a apresentação do presente trabalho demarcando exatamente seus anos de elaboração: 2020, 2021, 2022 e 2023. A necessidade em iniciar frisando este tempo, se dá pela emergência destes anos atípicos vivendo a pandemia de SARS-CoV-2 no Brasil. O novo coronavírus distorceu o tempo, alterou radicalmente vidas e cotidianos, deixou em carne viva governos autoritários que, como o do nosso país, agravaram brutalmente a crise sanitária com o desvalor à vida. Embora tenha sido escrito de forma confortável e segura na medida do possível, esta pesquisa é simultânea à pandemia, ao negacionismo científico estarrecedor e ao caos político instaurado propositalmente. Leva cicatrizes de medo, ansiedade e ódio desses

¹(ATWOOD, 2017b, p. 71).

anos, mas também esperança no futuro que pode ser construído hoje, com cinco doses - ou mais - de confiança e apoio à ciência.

“God is in the details, they say. So is the devil²”. Escreve Margaret Atwood, na ocasião do novo prefácio para edição de língua inglesa de *The Handmaid’s Tale* publicada em 2017. Atwood usa essa frase a fim de tentar explicar sua obra, a baseando nos “pesadelos históricos” de James Joyce. Os pesadelos que pareciam improváveis à autora naquele momento, hoje não se mostram tão improváveis assim. Inclusive nos detalhes. Uma sucessão de vertiginosos fatos “glocais”³ fez essa pesquisa existir.

Começamos este texto pensando nos *detalhes*, escrevendo de maneira breve sobre o período político mais próximo da trajetória de escrita deste trabalho. Em 2014, Dilma Rousseff é reeleita presidenta da república federativa do Brasil. A eleições se mostraram acirradas e o candidato que perdeu a disputa, Aécio Neves (PSDB), em seu primeiro pronunciamento na casa do senado federal após o resultado, declarou que seria “incansável e intransigente”⁴ oposição ao governo de Dilma, do Partido dos Trabalhadores. Em 2015, Neves também declarou que “a presidente Dilma não governa mais”.⁵ Após a forte campanha difamatória e misógina⁶ contra Rousseff, que encontrou eco em parte da mídia no ano de 2016, o Brasil foi palco de um golpe político. Este golpe, destituiu a primeira mulher presidente do país através de um *impeachment*, que resultou na ascensão de Michel Temer à presidência. Pensando a partir das definições de Joan Scott (1995, p. 88), “o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. A ação popular movida contra Dilma, foi feita com base na acusação de crimes fiscais, as “pedaladas”. No mês de abril de 2016, o plenário da Câmara dos Deputados aprovou o relatório que favorecia o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff com 367 votos a favor

²Tradução minha. Todas as traduções seguintes, ao menos caso indicado o contrário, são de minha responsabilidade: “Deus está nos detalhes. O diabo também.”.

³Por experiências “glocais”, nos referimos a processos de **transferência, transmissão, tradução e transformação** de unidades de significação conceituais imersos na tensão criativa entre o local e o global (IFVERSEN 2015, p. 289).

⁴**Aécio Neves promete oposição “incansável e intransigente”**. Senado Federal. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/11/05/aecio-neves-promete-oposicao-201cincansavel-e-intransigente201d>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

⁵**IMPrensa. A presidente Dilma não governa mais o Brasil, diz Aécio após a presidente da República transferir para seu vice a condução política do governo**. Disponível em: <<https://tucano.org.br/a-presidente-dilma-nao-governa-mais-o-brasil-diz-aecio-apos-a-presidente-da-republica-transferir-para-seu-vice-a-conducao-politica-do-governo/>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

⁶Em julho de 2015, com o aumento dos preços de combustíveis, a campanha de desinformação, difamação e ódio contra Dilma ligando a alta dos preços diretamente à figura de Rousseff, surgiram adesivos ofensivos e misóginos desrespeitando sua imagem. Em 7 de julho de 2015, a Comissão Mista Permanente de Combate à Violência Contra a Mulher aprovou uma moção de repúdio contra as a produção e a venda de adesivos ofensivos à presidente. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/governo-denuncia-adesivo-com-ofensa-sexual-a-dilma,33f5fa7ff225c4a3d42f654bee769de9s9gleRCD.html>>. Acesso em: 12 jul. 2023

e 137 votos contra⁷. A sessão foi marcada por uma série de eventos controversos, transmitida ao vivo para todo o país, os discursos de parlamentares pelo “sim” apontaram como motivos de voto os valores cristãos, a defesa da família e a luta contra a corrupção. O então deputado Jair Bolsonaro, exaltou a figura do militar Carlos Alberto Brilhante Ustra, ex-chefe do DOI-Codi, centro de tortura na capital paulista durante o período do golpe militar e votou em sua memória⁸. Em 31 de agosto de 2016, apenas três meses após a aprovação do impeachment pela Câmara dos Deputados, o Senado Federal confirmou a cassação do mandato da ex-presidente Dilma Rousseff. A votação final contou com 61 votos a favor da cassação e 20 contrários⁹. No entanto, em 2022, o processo foi arquivado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) por falta de provas¹⁰. Essa decisão gerou debates e controvérsias em relação ao processo de *impeachment* e ao papel das instituições envolvidas. O golpe de estado sofrido por Dilma agravou uma crise política e institucional que teve impactos duradouros na democracia brasileira até hoje, além de correr em meio ao contexto de ascensão da direita em todo o mundo, que foi intensificado com a eleição de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos em novembro de 2016.

Em novembro de 2016, Donald Trump é eleito presidente dos Estados Unidos da América. Depois de meses de especulações, o “choque” de sua eleição – intensificados pelo lento sistema eleitoral estadunidense – foi sentido ao redor de todo globo, inclusive no Brasil. Trump mobilizou a extrema-direita cristã e conservadora durante sua campanha e governo, promovendo políticas contrárias aos direitos das mulheres, dos negros, dos imigrantes e da comunidade LGBTQIA+. A vitória de Trump, mobilizou a extrema-direita estadunidense não apenas pelo ódio às minorias políticas e notícias falsas, mas também através da chaga deixada pela grande crise econômica de 2008. A crise econômica afetou a classe trabalhadora e as populações mais vulneráveis dos EUA, gerando descrença à política “tradicional”. Com a narrativa populista que se afirmava “*anti-establishment*”, Trump se lança como uma

⁷Veja como deputados votaram no impeachment de Dilma, na PEC 241, na reforma trabalhista e na denúncia contra Temer. **G1**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/veja-como-deputados-votaram-no-impeachment-de-dilma-na-pec-241-na-reforma-trabalhista-e-na-denuncia-contratemer.ghtml>>. Acesso em: 25 jun. 2023.

⁸ Discurso de Bolsonaro deixa ativistas ‘estarecidos’ e leva OAB a pedir sua cassação. **BBC News Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_oab_mdb>. Acesso em: 12 jul. 2023. Acesso em 19 abr. 2023.

⁹Veja como votaram os senadores no julgamento de Dilma Rousseff. **Senado Federal**. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/veja-como-votaram-os-senadores-no-julgamento-de-dilma-rousseff>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

¹⁰MPF arquivou inquérito sobre pedaladas que levaram ao impeachment de Dilma. **Consultor Jurídico**. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2022-set-22/mpf-arquiva-inquerito-pedaladas-ligadas-impeachment-dilma>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

“alternativa”¹¹. Com a promessa da construção de um “muro” na fronteira dos EUA com o México e o lema “*make America great again*”, Trump insuflou ainda mais as posturas racistas e xenofóbicas em seu país. Um dos exemplos foi o episódio ocorrido no dia 12 de agosto de 2017 em Charlottesville¹², na Virgínia, envolvendo a extrema-direita. Unindo passado e presente, a cidade foi escolhida por ser o centro de uma controvérsia em torno da remoção de estátuas de líderes confederados que defendiam a escravidão durante a Guerra Civil Americana. Nesse dia, grupos neonazistas, supremacistas brancos e outros extremistas de direita organizaram uma manifestação chamada “*Unite the Right*” (“Unir a Direita”), que contou com a presença de centenas de pessoas de toda a região, incluindo muitos que carregavam bandeiras confederadas, símbolos nazistas e da *Ku Kux Klan*. O evento resultou em confrontos violentos com grupos antifascistas e manifestantes locais, além de uma “marcha de tocha” na noite anterior que também causou tumulto.

A ascensão da extrema-direita global nos últimos anos é um fenômeno complexo e multifacetado que tem suas raízes no século XX. Sendo um fenômeno global, que não pode ser atribuído somente a eventos específicos, o historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2018)¹³, enxerga a crise global como um fenômeno resultante do modelo capitalista neoliberal, que não afeta apenas a economia, mas toda a estrutura do trabalho, incluindo o avanço das tecnologias. Para Albuquerque Jr. (2018), a crise global e a precarização do trabalho do século XXI seriam então, uma das principais causas da ascensão da extrema-direita no mundo, mas não as únicas. A reação contra as conquistas e lutas pelos direitos civis estabelecidos pelos movimentos sociais, tais como os movimentos negro, indígena, feminista e LGBTQIA+ ao longo do século XX, para Albuquerque Jr. (2018), são fatores fundamentais a serem levados em consideração.

Os ecos desses movimentos, assim como as turbulências políticas, sociais e econômicas do século passado, ressoam até hoje no século XXI. Durante as últimas duas décadas, houve uma ascensão de economias emergentes e um gradual declínio das sociedades ocidentais de democracia liberal, que têm enfrentado um retorno ao conservadorismo. Embora existam

¹¹2016 foi realmente um ano difícil para a democracia? **BBC News Brasil**, Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-38447192>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

¹²LLANO, Pablo de. **Três mortos na jornada de violência provocada por grupos racistas norte-americanos**. El País Brasil. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/12/internacional/1502553163_703843.html>. Acesso em: 12 jul. 2023.

¹³Ver mais em: ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Por que a extrema-direita cresce em todo o mundo I: a insegurança. **Jornalistas Livres**, Dez. 2018. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/por-que-a-extrema-direita-cresce-em-todo-o-mundo-i-a-inseguranca/> Acesso em: 23 set. 2022.

diferenças regionais e nacionais, há algumas tendências comuns que contribuíram para esse aumento, como a crise econômica global de 2008, o aumento da desigualdade econômica, o crescimento da imigração e a polarização política. A polarização política e a insatisfação com a elite política foram elementos-chave na ascensão da extrema-direita nos Estados Unidos, culminando na eleição de Donald Trump em 2016.

O aumento da migração e imigração de pessoas no mundo e os desafios colocados pela globalização, também foram fatores importantes para o crescimento da extrema-direita em diferentes partes do mundo, como na América Latina. No caso da América Latina, o ressentimento com a política de esquerda também contribuiu para a ascensão da extrema-direita. Para o historiador Odilon Caldeira Neto:

A ultradireita é um fenômeno global. Esta percepção parece ser uma das principais convergências entre a opinião pública e o campo de estudos das expressões do extremismo e do radicalismo de direita entre os séculos XX e XXI. Além de uma percepção imediatista, fixada a partir da emergência de novas lideranças, assim como do avanço eleitoral dos partidos populistas de direita radical, a análise da ultradireita como objeto global está ancorada em referências mais afastadas em termos cronológicos, algo plenamente abordado pela literatura especializada no tema (CALDEIRA NETO, 2023 p. 601).

Nas eleições seguintes ao *impeachment* de Dilma Rousseff no Brasil, no ano de 2018, uma série de fatores consagrou a vitória nas urnas do atual ex-presidente Jair Bolsonaro. O ano político de 2018 foi marcado por grandes acontecimentos no Brasil. Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro pelo PSOL, foi assassinada a tiros em 14 de março de 2018¹⁴. O crime chocou o país e gerou uma grande comoção social, com protestos e manifestações exigindo justiça e investigação rigorosa do caso. Até hoje, a autoria intelectual do crime não foi totalmente esclarecida e a investigação continua em andamento. Luiz Inácio Lula da Silva, foi condenado em primeira instância em 2017 pelo juiz Sergio Moro, acusado de corrupção passiva e lavagem de dinheiro no caso do triplex do Guarujá. A condenação foi confirmada em segunda instância pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF-4) em 2018, o que levou à sua prisão em abril do mesmo ano¹⁵. Em maio, uma greve dos caminhoneiros paralisou o país e provocou uma

¹⁴**Quem é Marielle Franco?** Junte-se ao Instituto Marielle Franco! Disponível em: <<https://www.institutomariellefranco.org/quem-e-marielle>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

¹⁵ **Operação Lava Jato: TRF4 confirma condenação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.** TRF4R. Disponível em: <https://www.trf4.jus.br/trf4/controlador.php?acao=noticia_visualizar&id_noticia=13418>. Acesso em: 12 jul. 2023.

crise de abastecimento, causando impactos em diversos setores da economia e gerando instabilidade política. A greve teve fim após negociações entre o governo e os caminhoneiros¹⁶.

Em agosto, ocorreram as eleições presidenciais, que foram marcadas pela polarização política e pela ascensão de candidatos de extrema-direita. As manifestações de mulheres contra Jair Bolsonaro, durante a campanha presidencial de 2018, foram marcadas por mobilizações em todo o país, com adesão de milhares de mulheres em diversas cidades. O movimento, que ficou conhecido como #EleNão, surgiu nas redes sociais e rapidamente se espalhou, sendo liderado por ativistas feministas e de grupos de defesa dos direitos das mulheres. As manifestações aconteceram em diversas datas, com destaque para o dia 29 de setembro, quando ocorreu a maior mobilização, com a presença de milhares de pessoas em mais de 100 cidades do país, segundo organizadores¹⁷. As mulheres se concentraram em praças e ruas, com cartazes, faixas e gritos de ordem, protestando contra o discurso machista, racista e homofóbico de Jair Bolsonaro¹⁸, que havia sido alvo de críticas por declarações polêmicas ao longo da campanha.

As manifestações foram marcadas pela diversidade de participantes, com a presença de mulheres de diferentes idades, raças, orientações sexuais e religiões, que se uniram contra o candidato da extrema-direita¹⁹. A campanha #EleNão também contou com apoio de celebridades, artistas, intelectuais e líderes políticos, que se manifestaram publicamente em defesa dos direitos das mulheres e contra a candidatura de Bolsonaro. Apesar da mobilização das mulheres e de outros movimentos sociais, Jair Bolsonaro venceu a eleição presidencial em 2018, com 55,13% dos votos válidos²⁰.

A campanha de Jair Bolsonaro à presidência do Brasil em 2018 foi marcada pela utilização de redes sociais e pela polarização política. Bolsonaro, que assim como Trump, se apresentava como candidato “*anti-establishment*”, conseguiu mobilizar uma base de apoio

¹⁶Greve dos caminhoneiros: a cronologia dos 10 dias que pararam o Brasil. **BBC News Brasil**, Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44302137>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

¹⁷**Protestos contra Bolsonaro ocorrem em 26 estados e DF; atos a favor, em 16**. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/09/29/manifestantes-fazem-atos-a-tarde-contras-e-favor-de-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

¹⁸**Bolsonaro em 25 frases polêmicas**. DW. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-em-25-frases-pol%C3%AAmicas/a-46065201>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

¹⁹#EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. **BBC News Brasil**, Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

²⁰**Jair Bolsonaro é eleito presidente e interrompe série de vitórias do PT**. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-e-interrompe-serie-de-vitorias-do-pt.ghtml>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

ampla e fiel, especialmente entre eleitores conservadores, evangélicos e defensores de uma agenda de segurança pública mais dura.

Se é verdade que alguns grupos fascistas contribuíram para a ascensão do Bolsonaro, também é verdade, como temos argumentado em outros lugares (PEREYRA DOVAL, 2021; SOUROUJON et al., 2022) que, independentemente de suas peculiaridades, o presidente é uma consequência da evolução do conservadorismo brasileiro. (...) os governos militares e o surgimento de alguns partidos políticos nos anos 80 imprimiram alguns traços autoritários que ainda hoje estão presentes no Brasil e, de alguma forma, constituem a identidade dos direitistas brasileiros, incluindo o Bolsonaro (PEREYRA DOVAL; SOUROUJON, 2023, p. 653).

Bolsonaro fez uso intensivo de redes sociais para se comunicar com seus eleitores e disseminar informações falsas favoráveis à sua candidatura. Essa estratégia permitiu que sua mensagem fosse difundida de forma rápida e eficiente, alcançando muitas pessoas. A prisão de Lula, principal candidato da esquerda que liderava as pesquisas de intenção de voto até o momento de sua detenção²¹, contribuiu para a vitória de Bolsonaro.

Após a eleição, mudanças significativas foram feitas no governo federal, incluindo a fusão de ministérios e a indicação de militares para cargos-chave. O ex-presidente Jair Bolsonaro eliminou quatro ministérios que foram incorporados a outras pastas. Entre eles, o Ministério do Trabalho e o Ministério da Cultura. Em janeiro de 2019, Sérgio Moro (juiz na Operação Lava-jato) assume o cargo de Ministro da Justiça e Segurança Pública no governo Bolsonaro, deixando o cargo em abril de 2020²². Em novembro de 2019, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que a prisão após condenação em segunda instância não poderia ser automática, o que permitiu a soltura de Lula após 580 dias na prisão²³. Posteriormente, em março de 2021, o ministro do STF Edson Fachin anulou as condenações de Lula no caso do triplex do Guarujá, alegando que a Justiça Federal do Paraná não tinha competência para julgar o caso. Com isso, as condenações foram anuladas e Lula recuperou seus direitos políticos, podendo se candidatar novamente a cargos públicos.

No Brasil, a ascensão da extrema-direita ao poder em 2018 resultou em uma ofensiva contra os direitos das mulheres e a luta contra a opressão patriarcal. Podemos pensar neste

²¹**Pesquisa Datafolha: Lula, 39%; Bolsonaro, 19%; Marina, 8%; Alckmin, 6%; Ciro, 5%.** G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/08/22/pesquisa-datafolha-lula-39-bolsonaro-19-marina-8-alckmin-6-ciro-5.ghtml>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

²²VICTOR, Maurício Ferro, Nathan. **Moro coleciona derrotas e controvérsias na gestão do Ministério da Justiça.** Poder360. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/moro-coleciona-derrotas-e-controversias-na-gestao-do-ministerio-da-justica/>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

²³VICTOR, Mahila Ames de Lara, Sabrina Freire, Douglas Rodrigues, Nathan. **Lula livre: ex-presidente deixa a prisão em Curitiba.** Poder360. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/justica/lula-livre-ex-presidente-deixa-a-prisao-em-curitiba/>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

problema político como uma questão do tempo. A coexistência de pensamentos e ações antagônicas na política, nos mostram exemplos possíveis de uma simultaneidade do não-simultâneo: “passados” autoritários emergem na medida em que demandas de futuros emancipatórios ganham força. A ex-ministra Damares Alves²⁴, que ocupou o cargo de Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos durante todo o governo Bolsonaro, foi uma das principais líderes dessa ofensiva. A ex-ministra e atual senadora da República, que é pastora e advogada, defende publicamente posições conservadoras e reacionárias em relação aos direitos das mulheres, tais como a proibição do aborto em qualquer circunstância e a defesa da abstinência sexual como método contraceptivo, além de suas declarações sobre temas como a educação sexual nas escolas, o feminismo e os direitos LGBTQIA+. Ela já chegou a afirmar que a “nova era” do Brasil seria liderada por “meninos vestindo azul e meninas vestindo rosa”²⁵.

No fatídico 2020, a informação sigilosa de que uma menina de dez anos faria, legalmente, a interrupção da gravidez, após descobrir a gestação fruto de estupro e abuso sexual do tio, foi vazada²⁶. Com a localização de onde aconteceria o procedimento legal, grupos extremistas da direita cristã resolveram se “manifestar” contra o aborto, vitimando mais uma vez a criança de dez anos que buscava seu direito de viver:

Estuprada desde os 6 anos por um tio, a vítima e sua família perderam a privacidade inerente a casos tão violentos como este. Do lado de fora da clínica, um grupo de pessoas de mãos dadas gritavam “Assassino” para o médico Moraes Filho. A vó, no entanto, estava segura da decisão tomada, seguindo o pedido da própria neta²⁷ (JIMÉNEZ, 2020).

Damares negou que a informação teria sido vazada pela pasta que comandava no governo, mesmo tendo sido aberta uma apuração pela PGR²⁸ sobre a possível interferência.

Em 2022, a juíza Joana Ribeiro Zimmer, do estado de Santa Catarina, questionou em audiência se uma menina vítima de estupro, de 11 anos, poderia suportar a gravidez “só mais

²⁴“Estado é laico, mas esta ministra é terrivelmente cristã”, diz Damares ao assumir Direitos Humanos. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/02/estado-e-laico-mas-esta-ministra-e-terrivelmente-crista-diz-damares-ao-assumir-direitos-humanos.ghtml>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

²⁵Menino veste azul e menina veste rosa, diz Damares em vídeo. Exame. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damares-em-video/>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

²⁶Damares afirma que não vazou informações sobre menina vítima de estupro. Congresso em Foco. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/direitos-humanos/damares-afirma-que-nao-vazou-informacoes-sobre-menina-vitima-de-estupro/>>. Acesso em: 6 dez. 2023

²⁷JIMÉNEZ, Carla. Menina de 10 anos violentada faz aborto legal, sob alarde de conservadores à porta do hospital. El País Brasil. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-16/menina-de-10-anos-violentada-fara-aborto-legal-sob-alarde-de-conservadores-a-porta-do-hospital.html>>. Acesso em: 6 dez. 2023.

²⁸PGR apura se Damares tentou impedir aborto de vítima de estupro. Consultor Jurídico. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2020-nov-09/pg-r-apura-damares-tentou-impedir-aborto-vitima-estupro/>>. Acesso em: 6 dez. 2023.

um pouquinho”²⁹ para a segurança do bebê, induzindo a vítima a desistir do aborto que tinha direito. Após audiência, a menina foi mantida pela justiça durante um mês longe da família, num abrigo, com a finalidade de não acessar o aborto autorizado³⁰. Após a grande repercussão do caso, o Ministério Público Federal em Florianópolis, emitiu nota de que a vítima realizou o procedimento de interrupção de gravidez à que tinha direito na capital³¹.

A presente pesquisa nasce a partir da leitura de *The Handmaid's Tale* (1985), romance de Margaret Atwood, no ano de 2018. O impulso de ler o romance se deu pelo lançamento da série de televisão adaptada da narrativa, em 2017. Com notável aumento da popularidade da narrativa, várias associações e apropriações foram feitas. Mulheres ao redor do mundo vestidas como *Offred*, usando capas vermelhas como as aias de Gilead, protestaram contra os retrocessos nos direitos reprodutivos das mulheres instigando curiosidade e possibilidades de pesquisa. No ano de 2019, devido ao contexto político e histórico desenvolvido anteriormente, nasce o projeto de mestrado sobre a narrativa de *The Handmaid's Tale* e como esta poderia se relacionar historicamente com a atualidade dentro da área de teoria da história.

Em 2020, o mundo foi impactado com a pandemia do novo coronavírus (COVID-19). A partir do mês de março, com a rápida disseminação do vírus, aconteceram restrições generalizadas de viagens, quarentenas obrigatórias e o fechamento de fronteiras, a fim de conter a propagação do vírus. Por alguns meses, “o mundo parou”, mas a vida não deixou de acontecer. Medidas de distanciamento social foram amplamente adotadas, incluindo o fechamento de escolas, empresas e locais públicos, afetando significativamente a vida cotidiana das pessoas. A comunidade científica trabalhou arduamente para compreender o vírus, identificar tratamentos eficazes e desenvolver vacinas, resultando em um rápido desenvolvimento de várias vacinas seguras e eficazes. Alguns países contaram com instituições de saúde pública envolvidas em um esforço conjunto para aumentar a capacidade de teste, rastreamento de contatos e isolamento de casos confirmados. Ao mesmo tempo, a pandemia expôs disparidades sociais e de saúde, com grupos marginalizados e vulneráveis sendo desproporcionalmente

²⁹ DIAS, Paula Guimarães, Bruna de Lara, Tatiana. Vídeo: em audiência, juíza de SC induz menina de 11 anos grávida após estupro a desistir de aborto legal. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2022/06/20/video-juiza-sc-menina-11-anos-estupro-aborto/>>. Acesso em: 6 dez. 2023.

³⁰ **Aborto negado por juíza de SC à menina de 11 anos estuprada repercute na imprensa internacional.** G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/06/23/aborto-negado-por-juiza-de-sc-a-menina-de-11-anos-estuprada-repercute-na-imprensa-internacional.ghtml>>. Acesso em: 6 dez. 2023.

³¹ **Menina de 11 anos que foi estuprada em SC consegue fazer aborto, diz MPF.** G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/06/23/menina-de-11-anos-que-foi-estuprada-em-sc-consegue-fazer-aborto-diz-mpf.ghtml>>. Acesso em: 6 dez. 2023.

afetados. As consequências econômicas foram amplamente sentidas, levando a um aumento do desemprego e da pobreza em muitos países.

A pandemia do coronavírus em 2020 representou um desafio multifacetado para a sociedade global, exigindo a colaboração entre governos, organizações internacionais, profissionais de saúde e a população em geral para enfrentar e mitigar os impactos dessa crise de saúde pública. No Brasil, a gestão da pandemia impôs uma série de dificuldades aos brasileiros, abrangendo diversas esferas da vida social e econômica. Em termos de saúde, a falta de recursos adequados e a infraestrutura precária do sistema de saúde tornaram o acesso a serviços médicos desafiador. Além disso, a disseminação acelerada do vírus em comunidades de baixa renda e áreas urbanas densamente povoadas agravou a situação, dificultando o controle da transmissão e sobrecarregando os sistemas de saúde locais. No âmbito socioeconômico, o fechamento de estabelecimentos comerciais e as restrições de mobilidade resultaram em um aumento substancial do desemprego e da pobreza, com impactos negativos na renda e na segurança alimentar das famílias. Adicionalmente, a suspensão das atividades escolares presenciais trouxe desafios no acesso à educação, especialmente para estudantes de baixa renda que não possuíam os recursos tecnológicos necessários para o ensino à distância.

As políticas negacionistas em relação à pandemia do coronavírus (COVID-19) foram observadas tanto no Brasil quanto em outras partes do mundo durante os anos de 2020 e 2021. Sobre o conceito de negacionismo, podemos pensar no sentido histórico do termo a partir da apresentação do dossiê “Negacionismo: História, Historiografia e perspectivas de pesquisa” da Revista Brasileira de História, edição de agosto de 2021:

O termo negacionismo, para se referir a grupos e indivíduos que negavam a existência das câmaras de gás e o extermínio em massa dos judeus durante o regime nazista, foi popularizado pelo historiador francês Henry Rousso (1987, p. 166). A palavra passou a ser usada em sentido contrário ao empregado pelos próprios negacionistas, que se viam como fundadores de uma “escola revisionista” (a denominação é do negacionista Roubert Faurisson) e pretendiam conferir credibilidade intelectual e científica ao que não passava de falsificação e de distorção de evidências. (...) Esse aspecto nos sugere, portanto, que o negacionismo histórico pode ser pensado como um mosaico de falas, práticas e representações mobilizadas com o objetivo de legitimar certas leituras dos nossos passados sensíveis – sobretudo de suas violências, seus extermínios e dominação dos mais vulneráveis (VALIM; AVELAR; BEVERNAGE, 2021, p. 14-15).

No Brasil, o ex-presidente da República Jair Bolsonaro, minimizou a gravidade da pandemia, desacreditou as recomendações científicas e as medidas de controle adotadas

globalmente, ironizando doentes³² e causando danos irreparáveis à população. Essas políticas negacionistas foram caracterizadas por declarações públicas que questionaram a eficácia do distanciamento social, do uso de máscaras e até mesmo da vacinação.

O negacionismo está na moda – tão na moda que agora temos até chefes de Estado a seu serviço. Não nos foram oferecidos poucos espetáculos degradantes por Jair Bolsonaro, Donald Trump e Boris Johnson, para citarmos só três, ao longo da pandemia da COVID-19. Ancorados em uma ampla rede de desinformações, todos se esforçaram ao máximo para negar tanto o impacto destruidor do novo coronavírus quanto as medidas profiláticas contra ele. Conhecemos o resultado: só no Brasil, o número de mortos ultrapassou as centenas de milhares sem que nenhum deles tenha merecido maior consideração do presidente além de um (miserável) “e daí?”. O negacionismo transformado em política pública: nada surpreendente para o governo de um admirador de torturadores e dedicado à disseminação de falsidades (AVILA, 2021, p. 162).

Testes³³ e disseminação de notícias falsas sobre remédios ineficazes ao vírus³⁴, falta de oxigênio nos hospitais³⁵, grandes festas clandestinas, desvio de dinheiro para a compra de respiradores, sigilo de cem anos na carteira de vacinação e boicote aos dados oficiais sobre a Covid, foram alguns dos muitos exemplos de descasos com a vida e com o coletivo em nosso país.

O negacionismo, neste início de novo milênio, tornou-se mais multifacetado, definindo-se não mais apenas em função dos conhecidos negadores do Holocausto, mas também a partir de uma miríade de formas de negação de outros genocídios e de reconstruções revisionistas de passados mais ou menos sensíveis em diversos países (VALIM; AVELAR; BEVERNAGE, 2021, p. 17).

Sobre os dados, o governo federal se negou a divulgar dados e o levantamento dos números de mortos e infectados ficou a cargo dos municípios e do consórcio de veículos de imprensa criado para este propósito³⁶. Essa abordagem contrária às evidências científicas gerou confusão e desinformação entre a população, comprometendo a adesão às medidas de saúde

³² **Bolsonaro imitou paciente com falta de ar durante transmissões ao vivo na internet em 2021.** G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/08/22/bolsonaro-imitou-paciente-com-falta-de-ar-durante-transmissoes-ao-vivo-na-internet-em-2021.ghtml>>. Acesso em: 13 jul. 2023.

³³ **O Estudo de Manaus, as 22 mortes e os resultados previsíveis, escreve Paula Schmitt.** Poder360. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/opiniao/o-estudo-de-manauas-as-22-mortes-e-os-resultados-previsiveis-escreve-paula-schmitt/>>. Acesso em: 13 jul. 2023.

³⁴ **App do Ministério da Saúde indica cloroquina até a bebês com diarreia [21/01/2021].** Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2021/01/21/app-da-saude-indica-cloroquina-ate-a-bebes.htm>>. Acesso em: 13 jul. 2023.

³⁵ **CCI/ENSP. Falta de oxigênio causa mortes e revela colapso em Manaus, que já soma mais de quatro mil mortes em 2021.** Disponível em: <<https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50926>>. Acesso em: 13 jul. 2023.

³⁶ **Criado para divulgar dados sobre Covid, consórcio de veículos de imprensa chega ao fim.** G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2023/01/28/criado-para-divulgar-dados-sobre-covid-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-chega-ao-fim.ghtml>>. Acesso em: 13 jul. 2023.

pública e dificultando o controle da transmissão do vírus. Essas políticas negacionistas contribuíram para uma resposta fragmentada e ineficaz à pandemia, prolongando a propagação do vírus e agravando os impactos na saúde pública. No atual levantamento de dados do governo sobre os números da Covid³⁷, são 704.320 óbitos confirmados.

Em 2020 se deu as eleições presidenciais nos EUA. Após um intenso processo eleitoral, o candidato democrata Joe Biden emergiu como o vencedor, conquistando a maioria dos votos do Colégio Eleitoral³⁸. A derrota de Trump foi significativa, considerando seu mandato de quatro anos, em que implementou uma agenda política controversa. Vários fatores podem ter contribuído para a derrota de Trump, incluindo a resposta do governo à pandemia do coronavírus, a polarização política e social do país, bem como a mobilização e engajamento eleitoral de diversos grupos demográficos. A derrota do presidente Donald Trump nas eleições, ocorreu em meio a um contexto sociopolítico marcado pelo crescimento e mobilização do movimento *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam)³⁹. Esse movimento ganhou força e visibilidade em resposta a uma série de incidentes de violência policial contra pessoas negras, que geraram protestos e um clamor por justiça racial. O assassinato de George Floyd⁴⁰ em maio de 2020 foi um evento que desencadeou uma onda de manifestações em todo o país e no mundo. A derrota de Trump ocorreu em um momento em que a demanda por igualdade racial e justiça social estava no centro das atenções e influenciou a opinião pública.

A invasão ao Capitólio dos EUA, em 6 de janeiro de 2021, foi um evento marcante que expôs a influência da extrema direita radical no país. Apoiadores de Donald Trump que negavam a derrota do candidato, seguiram em direção a sede do poder legislativo dos EUA, e forçaram sua entrada, interrompendo a sessão conjunta do Congresso para certificar a vitória eleitoral do presidente eleito Joe Biden. A invasão foi marcada por atos de violência, vandalismo e saques, resultando em mortes⁴¹ e ferimentos. A presença de grupos e indivíduos ligados à extrema direita, como supremacistas brancos, nacionalistas brancos e

³⁷ **Coronavírus Brasil**. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 13 jul. 2023.

³⁸ PODER360. **Joe Biden é oficialmente eleito presidente dos EUA**. Poder360. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/internacional/biden-e-oficialmente-eleito-presidente-norte-americano/>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

³⁹ **Como três mulheres criaram o movimento global Black Lives Matter a partir de uma hashtag**. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/12/20/como-tres-mulheres-criaram-o-movimento-global-black-lives-matter-a-partir-de-uma-hashtag.ghtml>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

⁴⁰ Polícia que matou George Floyd tinha rotina de racismo. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/mundo/policia-que-matou-george-floyd-tinha-rotina-de-racismo/>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

⁴¹“Banho de sangue às vezes é inevitável”: por dentro do ato que levou a invasão histórica e estado de emergência em Washington. **BBC News Brasil**, Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55572422>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

conspiracionistas, foi evidente durante o ataque. Esses grupos, muitas vezes envolvidos em teorias de conspiração⁴², propagandas de ódio e ideologias antidemocráticas, viram a invasão como uma forma de contestar os resultados eleitorais e promover sua agenda radical. De acordo com Martins (2022, p. 20), o fascismo estadunidense se caracteriza por apelar ao racismo como parte de sua estratégia de construção de uma identidade nacional anglo-saxã e caucasiana. Os principais inimigos elencados seriam a China socialista, o nacionalismo revolucionário, o multiculturalismo e a imigração latina, asiática e africana. A ofensiva ideológica irracionalista se utiliza de meios como igrejas do fundamentalismo cristão pentecostal, redes sociais e partes da grande mídia (MARTINS, 2022, p. 20).

Adapta a teoria da grande substituição, criada pelo francês Reinald Camus para banir a população muçulmana da França, com a finalidade de alvejar a imigração, especialmente latina e caribenha, imputando-lhe um risco à preservação da identidade cultural e racial estadunidense. Sua tendência à ruptura com a ordem e as políticas liberais se evidenciam no assalto ao Capitólio e numa política externa que rompe com o internacionalismo liberal e as suas lutas contra as “autocracias” (MARTINS, 2022, p. 20).

O ano de 2022 ficou marcado no Brasil pelas eleições presidenciais. Luiz Inácio Lula da Silva, concorreu ao seu terceiro mandato contra Jair Bolsonaro, que tentava reeleição. Diante de muita apreensão, violência política contra a esquerda⁴³ e discursos midiáticos sobre “polarização”, Lula é eleito pelo povo com 50,83% dos votos válidos⁴⁴. Com o resultado das eleições, diversas manifestações golpistas aconteceram, incluindo acampamentos – financiados – em frente aos quartéis gerais do exército durante meses⁴⁵.

As eleições no Brasil indicaram tanto essa debilidade do fascismo na derrota de Jair Bolsonaro, quanto sua capacidade organizacional de substituir e reduzir a um nicho estrito a centro-direita tradicional neoliberal na polarização com as esquerdas. (...) O fascismo, por outro lado, apesar do seu fortalecimento se vê em uma situação de grande vulnerabilidade. Suas frações mais extremas exigem intervenção militar para impedir a posse e o governo de Lula, mas seu líder se torna acossado por um dilema: se adere e assume a rota do Trump, pode acelerar os processos no Poder Judiciário – onde não possui maioria – contra si; se assume uma feição moderada e negociadora,

⁴²SEISDEDOS, Iker. “**Xamã do QAnon**”, símbolo do ataque ao Capitólio, é condenado a mais de 3 anos de prisão. El País Brasil. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2021-11-17/xama-do-qanon-simbolo-do-ataque-ao-capitolio-e-condenado-a-mais-de-3-anos-de-prisao.html>>. Acesso em: 13 jul. 2023.

⁴³ **Jamil Chade - Violência política coloca o Brasil no radar da ONU**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2022/07/16/violencia-politica-coloca-o-brasil-no-radar-da-onu.htm>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

⁴⁴ **Lula é eleito novamente presidente da República do Brasil**. Justiça Eleitoral. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/lula-e-eleito-novamente-presidente-da-republica-do-brasil>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

⁴⁵ **Acampamentos golpistas começam a ser desmobilizados no país**. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/09/acampamentos-golpistas-comecam-a-ser-desmobilizados-no-pais.ghml>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

perde prestígio junto a ala mais radical que o apoia (MARTINS, 2022, p. 22-23).

Embora Jair Bolsonaro tenha sido derrotado nas urnas, suas ações após a derrota foram de incentivar o golpismo e abandonar o cargo antes de acabar o mandato, indo embora do Brasil antes da posse de seu sucessor⁴⁶. Sua adesão entre uma ala radical de extrema-direita continuou forte e sendo financiada por grandes empresários, fazendeiros e religiosos⁴⁷ que articularam, à exemplo dos EUA, uma tentativa de golpe de estado. Na tarde do dia 8 de janeiro de 2023, ocorreu uma ação de invasão e vandalismo por parte de bolsonaristas, criminosos e golpistas nas instalações do Congresso Nacional, do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Palácio do Planalto, onde se encontra a sede da Presidência da República, em Brasília⁴⁸. Esse ataque, que teve como alvo as três principais instituições do poder no Brasil, representa terrorismo doméstico visando um atentado contra a democracia. Durante a invasão, a barbárie imperou: vidraças e móveis foram quebrados, vandalizaram e roubaram obras de arte e objetos históricos, invadiram gabinetes de autoridades, rasgaram documentos e cometeram roubo de armas⁴⁹. Os atos criminosos foram filmados e transmitidos pelos próprios terroristas em suas redes sociais.

Em 26 de abril de 2023, o Presidente do Congresso Nacional, Senador Rodrigo Pacheco, realizou a leitura do requerimento para a criação de uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) no Senado Federal. Essa comissão foi efetivamente instalada em 25 de maio do mesmo ano. A criação de uma CPMI tem como objetivo investigar questões específicas de interesse público e pode abranger diferentes áreas, como política, economia, saúde (à exemplo da CPI da Covid), entre outras. A instalação dessa comissão demonstra o comprometimento do Congresso Nacional em promover a transparência, a responsabilização e a busca por informações relevantes para o bem-estar da sociedade. Conforme o documento disponibilizado no portal do Senado⁵⁰, em nome da Relatora Senadora Eliziane Gama:

⁴⁶ “**Não há dúvida de que houve tentativa de golpe de Estado**”, afirma Dino. Agência Brasil. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-06/nao-ha-duvida-de-que-houve-tentativa-de-golpe-de-estado-afirma-dino>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

⁴⁷ FONSECA, Mariana. CORREIA, Nathallia. **Pastores articularam caravanas e convocaram ataques em Brasília**. Disponível em: <<https://apublica.org/2023/01/a-face-religiosa-do-terrorismo-pastores-articularam-caravanas-e-convocaram-ataques-em-bsb/>>. Acesso em: 14 jul. 2023

⁴⁸ **Terrorismo em Brasília: o dia em que bolsonaristas criminosos depredaram Planalto, Congresso e STF**. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/01/08/o-dia-em-que-bolsonaristas-invadiram-o-congresso-o-planalto-e-o-stf-como-isso-aconteceu-e-quais-as-consequencias.html>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

⁴⁹ **fatores que explicam os ataques de 8 de janeiro em Brasília**. BBC News Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cye7egj6y1no>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

⁵⁰ **CPMI - 8 de Janeiro - Comissão Parlamentar Mista de Inquérito dos Atos de 8 de Janeiro de 2023 - Atividade Legislativa - Senado Federal**. Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2606>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

A CPMI foi proposta com o objetivo de investigar os fatos que culminaram na invasão das sedes dos Três Poderes da República, ocorrida em Brasília, no último dia 8 de janeiro. De acordo com a justificação que acompanhou o Requerimento (CN) nº 1, de 2023, esta CPMI teria por objetivo apurar as responsabilidades pela invasão da Sede dos Três Poderes, buscando esclarecer quem planejou, executou e se omitiu, quando por força legal deveria ter agido para evitar o ocorrido, contribuindo, assim, para a individualização das condutas com vistas à aplicação das sanções cabíveis.

Devido abuso de poder político e uso indevido dos meios de comunicação, o ex-presidente Jair Bolsonaro foi declarado inelegível pelos próximos 8 anos. Com a maioria de votos (5 a 2) pelo Plenário do Tribunal Superior Eleitoral (TSE):

Ficou reconhecida a prática de abuso de poder político e uso indevido dos meios de comunicação durante reunião realizada no Palácio da Alvorada com embaixadores estrangeiros no dia 18 de julho do ano passado. Walter Braga Netto, que compôs a chapa de Bolsonaro à reeleição, foi excluído da sanção, uma vez que não ficou demonstrada sua responsabilidade na conduta. Nesse ponto, a decisão foi unânime. O julgamento foi encerrado na tarde desta sexta-feira (30) com a proclamação do resultado pelo presidente da Corte, ministro Alexandre de Moraes⁵¹.

Suscitando o contexto histórico apresentado, esta dissertação busca compreender de que maneiras podemos compreender o livro *The Handmaid's Tale*, dentro da perspectiva de História Global proposta por Sebastian Conrad:

Uma definição preliminar de história global pode ser formulada da seguinte maneira: é uma forma de análise histórica que situa os fenômenos, os eventos e dos processos em contextos globais. No entanto, não existe consenso sobre o caminho que se deve percorrer para atingir tal resultado. Existem muitas outras abordagens que competem, hoje, pela atenção dos investigadores: desde a história comparada e transnacional, à história mundial, passando pela “grande história”, pelos estudos pós-coloniais e pela história da globalização. Tal como a história global, estas perspectivas também procuram expor e explicar as conexões do passado (CONRAD, 2019, p. 16).

Resumidamente, *The Handmaid's Tale* é um romance distópico escrito por Margaret Atwood, publicado em 1985. A história é ambientada em uma sociedade totalitária chamada República de Gilead, que substituiu os Estados Unidos da América. O livro é narrado por *Offred*, uma das "Aias", mulheres férteis designadas para procriar com os líderes da elite estéril. A narrativa se desenrola em *flashbacks* e no presente, onde *Offred* descreve a vida em Gilead. Nessa sociedade, os valores religiosos extremistas substituíram a democracia e os direitos civis. As mulheres são classificadas em diferentes categorias, como Esposas, Marthas, Aias e Tias, cada uma com funções e privilégios específicos. As Aias são mulheres selecionadas por sua

⁵¹ **Por maioria de votos, TSE declara Bolsonaro inelegível por 8 anos.** Justiça Eleitoral. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

fertilidade e são submetidas a um regime opressivo, com o objetivo de procriar. As aias são obrigadas a usar roupas vermelhas distintivas, cobrir seus corpos e enfrentar punições severas por qualquer desobediência. Sobre as vestimentas das castas de Gilead, a autora explica⁵²:

As esposas usam o azul da pureza, da Virgem Maria; as Aias usam vermelho pelo sangue do parto, mas também por Maria Madalena. Além disso, o vermelho é mais fácil de ver se você quiser fugir. Muitos regimes totalitários recorreram à roupa – tanto proibindo alguns itens, como obrigando a usar outros – para identificar e controlar as pessoas – pensemos nas estrelas amarelas, e no roxo dos romanos –, e em muitos casos se esconderam atrás da religião para governar. Assim é muito mais fácil apontar os hereges (ATWOOD, 2017).

Offred, cujo verdadeiro nome é desconhecido, narra suas experiências e pensamentos enquanto serve como Aia para o Comandante e sua esposa, Serena Joy. Ela é controlada e vigiada constantemente, não tem permissão para ter contato com o mundo exterior e é submetida a cerimônias mensais de reprodução (estupro assistido pela Esposa) com o Comandante.

A cerimônia acontece como de costume. Deito-me de barriga para cima, completamente vestida. Exceto pelos amplos calções de algodão. Acima de mim, em direção à cabeceira da cama, Serena Joy está posicionada, estendida. Suas pernas estão abertas, deito-me entre elas, minha cabeça sobre sua barriga, seu osso púbico sob a base de meu crânio, suas coxas uma de cada lado de mim. Ela também está completamente vestida. Meus braços estão levantados; ela segura minhas mãos, cada uma das minhas numa das dela. Isso deveria significar que somos uma mesma carne, um mesmo ser. O que realmente significa é que ela está no controle do processo e, portanto, do produto. Se houver algum. Os anéis de sua mão esquerda se enterram em meus dedos. Pode ser ou não vingança. Minha saia vermelha é puxada para cima até minha cintura, mas não acima disso. Abaixo dela o Comandante está fodendo. O que ele está fodendo é a parte inferior de meu corpo. Não digo fazendo amor, porque não é o que ele está fazendo. Copular também seria inadequado porque teria como pressuposto duas pessoas e apenas uma está envolvida. Tampouco estupro descreve o ato: nada está acontecendo aqui que eu não tenha concordado formalmente em fazer. Não havia muita escolha, mas havia alguma, e isso foi o que escolhi. (...) Talvez eu esteja louca e isto seja algum novo tipo de terapia. Gostaria que fosse verdade; então eu melhoraria e isto acabaria⁵³ (ATWOOD, 2017b, p. 114-115).

⁵² ATWOOD, Margaret. **Tribuna | Margaret Atwood: Maldita profecia**. EL PAÍS. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/12/eps/1494603374_701338.html>. Acesso em: 14 jul. 2023.

⁵³ The Ceremony goes as usual. I lie on my back, fully clothed except for the healthy white cotton underdrawers. Above me, towards the head of the bed, Serena Joy is arranged, outspread. Her legs are apart, I lie between them, my head on her stomach, her pubic bone under the base of my skull, her thighs on either side of me. She too is fully clothed. hers. This is supposed to signify that we are one flesh, one being, what it really means is that she is in control, of the process and thus of the product. If any. The rings of her left hand cut into my fingers. It may or may not be revenge. My red skirt is hitched up to my waist, though no higher. Below it the Commander is fucking. What he is fucking is the lower part of my body. I do not say making love, because this is not what he's doing. Copulating too would be inaccurate, because it would imply two people and only one is involved. Nor does rape

A aia narra a transformação gradual da sociedade, a supressão dos direitos das mulheres e a ascensão do regime autoritário. Ela também aprende sobre a rede *Mayday*, um grupo de resistência. O livro termina com uma nota ambígua, deixando em aberto o destino de *Offred*. Brevemente, a distopia de Atwood segue esta estrutura. Buscamos no decorrer deste trabalho, apresentar e analisar a obra de forma mais profunda.

Esta dissertação é dividida por três capítulos contendo dois subcapítulos cada um deles. A estrutura pensada para os capítulos foi: (1) apresentar o conceito de distopia em diferentes abordagens dentro da historiografia e literatura e fazer uma discussão visando transformar o conceito histórico distopia em categoria operacional de análise; (2) abordar o espaço, envolvendo a globalidade de movimentos feministas e literatura; (3) abordar o tempo e como sua não-linearidade faz parte da obra.

No capítulo inicial, procuramos desenvolver o conceito de distopia como uma categoria de análise operacional de *The Handmaid's Tale*, o objeto de pesquisa dessa dissertação. Nesse sentido, apresentamos uma compreensão abrangente do conceito de distopia, considerando diferentes abordagens e autores dentro da historiografia e da literatura. No tópico 1.2, nos aprofundamos na literatura produzida por mulheres, destacando a presença de obras distópicas feministas ao longo do século XX. Exploramos como essas obras trazem reflexões críticas sobre questões de gênero, poder e opressão.

No primeiro tópico do segundo capítulo, nosso objetivo é explorar as diversas manifestações feministas ocorridas entre os anos de 2017 e 2023, estabelecendo conexões e comparações entre a realidade e a ficção retratada em *The Handmaid's Tale*, focando nos espaços - global, local, glocal - em que acontecem estas manifestações. Para o entendimento do conceito de “glocalidade”, pensamos a partir das ideias de Jan Ifversen e sobre história global, Sebastian Conrad. Analisaremos como a obra literária reflete e dialoga com eventos contemporâneos, destacando os espaços nos quais ocorrem as lutas feministas e as transformações sociais. Neste tópico, também dialogamos com as aproximações dos trabalhos da pesquisadora Isabela Gomes Parucker. No tópico subsequente, dedicaremos nossa atenção à compreensão de como a literatura pode ser concebida não apenas como uma representação ou fonte histórica, mas como uma força atuante que une passado, presente e futuro. Neste ponto, buscaremos compreender a dimensão temporal da literatura, explorando as ideias de Antonio

cover it: nothing is going on here that I haven't signed up for. There wasn't a lot of choice but there was some, and this is what I chose. (...) Maybe I'm crazy and this is some new kind of therapy. I wish it were true; then I could get better and this would go away (ATWOOD, 2017a, p. 93-94).

Candido, Sandra Jatahy Pesavento, Sebastian Conrad, e Júlio Benvivoglio. Por meio dessas perspectivas teóricas, examinaremos como a literatura transcende a noção linear do tempo, tornando-se um agente que estabelece diálogos entre diferentes períodos históricos e possibilita reflexões sobre a sociedade e as questões feministas em constante transformação.

No terceiro capítulo, abordaremos o tempo. O primeiro tópico, tem como objetivo examinar a maneira como a estrutura não-linear de tempo se manifesta na obra em questão, com foco na análise da primeira parte do livro, além de explorar seu contexto histórico. Procuramos também, abrir diálogo sobre a influência da obra 1984 e de George Orwell na criação de Margaret Atwood. Considerada "ficção especulativa" pela autora, percebemos diferentes períodos históricos que são incorporados: (1) a Modernidade Tardia, que remete à infância da autora e é marcada pela influência dos regimes totalitários da Segunda Guerra Mundial, bem como pelo período em que a obra foi escrita, contendo as influências do *backlash* feminista na mídia e na política; (2) a Modernidade Clássica, com inspirações nas raízes da colonização americana, no puritanismo e na poligamia dos primeiros mórmons; (3) o Tempo Sagrado, com trechos da Bíblia utilizados para justificar a prática de "barrigas de aluguel"; (4) o tempo distópico de Gilead, apresentado e analisado por especialistas no epílogo do livro, que se passa no futuro.

O epílogo do livro, *Historical Notes on The Handmaid's Tale*, é o tema abordado no segundo e último tópico da dissertação. Buscamos explorar, especialmente, de que maneira este epílogo da obra pode ser entendido como crítica da autora a um fazer historiográfico excludente e misógino. Para esta análise, debates estabelecidos por historiadores como François Hartog, Reinhart Koselleck e Maria da Glória de Oliveira orientarão o capítulo. No epílogo, Margaret Atwood remontou a transcrição parcial das atas do Décimo Segundo Congresso sobre Estudos Gileadeanos, realizado como parte da Convenção da Associação Histórica Internacional no ano de 2195. As *Historical Notes on The Handmaid's Tale*, são apresentadas por dois professores que explicam o processo de transcrição de fitas cassete com os relatos da aia *Offred*. As transcrições e a ordem dos relatos transcritos foram feitas pelos professores, que intitularam seu trabalho de *The Handmaid's Tale*.

CAPÍTULO 1: DEFINIÇÕES DE DISTOPIA

No primeiro capítulo da dissertação, procuramos apresentar e debater o conceito de distopia a partir de diferentes teóricos, assim como suas diferentes abordagens dentro da historiografia e debater sobre a literatura de mulheres e a presença de obras distópicas feministas no século XX.

Gosto de saber o que você pensa, diz a voz dele, vinda de trás de mim. Não penso muito, digo em tom despreocupado. O que ele quer é intimidade, mas não posso lhe dar isso. Para mim, quase não há nenhum sentido em pensar, não é mesmo? digo. O que penso não importa. O que é o único motivo pelo qual ele pode me contar coisas. Vamos, deixe disso, diz ele, pressionando-me ligeiramente com as mãos. Estou interessado em sua opinião. Você é bastante inteligente, deve ter uma opinião. A respeito de que? digo. Do que nós fizemos, diz ele. De como as coisas se resolveram. Mantenho-me completamente imóvel. Tento esvaziar minha mente. Penso a respeito do céu, à noite, quando não há lua. Eu não tenho nenhuma opinião, digo. Ele suspira, relaxa as mãos, mas as deixa sobre os meus ombros. Ele sabe o que penso, sabe muito bem. Não se pode fazer uma omelete sem quebrar os ovos, é o que diz. Pensamos que faríamos melhor. Melhor? digo, em voz baixa, apagada. Como ele pode pensar que isto é melhor? Melhor nunca significa melhor para todo mundo, diz ele. Sempre significa pior, para alguns.⁵⁴

Margaret Atwood

1.1 Leituras sobre o conceito de Distopia e Utopia na Teoria da História

No primeiro tópico deste capítulo, buscamos apresentar o conceito de Distopia no campo da Teoria da História; bem como apresentar discussões sobre o gênero literário da fonte a ser explorada, o livro *The Handmaid's Tale*, feitas pela própria autora da obra, Margaret Atwood e outros teóricos. A partir da revisão bibliográfica de autores como Fátima Vieira, Fredric Jameson, Gregory Clayes, Júlio Bentivoglio, Michael Gordin, Hellen Tilley, Gyan

⁵⁴(ATWOOD, 2017b, p. 249-250).

Prakash, Reinhart Koselleck, Patrícia Vieira e Zoltán Boldizsár Simon, exploramos a diversidade de concepções sobre o tema. Importante dizer que não é nossa intenção subscrever a todas as perspectivas apresentadas, mas tão somente debater e utilizar-se de elementos delas de modo a elaborar o conceito de distopia em uma categoria operacional de análise que corresponda às particularidades do objeto desta dissertação.

Nos últimos anos, distopias literárias e suas adaptações para o cinema e televisão conquistaram grande visibilidade na cultura. Até mesmo o termo “distópico” teve maior repercussão em notícias e conversas informais do cotidiano. Registros indicam que o termo distopia foi utilizado pela primeira vez no ano de 1868. “Ela aparece no Parlamento Britânico na voz de Gregg Webber, seguido por John Stuart Mill, com seu significado sendo sincronizado em oposição à utopia” (BENTIVOGLIO, 2019, p. 95 apud DORNELLES; BONALDO, 2022, p. 22). Em sua composição, a palavra tem pequenas variações da origem grega e latina: o prefixo grego *dys* e latino *dis* indicam dualidade, mau estado, afastamento, negação e intensidade. Por sua vez, o radical *topos*, significa lugar (BENTIVOGLIO, 2019, p. 21). O adjetivo “distópico” geralmente implica futuros falidos de ruína e caos. Distopia e literatura distópica são muitas vezes compreendidas como sinônimos (CLAYES, 2017, p. 5), embora distopias não sejam necessariamente ficcionais quando, por exemplo, observamos desastres ambientais em consequência da destruição das florestas, ameaças de bombas atômicas, entre outros medos plausíveis em curso (LEVITAS, 1990, p. 225). Ficção científica como gênero literário, é, geralmente, reconhecida a partir do século XIX. Existem dois marcos inaugurais possíveis para o gênero: os livros *Frankenstein*, de Mary Shelley (1818) e *A máquina do Tempo* de H.G. Wells (1895) (JAMESON, 2021, p. 24). Consideradas pela teoria literária como “subgênero literário recorrente em romances de ficção científica” (BENTIVOGLIO, 2019, p. 58) e inseridas na consciência literária utópica moderna, assim nascem as distopias (idem p. 40).

Quando a escritora canadense Margaret Atwood é perguntada sobre qual gênero literário ela define *The Handmaid’s Tale*, sua resposta é sempre “Ficção Especulativa” e nunca “Ficção Científica”. Segundo o verbete do Dicionário Digital do Insólito Ficcional⁵⁵ escrito por Alexander Meireles, a definição de Ficção Especulativa e sua diferença para Ficção Científica, seria a de que a primeira teria uma maior atenção nas relações humanas e nas personagens, não na tecnologia criada ou utilizada como armas de raios, carros voadores e robôs. A partir destas definições, a ficção científica convencional passa a receber um olhar de “menosprezo” em relação à ficção especulativa e esta primeira distinção cai em desuso na década de 1960, sendo

⁵⁵FICÇÃO ESPECULATIVA – Dicionário Digital do Insólito Ficcional – e-DDIF. Disponível em: <<https://www.insolitoficcional.uerj.br/ficcao-especulativa/>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

retomada com outro significado na década seguinte. Autoras como Judith Merril, Ursula K. Le Guin e Margaret Atwood, a partir de suas obras, atribuem novos valores ao significado de ficção especulativa, se aproximando de definições como “FC Soft” que seriam focadas nas Ciências Humanas e distanciando da “FC Hard” baseadas nas Ciências Exatas (MEIRELES, 2019). Por não definir suas obras dentro da vertente Ficção Científica, Margaret Atwood gera polêmicas entre estudiosos, escritores e leitores de FC.

Na visão de Atwood, por exemplo, seu romance *O Conto da Aia* (1985) é Ficção Especulativa porque a realidade distópica apresentada na obra pode vir a se tornar realidade. Já a *Guerra dos mundos* (1898), de H. G. Wells, na interpretação da canadense, é Ficção Científica porque traz uma situação que não tem possibilidade de ocorrer. Dentro desta abordagem também se nota indiretamente o uso do rótulo “Ficção Especulativa” por parte de escritores e escritoras que buscam elevar as suas obras de Ficção Científica, mais desenvolvidas em termos de enredo, personagem, e outros elementos da narrativa, em relação às narrativas Pulp de *space opera* enxergadas por estes autores e autoras como pueris e descartáveis por trabalharem com elementos pertencentes a futuros distantes, sem conexão com o momento em que estão inseridas (MEIRELES, 2019).

No perfil da autora para a revista *The New Yorker*, “*Margaret Atwood, the prophet of dystopia*⁵⁶”, escrito por Rebeca Mead e publicado em abril de 2017 no site da revista, a jornalista acompanha a canadense até a *Thomas Fisher Rare Book Library* na Universidade de Toronto, lugar onde Atwood doou as caixas com recortes de jornais pesquisados e utilizados por ela para escrever THT em 1985. Lá, ela é entrevistada sobre o processo criativo de THT. Em 2019, Atwood estava promovendo o livro *The Testaments*, que dá sequência à *The Handmaid’s Tale* e visita novamente a *Fisher’s Library*. Encontramos o perfil de Atwood à *The New Yorker Magazine* e uma sequência de perguntas e respostas feitas para a autora pela editora *Penguin*⁵⁷ neste mesmo local, revelando diferentes ângulos sobre as fontes utilizadas pela autora. Nos recortes, se encontram histórias sobre aborto e contracepção sendo proibidos em países como a Romênia, relatórios canadenses sobre sua queda na taxa de natalidade e artigos dos EUA sobre tentativas de redução ao financiamento federal de clínicas que forneciam serviços de aborto. O caso do recorte feito sobre a Romênia apresentado a seguir: “Hard-working women in Romania can now be fired from their jobs or even hauled away as common criminals for not bearing enough children!” é mencionado na segunda parte do livro,

⁵⁶MEAD, Rebecca. Margaret Atwood, the Prophet of Dystopia. *The New Yorker*, 2017. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2017/04/17/margaret-atwood-the-prophet-of-dystopia>>. Acesso em: 17 jan. 2023.

⁵⁷**Margaret Atwood on the real-life events that inspired *The Handmaid’s Tale* and *The Testaments*.** Disponível em: <<https://www.penguin.co.uk/articles/2019/09/margaret-atwood-handmaids-tale-testaments-real-life-inspiration/>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

“*Historical Notes on The Handmaid’s Tale*”, que será analisado no segundo tópico do terceiro capítulo desta dissertação.

Mas qualquer que tenha sido a causa, os efeitos foram visíveis, e o regime de Gilead não foi o único a reagir a eles na época. A Romênia, por exemplo, havia se antecipado a Gilead nos anos 1980 ao banir todas as formas de controle de natalidade, impondo testes de gravidez compulsórios a toda a população de sexo feminino, e vinculando promoções e aumentos de salários à fertilidade (ATWOOD, 2017b, p. 358).

Entre os recortes, ainda é possível encontrar histórias sobre a ameaça à privacidade representada pela novidade dos cartões de débito à época, audiências no Congresso dos EUA dedicadas à regulamentação de emissões industriais tóxicas e uma nota “um item da Associated Press noticiou que uma congregação católica em Nova Jersey foi tomada por uma seita fundamentalista na qual as esposas eram chamadas de ‘servas’ – uma palavra que Atwood havia sublinhado⁵⁸” (MEAD, 2017). Neste perfil da revista *The New Yorker*, a autora ainda ressalta que durante a escrita de *The Handmaid’s Tale* foi muito rígida ao não incluir nada que não pudesse ter resquícios no passado ou um ponto de comparação moderno, já com o intuito do livro não ser rotulado como Ficção Científica e sim, como Ficção Especulativa. Nesta entrevista para Rebeca Mead, Margaret Atwood dá como exemplo para essa rigidez de pesquisa a citação de Gênesis, 30:1-3 da Bíblia como uma das epígrafes presentes na obra:

A procriação ritualizada no romance - efetivamente, estupro sancionado pelo estado - é extrapolada da Bíblia. “Eis aqui minha serva Bilha, entra a ela; e ela dará à luz sobre meus joelhos, para que eu também possa ter filhos com ela”, recitou Atwood. “Obviamente, eles juntaram os dois e saiu o bebê, que foi dado a Rachel. Sem brincadeiras. Está bem ali no texto.” No livro de Atwood, as Servas são cultivadas, como gado. “Sou levado ao médico uma vez por mês, para exames: urina, hormônios, esfregaço de câncer, exame de sangue” conta Offred. “O mesmo de antes, só que agora é obrigatório” (MEAD, 2017).

⁵⁸ Esta citação é traduzida da matéria escrita na língua inglesa. Todas as traduções seguintes, ao menos que indicado o contrário, são de nossa responsabilidade.

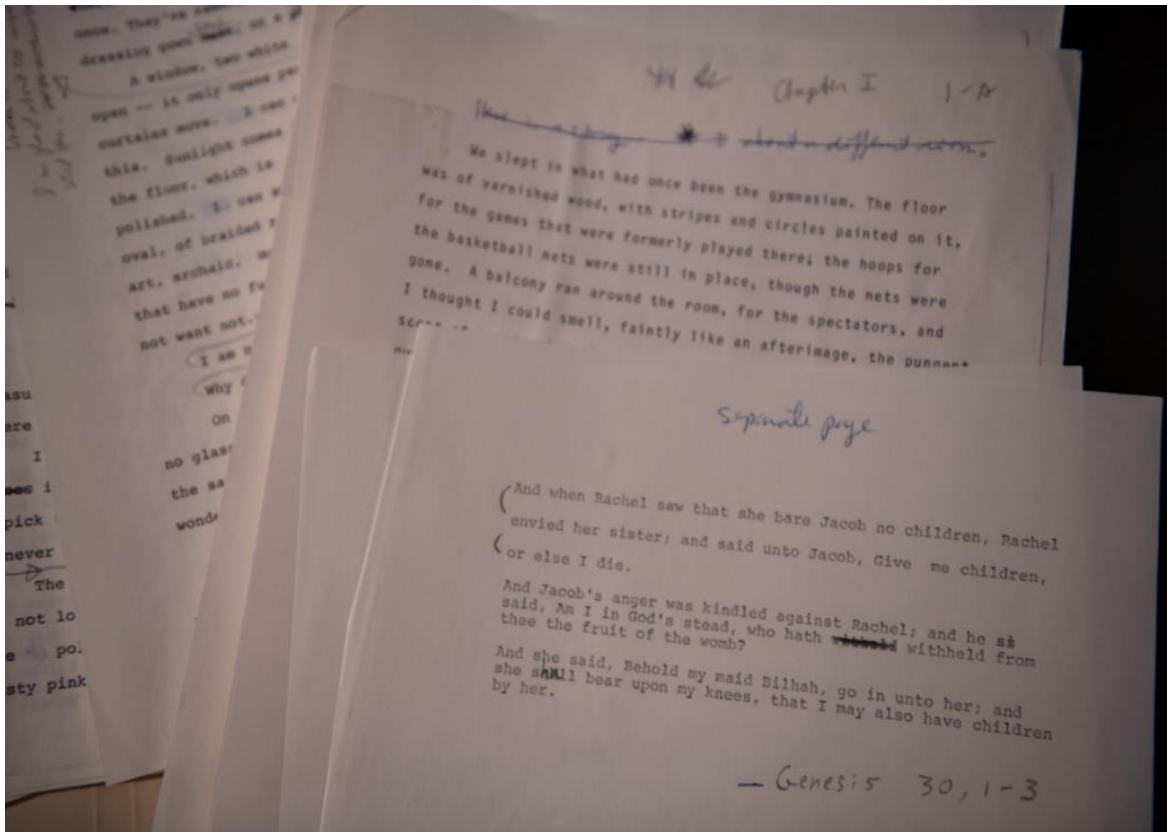


Figura 1: Manuscrito de Margaret Atwood com a epígrafe tirada da passagem bíblica do Gênesis 30:1 – 3.



Figura 2: Margaret Atwood segurando recortes de jornais utilizados para escrever *The Handmaid's Tale* em 1985.

women forced to have babies

C O M M U N I S T
W O M E N are being forced to have babies — and they can be tossed in the slammer if they don't produce.

The latest sicko Red ruling was announced by cold-blooded Romanian President Nicolae Ceausescu who wants women to have more babies so the country will get richer.

Hard-working women in Romania can now be fired from their jobs or even hauled away as common criminals for not bearing enough children!

Duty

Every married woman now has to produce four children as her "patriotic duty."

If she doesn't produce her Commie quota she won't be promoted at work and can lose her job altogether.

And every month, every married woman has to be subjected to the indignity of a pregnancy test per-

By SHEILA O'DONOVAN

formed at work! "Persistent non-pregnancy" will be considered a crime against the state unless a doctor submits an acceptable explanation for why the woman can't do her patriotic duty.

National Examiner
July 30, 1985

The Family-Planning Ploy

By Lawrence Lader

he spirit of the Kemp-Hatch amendment opposing Congressional funding of family planning services reveals the conservative alliance's ultimate strategy. Although defeated in committee by a substitute bill that must still pass the House — Kemp-Hatch could be revived — its ban on Federal funds for any family planning clinic that offers abortion counseling shows the aim of the Fundamentalists, Roman Catholic conservatives and President Reagan. They wish to attack birth control and voluntary sterilization, the foundation of a woman's right to control her childbearing. Their eventual target is to wipe out the women's movement.

Such measures strike at the poor, particularly teen-agers, who could lose their access to contraception and counseling if Federal funds are cut at clinics. An even bigger casualty could be state health departments and hospitals, which together get about 55 percent of their money from Washington.

The irony of this strategy is that if the alliance was serious about diminishing the number of abortions, it would be fostering birth control and sex education programs. Yet the Vatican keeps hammering against birth control.

In America, where National Opinion Research Center studies showed that 90 percent of Catholics no longer considered birth control a sin and used it as much as other faiths, the hierarchy tries to block innovative programs. When 300 of 1,000 students

Lawrence Lader, founding chairman of the National Abortion Rights Action Fund, is president of the Abortion Mobilization.

Conservatives are out to get the women's movement

became pregnant last year, a Chicago high school established a "medical clinic with the aid of a hospital and a state grant. Joseph Cardinal Bernardin lambasted the clinic for promoting a "contraceptive culture" and "cheap solutions." The Kansas City, Kan., archdiocese uses punishment: It stigmatizes pregnant students by dismissing them from parochial school and allows them to return only after they have given up the baby for adoption and convinced the principal of their fitness.

Although a poll showed that 75 percent of the public and 86 percent of teachers thought sex education should be part of the school curriculum, Catholic and Fundamentalist schools have moved timidly. A New York City program has been locked in debate for years. "Right-to-Life" pressure made Suffolk County, N.Y., with the state's highest teenage pregnancy rate, reject funds that would have provided two nurses for school counseling. Christianity Today, a Fundamentalist journal, reports that only six evangelical schools had courses in sexuality in 1983.

Voluntary sterilization, the No. 1 method of birth control for Catholics and Americans in general, has become a particular Vatican target. Despite the conflict with Catholic

dogma, a 1979 study showed that 20 percent of Catholic hospitals performed sterilizations; 47 percent of Catholic hospital staffs reported they wanted to perform them. But the Vatican cracked down and ordered the Sisters of Mercy hospitals system, largest nongovernmental supplier of medical services in the country, to halt all sterilizations.

The conservative alliance has come up with no long-range solutions of its own. It produced the Adolescent Family Life Act, whose main emphasis is on promoting chastity. The only birth control taught is the "rhythm" method, which has a notorious failure rate. Implementation of the act has raised serious issues of church-state separation, being challenged in court, for Federal money under the act has been focused almost entirely on teaching Catholic and Fundamentalist dogma. All but two of 80 programs in Massachusetts, for example, are taught at Catholic schools.

Whether or not opponents succeed in chopping away at Federal money for family planning, the broader threat of the conservative alliance must be recognized. It has damaged the funding of International Planned Parenthood and the United Nations' Fund for Population Activities. It harangues against "contraceptive culture," but its real fear is further equality for women. In the long run, almost every plank in the women's movement depends upon a woman's control of her childbearing. The danger of the right-wing alliance's attacks is not just a loss of dollars but the erosion of the women's movement itself. □

Figura 3: Recorte de Margaret Atwood presente na Universidade de Toronto, sobre "mulheres sendo forçadas a terem bebês" na Romênia, para a escrita do livro *The Handmaid's Tale*. Fonte: The New Yorker.

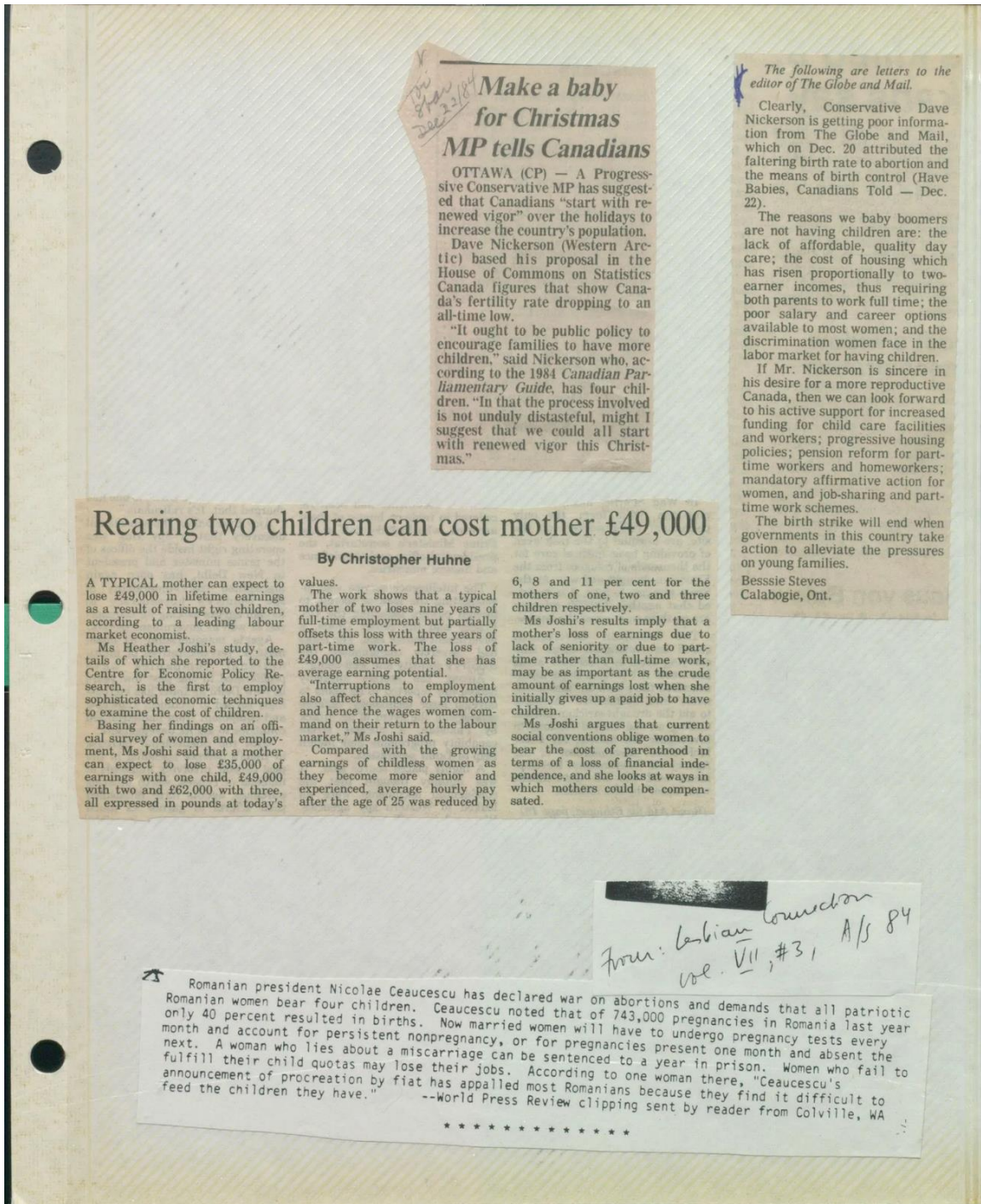


Figura 4: Recorte de Margaret Atwood presente na Universidade de Toronto, sobre “mulheres sendo forçadas a terem bebês” na Romênia e incentivo à natalidade no Canadá, para a escrita do livro *The Handmaid’s Tale*. Fonte: *The New Yorker*.

Electronic debit cards meet with resistance

^{to 16x + mail}
ONE DAY you'll be able to leave your cash and cheques at home when you go shopping. You'll hand the retailer a plastic card and almost instantaneously, the money will be debited from your bank account and credited to the store to pay for the purchase.

That day, however, may be far off in the future. Though the technology is here, the advantages are not immediately obvious to anyone except banks and equipment suppliers.

THE CONSUMER GAME

ELLEN ROSEMAN



"It is safe to say that debit cards are greeted with indifference ranging to hostility by retailers and consumers," James Savary, an advisor to the Consumers' Association of Canada, told a conference this week in Toronto.

"The reason is, of course, that the benefits of such a facility accrue almost entirely to the banking system, and only minimally to retailers.

"For consumers, the costs almost certainly exceed whatever minor benefits can be identified."

About 200 people attended the two-day meeting, which was devoted to a thorough airing of the pros and cons of electronic funds transfer at the point of sale — or as the industry calls it, EFT at POS. It was organized by a group called Payment Alternatives Communication Exchange or PACE.

In a discussion paper prepared for the conference, PACE pointed out that Canada is particularly well-suited to the new era. It has a national banking system with electronic networks linking coast-to-coast operations; a retailing industry with a small number of large merchants doing business over wide regions; a telecommunications network known as one of the best in the world; and consumers who are already extensive users of financial card services.

For bankers, the lure is sizable savings. Since the cost of processing cheques and credit card purchases is substantial, they would welcome any chance to reduce the paper burden.

But there has to be something in it for the

consumer, Robert MacIntosh, president of the Canadian Bankers' Association, acknowledged: "The fact is that if the consumer does not see a real benefit for himself, then no amount of technological sophistication will produce a successful service."

And what's in for the consumer? Not a great deal. There's the convenience of being able to use a plastic card at stores such as supermarkets, which don't usually take credit cards. There's the freedom from time-consuming waits while your cheque is cleared for acceptance. And there's the chance that retailers' lower costs — fewer bad cheques, reduced need for security — will be passed along in lower prices.

But there are risks to electronic funds transfer at the point of sale. As a consumer, you have to worry about security of access to your account and the threat to privacy inherent in the collection of detailed data on your purchases.

And there are costs as well — the greater difficulty of getting errors corrected in an electronic system, the loss of the human judgmental factor and the possible loss of advantages present in the current payment system, such as the ability to stop payment on cheques.

For retailers, the concern is whether consumers will find it harder to keep track of their bank balances when they're using a card than when they're using cash. They fear possible consumer embarrassment at the checkout counter when a debit card is refused for lack of funds.

"The one that has most to lose is the retailer," said Norman Shaw, information systems director of Dylex Ltd. "If anything goes wrong, the customer won't come back into my store, but he'll continue using the bank."

After seeing the distrust and fear among conference participants, I'm convinced that electronic funds transfer at the point of sale is years away. And that's a good thing for there are many wrinkles that need to be ironed out.

So hang on to your cash, cheques and credit cards. Technically, instant debiting of your bank account may be feasible, but the human obstacles are yet to be overcome.

Figura 5: Recorte de Margaret Atwood presente na Universidade de Toronto, sobre "cartões de débito e quebra de sigilo", para a escrita do livro *The Handmaid's Tale*. Fonte: The New Yorker.

Companies Say Toxic Emissions Need U.S. Curb

Uniform Rules Urged at Hearing in Congress

By PHILIP SHABECOFF
Special to The New York Times

WASHINGTON, March 26— Officers of major chemical companies, reversing their longtime position, joined with members of Congress today in calling for stricter Government controls over toxic air pollutants.

The calls for controls were made at a Congressional hearing to examine the extent of toxic air pollution in this country in light of the poison gas leak at a Union Carbide plant that killed more than 2,000 people last December in Bhopal, India.

At the hearing, Warren M. Anderson, chief operating officer of the Union Carbide Corporation, called for amendments to the Clean Air Act "to improve regulatory control over hazardous air pollutants."

Uniform Standards Proposed

He also urged Congress to provide "uniform, nationwide and coordinated standards" to assure the right of communities to know what chemicals used in their vicinity might endanger residents' safety and health.

Other industry executives also spoke in favor of stepped-up Federal safeguards to protect the public from airborne toxic substances. Harold J. Corbett, senior vice president of the Monsanto Company said "there might be merit in Federal legislation regulating emergency response" around large chemical production sites.

Mr. Corbett linked the industry's change in heart to public reaction in this country to the disaster caused by the leak of methyl isocyanate in India.

Public's Lack of Faith

In a telephone interview, Mr. Corbett said that after the Bhopal disaster the public "simply does not have faith that the chemical industry will regulate itself in the public interest." He added, "I might debate that, but we need public support in which to operate."

Representative Henry A. Waxman, Democrat of California, called for strict national standards to control toxic air pollutants. Without such uniform standards, he said, companies that police themselves and invest in safety equipment are at a "competitive disadvantage" to companies that do not. He said that "drives the entire industry to the lowest common denominator."

Mr. Waxman, who heads the House Energy and Commerce Committee's Health and Environment Subcommittee, complained, "All levels of government have abdicated their responsibility to regulate poison gases that leak into the air."

Mr. Waxman said a survey of chemical companies conducted by his subcommittee showed that at least 204 chemicals discharged into the air were considered hazardous to health and safety by the industry that made them. Of these, only five are now regulated under the hazardous air pollution provisions of the Clean Air Act, he said.

Mr. Waxman also noted that the list of toxic air pollutants was not complete because 19 companies had not responded, including Stauffer Chemical, Sherman Williams and Phillips Petroleum.

Representative James J. Florio, Democrat of New Jersey, who heads the Energy Committee's Subcommittee on Commerce, Transportation and Tourism, is also seeking to have the Government apply more stringent controls over toxic air pollution. He said the Congressional inquiry into the Bhopal disaster "has shown that the Federal Government has been caught flat-footed, and is totally unequipped to comprehend, much less deal effectively with the growing hazards these incidents pose to human health and the

environment." Today's hearing was held jointly by the subcommittees headed by Mr. Waxman and Mr. Florio.

Mr. Anderson and other Union Carbide officials said that as a result of the company's study of the Bhopal plant it was now known "what went wrong technically." Therefore, the officials said, the company is confident it can resume production of methyl isocyanate at its plant in Institute, W. Va. Production of the chemical, which is used to make pesticides, was suspended at the West Virginia plant after the Bhopal incident.

Sabotage Is Discounted

Mr. Anderson said the company had gone over the West Virginia plant "with a fine tooth comb," adding, "That plant is safe to run."

However, Mr. Florio said the company still had only a "hypothetical" understanding of what had gone wrong in Bhopal because the Indian Government had not permitted it to examine the tank that had leaked or to talk to all the workers and managers involved in the accident. "That is a tenuous basis on which to reopen the plant," he said.

Mr. Anderson said the company had no reason to suspect that the disaster in Bhopal was a result of sabotage.

Meanwhile, two environmental groups today released a list compiled by the United States Public Health Service's Agency for Toxic Substances and Disease Control showing that there were more than 1,400 sites in the United States that had been ordered closed or restricted to public use because of severe contamination by toxic substances.

The list, released by the Environmental Defense Fund and National Wildlife Federation, includes lakes and streams, park land, factory sites and drinking water supplies. The list contains 123 sites in New York, 139 in New Jersey and 97 in Connecticut.

Robert V. Percival, a lawyer for the Environmental Defense Fund, said the list was only "the tip of the iceberg" and would continue to grow as more sites were identified. Frederic D. Krupp, executive director of the fund, said his group was "outraged" that current policies of the Environmental Protection Agency simply "write off" these sites without any plans for cleaning them up and making them usable.

The two groups said they were suing the E.P.A. to force the agency to regulate discharges of dioxins, which are highly toxic compounds used to produce chemical products, and related substances. The agency has not issued comprehensive rules for controlling these substances.

In a related development, Public Citizen, a consumer-oriented public affairs group, issued a report indicating that there were at least 50 toxic waste sites that have not been listed by the E.P.A. on its national priority list of dumps requiring immediate attention, even though those sites met the agency's criteria for listing.

Inclusion on the list is one prerequisite for receiving funds under the toxic waste law for cleanup operations. By not including them on the list, the environmental agency "is preventing extremely dangerous sites from qualifying for cleanup using superfund dollars," said Janet Hathaway, a lawyer for Public Citizen.

Figura 6: Recorte de Margaret Atwood presente na Universidade de Toronto, sobre "emissões de gases poluentes, para a escrita do livro *The Handmaid's Tale*. Fonte: The New Yorker.

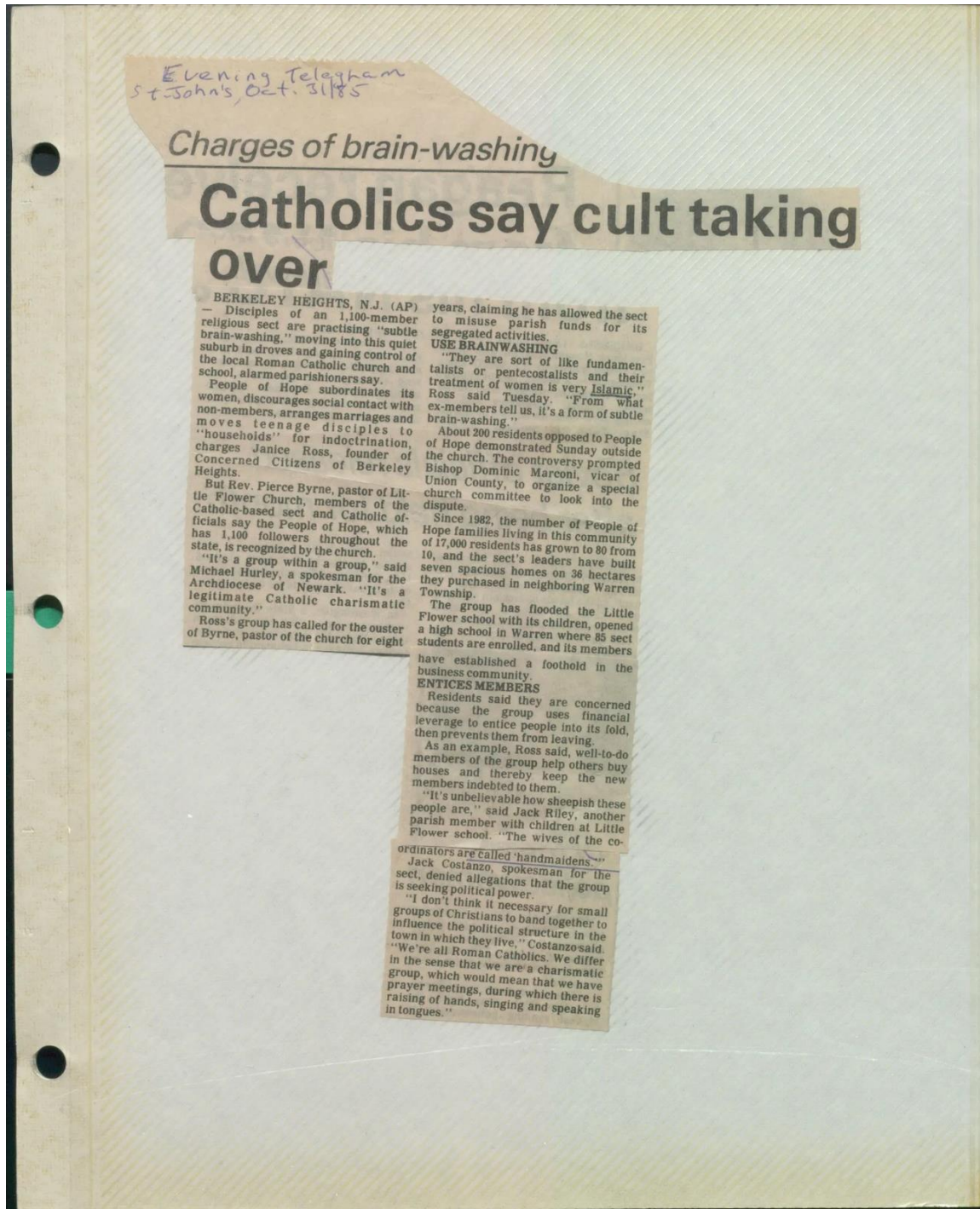


Figura 7: Recorte de Margaret Atwood presente na Universidade de Toronto, sobre seita fundamentalista católica que chamavam as esposas de "handmaidens", para a escrita do livro *The Handmaid's Tale*. Fonte: The New Yorker.

Na coletânea de ensaios da autora *Science Fiction In Other Words*, publicada em 2011 e em artigo para o jornal *The Guardian*, Atwood explica o conceito do gênero “*Ustopia*” criado por ela:

Ustopia é um mundo que inventei combinando utopia e distopia – a sociedade perfeita imaginada e seu oposto – porque, a meu ver, cada uma contém uma versão latente da outra. Além de ser, quase sempre, um local mapeado, a Ustopia é também um estado de espírito, como todo lugar na literatura de qualquer gênero⁵⁹ (ATWOOD, 2011).

A autora continua o artigo escrevendo sobre suas inspirações para a criação de *The Handmaid's Tale*. Ela nos conta sobre o tempo em que viveu em Berlim, na primavera de 1984, bolsista de um programa para artistas habitarem a parte ocidental da cidade, quando começou a escrever o livro. “Durante nossa estadia também visitamos Berlim Oriental, bem como a Polônia e a Tchecoslováquia, e assim tive várias experiências em primeira mão do sabor da vida em um regime totalitário – mas supostamente utópico⁶⁰” (ATWOOD, 2011). Muitas questões permeavam a mente da escritora a respeito da narrativa: seria a premissa do livro aceita? Qual o plano de fundo para a escalada de poder e cerceamentos de direitos humanos básicos? “E mais: se você estivesse tentando um golpe totalitário nos Estados Unidos, como faria isso?⁶¹” (ATWOOD, 2011).

A autora nos diz que as *Ustopias* sempre estão interessadas em roupas, portanto, as vestimentas que geralmente estão associadas às mulheres na história, não ficariam de fora da obra.

As vestes usadas pelas mulheres em *The Handmaid's Tale* foram interpretadas de diversas maneiras: como católicas (em freiras) ou muçulmanas (em burcas). A verdade é que essas roupas não são voltadas para nenhuma religião. Seu design real foi inspirado na figura das caixas Old Dutch Cleanser da minha infância, mas também são simplesmente antigas. Os vitorianos, com seus chapéus e véus ocultos para evitar que homens estranhos olhassem de soslaio para seus rostos, não os achariam tão incomuns⁶² (ATWOOD, 2011).

As regras que Atwood estabeleceu para a obra eram simples: não colocaria no livro nada que não houvesse existido em algum *lugar* ou *momento* da história humana (ATWOOD, 2011).

⁵⁹ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2011/oct/14/margaret-atwood-road-to-ustopia>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

⁶⁰ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2011/oct/14/margaret-atwood-road-to-ustopia>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

⁶¹ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2011/oct/14/margaret-atwood-road-to-ustopia>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

⁶² Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2011/oct/14/margaret-atwood-road-to-ustopia>>. Acesso em 19 jan. 2023.



Figuras 8 e 9: Rótulos do produto de limpeza *Old Dutch Cleanser*, inspiração para as vestes das aias em *The Handmaid's Tale*.

Publicado no outono de 1985 no Canadá e nos EUA e Reino Unido na primavera de 1986, *The Handmaid's Tale*, teve suas primeiras críticas negativas. Segundo Atwood, a crítica publicada no *New York Times*, “deu ao livro uma crítica amplamente negativa, alegando que faltava imaginação e, de qualquer maneira, era improvável que acontecesse, pelo menos não na sociedade secular que ela percebia como a realidade americana” (ATWOOD, 2011). Ao novo prefácio da obra escrito pela autora em 2017 e publicado na íntegra pelo portal do *The New York Times*⁶³ sendo algumas partes traduzida para o *El País*⁶⁴, a escritora revela que, em 1984, sua ideia parecia um excesso até mesmo para ela, entretanto, “a República de Gilead se levanta sobre os fundamentos das raízes do puritanismo do século XVII, que sempre estiveram sob a América moderna que pensávamos conhecer” (ATWOOD, 2017). Quando perguntada sobre *The Handmaid's Tale* ser uma previsão, a autora nega: “digamos que é uma antiprevisão: se este futuro pode ser descrito em detalhe, talvez não chegue a ocorrer. Mas não podemos confiar muito nessa ideia bem-intencionada” (ATWOOD, 2017). Neste sentido, Atwood discorre sobre suas inspirações na história para criação da obra:

O Conto da Aia baseou-se em muitas facetas diferentes: execuções grupais, leis suntuosas, queima de livros, o programa *Lebensborn* da SS e o roubo de crianças na Argentina pelos generais, a história da escravidão, a história da poligamia nos Estados Unidos... A lista é longa. Mas falta uma forma literária à qual não mencionei: a literatura testemunhal. Offred registra sua história apenas como pode; depois, esconde-a com a confiança de que, com o passar dos anos, será descoberta por algum ser livre, capaz de entender e compartilhar. É um ato de esperança: toda história pressupõe um futuro leitor. Robinson Crusoe mantinha um diário. Também Samuel Pepys, Roméo Dallaire e Anne Frank (ATWOOD, 2017).

Em entrevista para BBC⁶⁵ sob a sequência do livro publicada em 2019, “Os Testamentos”, Margaret Atwood faz a avaliação de que “em vez de nos afastarmos de Gilead, como pensávamos estar acontecendo possivelmente nos anos 1990, começamos a voltar para Gilead em vários lugares do mundo, incluindo nos EUA” (ATWOOD, 2019).

Retomando o argumento de Atwood para o artigo publicado no *The Guardian* em 2011, a fim de pensarmos sobre distopias, utopias e compreendendo seu conceito de *ustopias*, podemos pensar sobre a seguinte provocação da autora:

⁶³ATWOOD, Margaret. Margaret Atwood on What ‘The Handmaid’s Tale’ Means in the Age of Trump. **The New York Times**, 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/03/10/books/review/margaret-atwood-handmaids-tale-age-of-trump.html>>. Acesso em: 12 out. 2022.

⁶⁴ ATWOOD, Margaret. **Margaret Atwood: Maldita profecia**. EL PAÍS. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/12/eps/1494603374_701338.html>. Acesso em: 23 set. 2022.

⁶⁵“The Handmaid’s Tale”: está “mais próximo da realidade” depois de 30 anos, diz autora Margaret Atwood. **BBC News Brasil**, Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-49646159>>. Acesso em: 15 set. 2019.

Anteriormente, eu disse que a distopia contém em si uma pequena utopia, e vice-versa. Qual é, então, a pequena utopia escondida no mundo distópico de *The Handmaid's Tale*? São dois: um está no passado (o passado que é o nosso próprio presente). O segundo é colocado em um futuro além da história principal pelo posfácio no final do livro, que descreve um futuro em que Gilead – a república tirânica de *The Handmaid's Tale* – terminou e, portanto, tornou-se assunto para conferências e trabalhos acadêmicos. Suponho que é o que acontece com as sociedades utópicas quando morrem: não vão para o céu, tornam-se temas de tese⁶⁶ (ATWOOD, 2011).

Utopias e distopias são histórias do presente (GORDIN; TILLEY; PRAKASH, 2010, p. 1). A utopia atua como projeção de um futuro “melhorado” na imaginação do autor, mas pode ser a distopia de alguns. Enquanto a distopia por sua vez, embora seja notada pela sua “negatividade”, também pode ser a utopia de algum grupo (CLAEYS, 2017, p. 7). Uma das definições de utopia é a de um não-lugar ou um “bom” lugar que o intelectual cria a partir de seu presente projetando-o no futuro. Nesse sentido, elas são histórias de futuros passados. De acordo com o historiador Júlio Bentivoglio (2020, p. 394), as utopias modernas foram projetadas numa terra à parte e moldadas ao ideal de progresso e perfectibilidade quando ambientavam “suas histórias num presente futurista e invariavelmente faziam uma crítica da sociedade nas quais eram produzidas, exagerando ou expressando alguns traços do real, comparando-os com a ficção”. De acordo com Patrícia Vieira (2020, p. 352), “muitas utopias canônicas do passado possuem atributos que a maioria dos leitores modernos identificariam como distopia: o estrito controle social em Utopia de Thomas Morus; a eugenia incipiente de Tommaso Campanella em Cidade do Sol, entre outros exemplos⁶⁷”.

No ensaio “A temporalização da utopia” presente na obra *Estratos do Tempo* (2014), assim como no capítulo “Sobre a história conceitual da utopia temporal” da coletânea *Histórias de Conceitos* (2020), o historiador alemão Reinhart Koselleck (2020, p. 263) analisa a utopia como “uma categoria sociopolítica, por intermédio da qual determinados elementos do futuro político são antecipados”. Segundo o historiador, as utopias espaciais deixam de compreender somente o usual lugar-nenhum de Morus. Antes, os espaços poderiam ser verificados pelo teste da experiência, já nas utopias do futuro este teste não é mais aplicável (KOSELLECK, 2020, p. 271). Em *Futuro Passado* (2006), Koselleck explora o conceito de modernidade a partir do afastamento cada vez maior entre as duas categorias meta-históricas propostas por ele: espaço de experiência e horizonte de expectativa. Segundo o historiador, as respectivas categorias nos ajudam a descobrir o tempo histórico, pois, entrelaçam passado e futuro relacionando a

⁶⁶ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2011/oct/14/margaret-atwood-road-to-ustopia>>. Acesso em 19 de jan. 2023.

⁶⁷ Tradução nossa.

temporalidade humana à temporalidade da história (KOSELLECK, 2006, p. 308-309). A experiência seria o passado atual que pode ser lembrado e que se constrói racionalmente e no comportamento inconsciente. É individual ou passada por gerações e instituições, conservando a experiência coletiva, encapsulada no que chamou de conceitos básicos da vida social e política, como pelo próprio conceito de história (KOSELLECK, 2006, p. 309 - 310). A expectativa também é ligada ao individual e se efetiva no hoje, “é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto” e “apesar de se relacionarem, não são conceitos simétricos complementares, que coordenem passado e futuro como se fossem imagens especulares recíprocas” (KOSELLECK, 2006, p. 310).

Passado e futuro jamais chegam a coincidir, assim como uma expectativa jamais pode ser deduzida totalmente da experiência. Uma experiência, uma vez feita, está completa na medida em que suas causas são passadas, ao passo que a experiência futura, antecipada como expectativa, se decompõe em uma infinidade de momentos temporais (KOSELLECK, 2006, p. 310).

Para Koselleck, não há como deduzir suas expectativas apenas de experiências, mas também é falho não basear expectativas na experiência: “esta é apenas uma formulação subjetiva daquele resultado objetivo, de que o futuro histórico nunca é o resultado puro e simples do passado histórico” (KOSELLECK, 2006, p. 312). É a partir da tensão entre as categorias meta-históricas experiência e expectativa que surge o tempo histórico, sempre em diferentes formas, pois, quando o horizonte de expectativa é rompido, emergem novas experiências. A verossimilhança de um prognóstico não está atrelada diretamente à expectativa de quem imagina, sendo possível esperar o inverossímil. Quando há verossimilhança na previsão de um futuro, esta previsão se dá baseada em dados do passado (KOSELLECK, 2006, p. 313).

A partir destas categorias meta-históricas, é possível analisar contextos históricos passados, compreendendo os reflexos da expectativa de futuro daquele momento. Segundo Koselleck (2006, p. 307) “não se pode ter um sem o outro: não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa”. Neste sentido, o autor afirma que a utopia se desprende da associação literária entre 1770 e 1800, adquirindo um caráter político geral, “cujo horizonte era seu potencial de realização e não mais seu caráter irrealizável” (KOSELLECK, 2020, p. 272). Partindo desta distinção, baseada em sua compreensão do modelo de história ocidental que divide o tempo entre antes e depois do *Sattelzeit*⁶⁸ Koselleck estabelece dois tempos para

⁶⁸De acordo com o verbete da Wikipedia editado pelos integrantes do projeto Teoria da História na Wiki, gestado no departamento de História da UFSC, “*Sattelzeit*”, que na tradução literal do alemão significa “tempo de sela” e na tradução do inglês “tempo liminar”: “é um período histórico, compreendido entre os anos 1750 e 1850, que

as utopias: as pré-modernas e as modernas. Antes de 1750, residem as pré-modernas que figuravam seus espaços de experiência e eram representadas espacialmente, noutros *topos*, faltando a dimensão temporal de futuro na utopia (KOSELLECK 2014, p. 123). As utopias modernas são situadas pelo autor depois de 1750. “As possibilidades espaciais de situar as utopias na finitude da superfície da nossa Terra haviam se esgotado. Os espaços utópicos haviam sido ultrapassados pela experiência” (KOSELLECK 2014, p. 124). Neste sentido, o autor continua, “toda utopia do futuro vive dos pontos de contato com um presente que pode ser resgatado não apenas fictícia, mas também empiricamente” (KOSELLECK, 2014, p. 126). Segundo os historiadores Danielle S. Dornelles e Rodrigo B. Bonaldo (2022, p. 35), “para seguir as categorias meta-históricas desenvolvidas pelo historiador dos conceitos, podemos dizer que a temporalização da utopia corresponde à migração da tópica do espaço de experiência para o horizonte de expectativa”.

De acordo com Reinhart Koselleck (2006, p. 315), podemos compreender a aplicação de suas categorias meta-históricas, expectativa e experiência, inaugurando a Era Moderna, pela distância do horizonte para realidade. O autor destaca como exemplo a vida de camponeses europeus até meados do século XVII: o cotidiano permanecia marcado pelo que a natureza oferecia e as mudanças eram lentas, não sendo capazes de promover uma ruptura dramática na vida de várias gerações. A partir do Renascimento e da Reforma Religiosa, a tensão e as rupturas atingiram um maior número de camadas sociais. Dentro do horizonte de expectativas atrelado diretamente à cosmovisão cristã voltada a crenças apocalípticas, o futuro era subordinado ao passado. “Tratava-se, pois, de expectativas que não podiam ser desfeitas por nenhuma experiência contrária, porque se estendiam para além deste mundo” (KOSELLECK, 2006, p. 316). A escatologia cristã passava pela transição do que o historiador apresenta como “*profectus*” espiritual pelo “*progressus*” mundano, diretamente ligado à noção de aperfeiçoamento. No tempo de antes, a perfeição só poderia ser atingida no além e tendo sido esta doutrina ultrapassada, o melhoramento passa a se dar na experiência terrena. Neste sentido, há a temporalização do objetivo de perfeição, primeiramente por Leibniz: “o progresso é para a perfeição infinita” (KOSELLECK, 2006, p. 316).

A esta temporalização da doutrina da perfeição correspondeu, na França, a formação da palavra “*perfectionnement*” [aperfeiçoamento], que havia sido subordinada — especialmente por Rousseau — à noção histórica fundamental

representa a dissolução da uma antiga ordem social na Alemanha, baseada nos estamentos, e corresponde ao surgimento do mundo moderno. Seguindo a abordagem da história conceitual, Koselleck afirma que este fenômeno pode ser apreendido a partir do estudo das transformações semânticas sofridas pelos conceitos básicos que orientaram o vocabulário social e político no país”. WIKIPÉDIA: Sattelzeit. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sattelzeit>. Acesso em: 06 mai. 2022.

de uma “*perfectibilité*” [perfectibilidade] do homem (KOSELLECK, 2006, p. 316).

Para Rousseau (KOSELLECK, 2014, p. 127), a *perfectibilité* é um conceito dialético: progresso não significa necessariamente ir em direção à uma melhora, podendo ser também perigoso. Segundo Koselleck (2006, p. 317), a história passa a ser compreendida a partir de uma série de “aperfeiçoamentos”. De acordo com o autor, “progresso” como conceito é criado no final do século XVIII e reúne experiências coletivas e individuais de três séculos anteriores, nutrindo-se de experiências pessoais, inexistentes no passado, e cada vez mais atravessando a vida cotidiana. O conceito moderno de história opera o tempo a partir do ideal de progresso, pois, sincroniza diversas temporalidades numa sequência contínua de “avanços coletivos” em direção ao futuro. Koselleck nomeia esta orientação para um futuro “melhor” como “singular-coletivo”. Alguns exemplos da concretização europeia do ideal de “progresso” são a descoberta do globo terrestre, a conquista de territórios com a expansão ultramarina e o contato entre diferentes culturas e civilizações, que remetem diretamente à simultaneidade do não-simultâneo⁶⁹. Neste sentido, o progresso aglutinava experiências e expectativas tocadas pela variação temporal, transformando o que antes seria uma trilha única de tempo, na coexistência de diversos estratos vividos (KOSELLECK 2006, p. 320). O progresso, para Koselleck (2006, p. 320), “é o primeiro conceito genuinamente histórico que apreendeu, em um conceito único, a diferença temporal entre experiência e expectativa”.

A fim de exemplificar a mudança da utopia espacial para temporal, Koselleck (2014) disserta sobre as obras *O ano 2440*, de Louis-Sébastien Mercier (1770) e *Die Buribunken*, ensaio histórico-filosófico de Carl Schmitt (1918). Para o historiador, quando Mercier contrapõe a Paris de 1770 ao lado da Paris de 2440 em sua narrativa, ele inaugura o que

⁶⁹Simultaneidade do não-simultâneo do alemão tem seu significado publicado no verbete da Wikipedia “não-simultaneidade”, também editado pelos integrantes do projeto Teoria da História na Wiki. Segundo a enciclopédia, o termo simultaneidade do não-simultâneo, vem de língua alemã e tradição histórica e filosófica germânica: *Gleichzeitigkeit des Ungleichzeitigen*. É um conceito encontrado na obra de Ernst Bloch e denota a distância temporal entre o desenvolvimento socioeconômico de diferentes sociedades, aprofundadas pela modernização e capitalismo. Utilizado a primeira vez em 1926 pelo historiador da arte Wilhem Pinder, o principal uso do termo aparece no ensaio de Bloch em 1932. Em 2014, o historiador norueguês Helge Jordheim introduz o fórum “Multiple Temporalities” da revista *History and Theory*. Em seu artigo, o historiador explora o tema do fórum investigando seu estado da arte através de diversos autores. Sobre “simultaneidade do não-simultâneo” ou “contemporâneo do não-contemporâneo”, Jordheim apresenta inicialmente o pensamento historiográfico voltado aos diferentes tempos concorrentes, camadas e estratos de tempo de intelectuais como Fernand Braudel, Krzysztof Pomian e Reinhart Koselleck. A quebra das estruturas temporais “homogêneas” na *longue durée* de Braudel para uma multiplicidade de tempos, segundo Koselleck, se dá pela “não-sincronicidade” sua contraposição entre eventos e conceitos (JORDHEIM, 2014, p. 504). Helge Jordheim (2014, p. 505), inclui uma crítica à noção de simultaneidade do não-simultâneo a partir da observação do historiador alemão Achim Landwehr. Para ele, o uso desta noção na historiografia alemã é uma das “últimas” reservas do eurocentrismo em suas origens, ao contrapor diferentes sociedades o “não-simultâneo” a partir do ideal europeu de progresso do que seria “simultâneo”.

Koselleck vai chamar de “romance futurístico”. A ficção utópica se transforma e a primeira mudança é a importância da autoria na produção de uma utopia própria (KOSELLECK, 2014, p. 124). O ideal de “perfectibilidade” forjado no Iluminismo é observado pelo historiador quando Mercier projeta na França do futuro sua visão muito específica sobre o que significa o progresso da humanidade. O romance de Mercier é classificado pelo historiador como “utopia positiva”. Sobre o ensaio de 1918 de Carl Schmitt, o historiador enquadra como “utopia negativa”, uma vez que o escritor parodia a crença no progresso e no historicismo. Ambas as narrativas retratam sociedades de controle, em que todos (e apenas) os homens são escritores. Na obra de Mercier, “todos são potenciais filósofos debatendo no espaço público literário. No ensaio de Schmitt, todos são historiadores de si mesmos e, obrigados a expor suas intimidades” (DORNELLES; BONALDO, 2022, p. 36). Segundo Koselleck (2014, p. 138), a partir da segunda metade do século XIX, “a ingênua utopia futurística transformou-se em uma utopia temporal negativa”. Para o historiador, as utopias negativas “partem do pressuposto de que seria possível realizar as fantasias utópicas de uma sociedade absolutamente justa – mas com consequências graves” (KOSELLECK, 2020, p. 276).

Em oposição às hipóteses do presentismo desenvolvidas por intérpretes de Koselleck como Hans Gumbrecht, François Hartog e Aleida Asmann, o historiador Zoltán Boldizsár Simon (2019), defendeu que, desde o pós-guerra, a dimensão temporal do futuro não escapou aos interesses da historiografia ocidental, embora essa historiografia tenha registrado uma crescente despolitização do porvir que diferenciaria seu relato da condição histórica daquele referido pelo moderno conceito de história. Aqui nos interessa, sobretudo, a centralidade que o conceito de distopia ocupa em sua elaboração teórica. No livro *History in Times of Unprecedented Change: A Theory for the 21st Century* (2019), Simon recupera a temporalização da utopia de Koselleck e a examina ambiciosamente, adicionando uma nova categoria, chamada pelo autor de “distopia pós-histórica”. De acordo com a tese central de Simon, o futuro contém mudanças sem precedentes, não exatamente no sentido substantivo, mas em um sentido “quase-substantivo”: é a natureza mesma da mudança histórica que se modifica. O ponto de não retorno de um “futuro sem precedentes” não seria, na leitura do autor, compreendido como o culminar de um longo processo, mas “antecipado como um *evento singular* após o qual assume-se que os seres humanos perderão o controle sobre o domínio de suas próprias condições” (SIMON, 2019, p. 7, grifos nossos). Falamos de “uma guerra nuclear, a ascensão das máquinas, a extinção em massa no antropoceno, a manipulação genética de uma

raça pós-humana: eventos singulares iniciados por nossa espécie, mas que escapam de seu controle” (DORNELLES.; BONALDO, 2022, p. 34⁷⁰).

De modo geral, distopias retratam mundos autoritários de futuros próximos ou distantes. As narrativas distópicas, especialmente as do período pós-guerra, costumemente exploram uma atmosfera pós-apocalíptica, causada por hecatombe nuclear ou desastres ambientais e biológicos em sociedades controladas por regimes políticos austeros e violentos. Segundo Simon (2019, p. 96), “o que as distopias do pós-guerra desafiam é o que as utopias temporais e suas contrapartes negativas têm em comum: sua estrutura temporal compartilhada e associada à sensibilidade histórica moderna⁷¹”. O historiador analisa que “tanto na utopia moderna quanto na utopia negativa, o domínio político se apropria da tecnologia e da ciência para seus próprios propósitos⁷²” (SIMON, 2019, p. 96).

De acordo com Dornelles e Bonaldo (2022, p. 34), a fim de abarcar a necessidade de uma nova sensibilidade histórica, Simon apresenta uma gama de novos conceitos como “distopia pós-histórica”, “passado apofático” e “história como singular disruptivo”. Como exemplificado anteriormente, a “distopia pós-histórica” é derivada da tese “Temporalização da Utopia” presente na obra *Estratos do Tempo* (2014) de Koselleck, onde o historiador alemão separa as utopias em pré-modernas e modernas e Simon inclui esta terceira categoria. Para Simon, a distopia pós-histórica acompanha a transformação de um futuro sem precedentes, que não guiará uma ação específica, nem será precipitado por um longo processo histórico, mas pela emergência de um acontecimento singular de proporções catastróficas que o autor conceitua em obra posterior como um “evento epocal⁷³” (DORNELLES; BONALDO, 2022, p.

⁷⁰Para Zoltán Simon, a noção de “não precedente” (*unprecedented*) não diz respeito apenas à substância do futuro, mas a uma modificação no caráter da mudança histórica. Segundo a interpretação do autor, a mudança histórica teria passado a ser percebida, desde o pós-guerra, menos em termos de desenvolvimento e processo e mais nos termos de uma “sensibilidade histórica eventual”. É essa passagem de uma percepção da mudança em função do tempo em termos processuais, ligadas ao conceito moderno de história e à história ciência como a conhecemos, a uma concepção da mudança por “eventos epocais” que o termo “futuro sem precedentes” busca capturar. Nesse sentido, o conceito de distopia ocupa um papel central em sua reflexão, uma vez que as distopias não raramente buscam significar mudanças históricas trazidas por eventos catastróficos. Ver SIMON, 2020, p. 25.

⁷¹ Tradução do original: “what postwar dystopias challenge is what temporal utopias and their negative counterparts have in common: their shared temporal structure associated with the modern historical sensibility” (SIMON, 2019, p. 96).

⁷²Tradução do original: “in both modern utopia and negative utopia, the political domain appropriates technology and science for its own purposes” (SIMON, 2019, p. 96).

⁷³ “The epochal event as (1) an emerging category of a new kind of historical thought is best conceived as (2) a hyper-historical event that (3) brings about a ‘new reality’ as thereby (4) separate two worlds (5) in its capacity to signal the most momentous transformative changes (6) that extend beyond the limits of human experience (7) both in the world of human affairs and in the more-than-human world of the human-technology-nature entanglement” (SIMON, 2020, p. 114). Que em tradução livre para português seria: “O evento epocal como (1) uma categoria emergente de um novo tipo de pensamento histórico é melhor concebido como (2) um evento hiper histórico que (3) traz uma ‘nova realidade’ quando assim (4) separa dois mundos (5) em sua capacidade de sinalizar as mudanças

38; SIMON, 2020, p. 114). A ideia de “passado apofático”, para Simon, se refere a um passado “que só pode ser compreendido em negação ao presente” (DORNELLES; BONALDO, 2022, p. 34-35). O conceito de “história como singular disruptivo” é compreendido por Zoltán Boldizsár Simon como oposição ao “singular coletivo” da modernidade clássica desenvolvido por Koselleck. Para Simon, na modernidade tardia a história é destemporalizada e torna-se um “singular disruptivo”. O historiador procura recuperar a categoria de futuro, mas deixa claro que este futuro não é o mesmo anunciado pela modernidade. O que Simon vê no horizonte de futuro, não são exatamente mudanças éticas e políticas, mas biológicas e tecnológicas. Essas mudanças ameaçam existencialmente a humanidade como espécie a partir de um acontecimento singular. Neste sentido, a humanidade deixaria de ser o principal sujeito da história “e, com isso, a história como nós a conhecemos encontrará um fim” (DORNELLES; BONALDO, 2022, p. 38-39). Deste modo, ao estabelecer tais conceitos o autor tem como objetivo repensar de que forma podemos “conceber a nós mesmos e ao mundo como históricos”, se vivemos em um tempo no qual “tanto as perspectivas de futuro quanto os assuntos do passado são percebidos em termos de mudança sem precedentes?” (SIMON, 2019, p. 27 apud DORNELLES; BONALDO, 2022, p. 34).

A perspectiva de um mundo em que a humanidade deixa de ser o principal sujeito da história, apresentada por Simon, pode ser desafiada pela presente dissertação. Pois, tanto a partir da narrativa distópica que este trabalho pretende analisar, *The Handmaid's Tale*, quanto pelas outras distopias feministas que serão apresentadas no próximo tópico deste capítulo, os futuros apresentados pela ficção e imaginados, dependem exclusivamente das ações humanas e políticas. À exemplo de THT, podemos contrapor esta visão de um futuro sem agência humana, a partir das sociedades futurísticas criadas por Margaret Atwood. Na realidade de Gilead narrada por *Offred*, seu futuro e sua própria existência dependem da ação totalitária, humana, que é infligida em seu corpo. Assim como suas próprias ações dentro do regime, sejam elas de submissão ou de resistência. Já no epílogo do livro, que será explorado no terceiro capítulo, as ações humanas de um outro futuro ainda mais distópico, vão definir as políticas do passado e da memória. A obra em seu aspecto ficcional levanta essas questões, enquanto suas leituras trazem outras, que também vão contrapor a ideia de Simon. Muitas das leituras da obra suscitam

transformadoras mais importantes (6) que se estendem além dos limites da experiência humana (7) tanto no mundo dos assuntos humanos quanto no mundo mais-que-humano do emaranhado humano-tecnologia-natureza" (SIMON, 2020, p. 114). Nessa iteração do argumento, o “evento epocal” que anuncia o “futuro sem precedentes” é exemplificado pelos prospectos a respeito da emergência da Inteligência Artificial consciente, do pós-humano, da Sexta Grande Extinção etc.: eventos que marcam não a transformação de um sujeito, mas a transformação do sujeito da história, rumo a um mundo “mais-do-que-humano”.

expressões de luta como “o futuro é feminista”, ou seja, um futuro com agência humana e política. No segundo capítulo, essas leituras da obra serão mais exploradas.

A coletânea *Dystopia(n) Matters: On the page, on screen, on Stage (2013)*, organizada pela professora catedrática do departamento de Letras e vice-reitora da Universidade do Porto, Fátima Vieira, aborda a perspectiva de diversos intelectuais sobre o que é distopia. Para o cientista político estadunidense, Lyman Tower Sargent, “distopias são jeremiadas”: uma reclamação ou lamentação longa e profunda. Essa exclamação faz referência ao fato de que, para Sargent, distopias geralmente são semelhantes em sua abordagem aos sermões puritanos da Nova Inglaterra, que acusavam as pessoas de perder a confiança em Deus, mas sem o elemento religioso. Neste sentido, a distopia é apresentada como consequência do comportamento humano de pessoas “estragando tudo” (VIEIRA, 2013, p. 2-3). Segundo o historiador inglês Gregory Clayaes, as distopias podem ser pensadas a partir de três variantes: a primeira seria a busca pela perfectibilidade secular da modernidade; a segunda seria a associação do utopismo ao totalitarismo, se tornando uma má interpretação de utopia; a terceira seriam as versões negativas da humanidade, variações seculares do apocalipse. Para Clayaes, se a utopia incorpora uma liberdade ordenada, céu, a distopia incorpora uma não-liberdade, inferno (VIEIRA, 2013, p. 2-3). As utopias e distopias invocam o presente sempre de maneira diferente, pois, enquanto a utopia nos conduz a um futuro ideal e serve para questionar o presente, a distopia nos coloca diretamente em uma realidade sombria, evocando um futuro aterrorizante caso não sejamos capazes de reconhecer e abordar seus sintomas no presente (GORDIN; TILLEY; PRAKASH, 2010, p. 2).

Em seu livro, *História & distopia: a imaginação histórica no alvorecer do século 21*, o historiador Júlio Benvoglio explora o conceito de distopia a partir dos estudos de teoria da história e literatura. De certa forma, podemos relacionar a compreensão de Benvoglio com as de Gordin, Tiley e Prakash sobre as distopias se mostrarem atraentes ao estudo histórico, pois:

As distopias revelam um cenário sempre hostil à sobrevivência humana, desafiada por aparatos tecnológicos de controle e governos autoritários que procuram reduzir as diferenças impondo um comportamento massificado. Não teria sido esta também a ambição da história? (...) Tal como a distopia, não habita apenas nos ambientes externos ou construídos historicamente, mas, interfere na própria intimidade e na consciência dos sujeitos históricos, a história também forjou domínios distópicos de passados aparentemente controlados e determinados - mediante a adoção de recortes ou caracterizações categóricas, procurando evitar a dúvida, a negação ou a revisão - que foram exacerbados e reproduzidos pela imaginação histórica moderna? (BENTIVOGLIO, 2019, p. 25)

As histórias não acontecem em lugares do passado, presente ou futuro e existem para historiadoras através de documentos a serem pesquisados, “convertendo essa experiência compreensiva por meio de narrativas em passados que expressam realidades para o mundo do leitor” (BENTIVOGLIO, 2019, p. 22). Para Julio Bentivoglio (2020, p. 396), utopias possuem futuros com resoluções fechadas, sem desejo de mudanças. Enquanto isso, nas distopias, o tempo está suspenso e aberto para rupturas e mudanças. Ainda segundo o historiador, “a distopia não é uma antiutopia, ela é um deslugar, que não se encontra exatamente no futuro, mas, que pode estar em qualquer lugar, inclusive no presente e no passado” (BENTIVOGLIO, 2019, p. 95-96). Distopias não são simplesmente o oposto de utopias, pois, são antes uma utopia que deu errado ou que funciona favorecendo apenas um único segmento da sociedade. A frequência com que a realidade é comparada com distopia pelas pessoas é, no mínimo, depressiva. Neste sentido, a dialética entre os dois polos imaginários, pesadelo e sonho, anseiam por ser vistas em conjunto (GORDIN; TILLEY; PRAKASH, 2010, p. 2). É somente no resultado que é possível diferenciar os dois fenômenos uma vez que há o desejo de um futuro melhor em utopias e distopias. Neste sentido, as distopias mostram-se muito parecidas às sociedades pesquisadas por nós historiadoras, fazendo o estudo do conceito ser útil e atraente à categoria (GORDIN; TILLEY; PRAKASH, 2010, p. 2). Os autores atentam para uma perspectiva que não se resume à dualidade entre pesadelo e sonho, mas é pensada na forma de um triângulo: o perfeitamente planejado e benéfico, o perfeitamente planejado e injusto e o perfeitamente não planejado. A ideia central é examinar os espaços entre estes três pontos e como distopia e utopia estão situados historicamente, não apenas como termos ou gêneros e sim como categorias com potencial de reformular as relações entre passado, presente e futuro. Para os autores, o conceito que liga os três polos entre si, só é possível de ser entendido a partir da investigação das “condições de possibilidade e imaginabilidade” de uma obra utópica ou distópica, pois, por definição, utopia e distopia abordam as raízes de problemas sistêmicos e oferecem resoluções revolucionárias (GORDIN; TILLEY; PRAKASH, 2010, p. 2). Portanto, pensar em utopias e distopias não são apenas exercícios de imaginar o futuro, ou o passado, mas também podem ser interpretadas como ações concretas pelas quais indivíduos, situados historicamente, buscam reimaginar seu presente e transformá-lo em um futuro possível (GORDIN; TILLEY; PRAKASH, 2010, p. 2).

Buscamos, a partir da revisão bibliográfica que transita por diversos autores e ideias apresentadas neste tópico, costurar os fios que tecem o conceito de distopia com o intuito de transformá-los em categoria de análise possível do tempo histórico e do objeto de pesquisa desta dissertação. Mobilizando os conceitos apresentados anteriormente, pensamos sobre distopia,

como categoria de análise operacional, enquanto (1) histórias eticamente situadas a partir do presente em que são pensadas⁷⁴; (2) ainda uma resposta aos dilemas da perfectibilidade secular moderna, cujas contradições e impossibilidades revelam uma dimensão temporalizadora⁷⁵; (3) uma operação de atribuição de significado a um evento, contexto ou situação catastrófica que escapa aos aparatos conceituais de tal compreensão temporalizadora⁷⁶; (4) resultando em um deslugar que pode ser projetado em qualquer tempo ou espaço, passado ou futuro, tendo como consequência uma possível espacialização da experiência temporal⁷⁷. Em outras palavras, sugerimos que o conceito de distopia captura, desde um presente habitado por práticas concretas, modos imaginados de transição entre passado e futuro ao passo em que busca significar essa historicidade por meio de uma antecipação social não raramente vazada como “história de advertência” (*cautionary tale*) que carrega implicações éticas situadas. No que segue, procuramos compreender o romance *The Handmaid’s Tale*, de Margaret Atwood, a partir destas chaves, pensando mais adiante nos conceitos de gênero, na estrutura patriarcal, assim como em práticas do feminismo e literatura de mulheres.

1.2 Distopias literárias, distopias feministas

Agora andamos pela mesma rua, aos pares de vermelho, e homem nenhum grita obscenidades para nós, fala conosco, toca em nós. Ninguém assobia. Existe mais de um tipo de liberdade, dizia tia Lydia. Liberdade para a faculdade de fazer ou não fazer qualquer coisa, e liberdade de que significa estar livre de alguma coisa. Nos tempos de anarquia, era liberdade para. Agora a vocês está sendo concedida a Liberdade de. Não a subestimem⁷⁸.

Margaret Atwood

Ao começarmos uma discussão sobre literatura de autoria feminina e literatura feminista, Virginia Woolf é uma das primeiras referências do século XX sobre o assunto que nos vêm à cabeça. A partir de Woolf (2018), pensamos na ausência de mulheres escritoras documentadas pela história e na estrutura masculina considerada “universal” em que história e literatura estão apoiadas, uma vez que às mulheres cabia o estigma do doméstico e “pessoal”.

⁷⁴ GORDIN; TILLEY; PRAKASH, 2010, p. 1.

⁷⁵ VIEIRA, 2013, p. 2-3.

⁷⁶ SIMON, 2019; 2020.

⁷⁷ BENTIVOGLIO, 2019, p. 95-96.

⁷⁸ (ATWOOD, 2017b, p. 36).

Tendo em vista o ideal de que a história e literatura considerada “universal” partia de vivências masculinas, as vivências femininas e as mulheres não foram contempladas por uma “história oficial” do passado e quando foram, estavam subjugadas à papéis de gênero (DORNELLES, 2022, p. 223 – 224). O argumento de Virginia Woolf (2018, p. 115) sobre o silêncio fruto da exclusão de mulheres, escritoras e obras literárias de mulheres na história “passa por três fatores determinantes para a criação artística e intelectual: tempo, dinheiro e espaço próprio. Esses três fatores seriam historicamente negados às mulheres”. Seguindo a lógica de Woolf, a historiadora brasileira e doutora em ciências sociais Norma Telles (1987, p. 2) defende que quando a subjetividade e autonomia de criação artística é negada às mulheres, elas são simbolicamente excluídas da cultura no geral. Assim como Joana Russ afirma que mesmo não existindo uma proibição formal à criação artística de mulheres do século XIX, não expressa necessariamente liberdade de exercê-la: “a maioria das operárias britânicas do século XIX, suportando uma jornada de 14 horas, dificilmente passaria a vida aperfeiçoando rigorosamente o soneto⁷⁹” (RUSS, 2018, p. 6 apud DORNELLES, p. 224). Para a ensaísta e crítica literária francesa Hélène Cixous (2022, p. 51), em “O riso da Medusa”, ensaio feminista de 1975 sobre a escrita de mulheres, “ao censurar o corpo, censura-se, de um golpe só, o sopro, a palavra”.

Neste tópico do capítulo, buscamos compreender alguns debates acerca da literatura de mulheres e literatura feminista a partir de teóricas como Virginia Woolf, Raffaella Baccolini e Ildney Cavalcanti. Bem como apresentar algumas das obras distópicas consideradas clássicas do século XX e suas características. Para além das obras clássicas, buscamos apresentar algumas distopias feministas das décadas de sessenta, setenta e oitenta, com o objetivo de aprofundar o debate sobre literatura de autoria feminina e feminista na história. O objetivo é compreender melhor como utopia e distopia podem ser encaradas enquanto o próprio *deslugar* das mulheres no cânone literário e histórico. Para isso, procuramos estender para a literatura de mulheres e literatura feminista o argumento desenvolvido pelo historiador Julio Bentivoglio (2019) de *deslugar* (explorado no subcapítulo anterior). Buscamos também compreender a noção de “saberes localizados” como um projeto ético, conforme proposto pela filósofa e bióloga feminista Donna Haraway (1995).

Podemos observar durante o século XX como o gênero literário das distopias ganha força dentro da ficção científica. É possível afirmar que, historicamente, a imaginação catastrófica de escritores e escritoras foi alimentada por eventos como a ascensão nazifascista

⁷⁹ Tradução do inglês: “For example, poverty and lack of leisure are certainly power deterrents to art: most nineteenth-century British factory workers, enduring a fourteen-hour day, were unlikely to spend a lifetime in rigorously perfecting the sonnet” (RUSS, 2018, p. 6).

na Europa, a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), o uso e as ameaças de lançamento de bombas atômicas, a polarização política e a corrida espacial durante a Guerra Fria (DORNELLES, 2022, p. 227). Como apresentado anteriormente, as distopias são usualmente compreendidas como sinônimo de literatura distópica e retratam sociedades autoritárias em ruínas (CLAYES, 2017). Neste sentido, grande parte da literatura distópica cultuada e entendida como clássica foi escrita por autores do sexo masculino. Com “histórias universais”, heróis masculinos e personagens femininas mal trabalhadas ou ausentes, autores como Aldous Huxley, Frank Herbert, George Orwell, H.G. Wells, Isaac Asimov, Phillip K. Dick, Ray Bradbury são, por exemplo, alguns nomes importantes e conhecidos dentro da literatura distópica ao longo do século XX⁸⁰ (DORNELLES, 2022, p. 228). Neste sentido, podemos pensar a partir da coletânea “Utopias sonhadas/distopias anunciadas: feminismo, gênero e cultura queer na literatura”, publicada em 2019 pela Editora da Universidade Federal da Paraíba e organizada pelas professoras e pesquisadoras brasileiras Luciana Calado Deplagne e Ildney Cavalcanti. No capítulo da coletânea, “*At the root of totalitarianism: misogyny and violence in women’s dystopias*”, a pesquisadora americana de estudos literários Raffaella Baccolini (DEPLAGNE; CAVALCANTI, 2019, p. 45-46), argumenta que diferentemente das utopias, distopias não são obrigadas a providenciar soluções para os problemas que descreve nas sociedades criadas ficcionalmente. De acordo com Baccolini (DEPLAGNE; CAVALCANTI, 2019, p. 45-46), as condições de homens e mulheres em distopias (onde não existem direitos humanos básicos) são “igualmente” opressivas. Entretanto, a crítica feminista aponta que o gênero faz diferença nas visões distópicas de homens e mulheres (DEPLAGNE; CAVALCANTI, 2019, p. 45-46). Temas como violência e totalitarismo são recorrentes em obras distópicas de escritoras europeias das décadas de 1930 e 1940 e incluem misoginia e violência patriarcal, exercida especialmente contra a capacidade reprodutiva de corpos femininos. Alguns exemplos podem ser encontrados nas obras das escritoras Katherine Burdekin e Karin Boye.

Na década de trinta, a autora inglesa Katherine Burdekin (1896 – 1963) escreve *Proud Man* (1934), *The End of This Day’s Business* (escrito em 1935 e publicado no ano de 1989) e

⁸⁰ Para Heleieth Saffioti (2015, p. 37), as mulheres são socializadas para “desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem”. Desta forma, podemos encarar estas características como demonstrações do patriarcado na literatura. O patriarcado, assim como os diferentes fenômenos sociais, está em permanente transformação (SAFFIOTI, 2015, p. 48). Concordando com Saffioti (2015, p. 47), o conceito de gênero não diz respeito à apenas uma categoria de análise ou categoria histórica e embora cada feminista enfatize um determinado aspecto sobre, há o consenso de que “gênero é construção social do feminino e masculino”, não fazendo as desigualdades entre homens e mulheres serem auto evidentes. Seria possível entender essa manifestação do patriarcado na literatura? O objetivo deste trabalho não é o de responder essa indagação, mas é possível refletir sobre essa hipótese a partir deste conceito.

Swastika Night (1937). Segundo Baccolini, Burdekin pode ser definida como uma escritora de ficção especulativa, distopias e utopias. Publicado em 1937 sob o pseudônimo masculino de Murray Constantine, seu título mais conhecido é a distopia antifascista *Swastika Night*, uma obra diferente das demais distopias do período, pois aborda com atenção a polarização entre os gêneros, assim como a ligação entre gênero e poder. À época, a obra não teve uma grande repercussão entre a crítica e foi somente depois de 1985, por razão do trabalho da teórica feminista americana Daphne Patai, que a obra é publicada com o nome da autora (DEPLAGNE; CAVALCANTI, 2019, p. 51). Neste livro, Burdekin cria a realidade distópica de um mundo controlado por homens fascistas que moldam os destinos de mulheres as forçando a serem reprodutoras e mantidas como gado, eliminando o gênero feminino como era conhecido. Nesta realidade, a criatividade, arte, educação e história são abolidas⁸¹. Burdekin aborda temas políticos latentes da década de 1930, fazendo ligação entre misoginia, totalitarismo, o culto da virilidade e a construção de gêneros. Para Raffaella Baccolini (DEPLAGNE; CAVALCANTI, 2019, p. 47), “esses aspectos tornam sua visão mais radical e inovadora⁸²”.

A perda da liberdade das mulheres e a degradação é tão completa, que elas não conseguem se organizar e se rebelar. Como em qualquer regime totalitário, em *Swastika Night*, a reescrita da história, a destruição da cultura e do conhecimento juntamente com a repressão da memória, são as condições necessárias para a estabilidade do império alemão (...) A ligação entre misoginia e totalitarismo é central no romance de Burdekin, tornando-o único tanto em termos de clareza quanto de escuridão na visão do panorama das distopias anteriores à Segunda Guerra Mundial. A submissão das mulheres não se deve à sua ‘natureza’, mas à sua socialização como seres inferiores construídos sobre as teorias da supremacia masculina que, juntamente com o culto da virilidade, compõem o discurso hegemônico em que se baseia o regime totalitário⁸³ (DEPLAGNE; CAVALCANTI, 2019, p. 51-52).

⁸¹ Tradução da introdução do livro no site da editora *The Feminist Press*, que o publicou no ano de 1985: “Published in 1937, twelve years before Orwell’s *1984*, *Swastika Night* projects a totally male-controlled fascist world that has eliminated women as we know them. Women are breeders, kept as cattle, while men in this post-Hitlerian world are embittered automatons, fearful of all feelings, having abolished all history, education, creativity, books, and art. The plot centers on a ‘misfit’ who asks, ‘How could this have happened?’” Disponível em: <<https://www.feministpress.org/books-n-z/swastika-night>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

⁸² Tradução do original: “these aspects make her vision more radical and innovative” (DEPLAGNE; CAVALCANTI, 2019, p. 47).

⁸³ Tradução do original: “The women’s loss of freedom and degradation is so complete that they are unable to organize and rebel. As in any totalitarian regime, also in *Swastika Night* the rewriting of history, the destruction of culture and knowledge together with the repression of memory are the necessary conditions for the stability of the German empire (...) The link between misogyny and totalitarianism is central to Burdekin’s novel, thus making it unique both in terms of clarity and darkness of vision in the panorama of the dystopias preceding World War II. The submission of women is not due to their ‘nature,’ but to their socialization as inferior beings built on the theories on male supremacy which, together with the cult of virility, make up the hegemonic discourse on which the totalitarian regime is based” (DEPLAGNE; CAVALCANTI, 2019, p. 51 - 52).

Em 1940, a poetisa e romancista sueca Karin Boye (1900 – 1941), publica sua obra mais conhecida: *Kallocaïn*⁸⁴. Ambientada no século XXI, Boye cria uma ficção futurista pelo olhar do cientista Leo Kall, capturado por invasores, que mantém seus registros científicos e pessoais através do diário que escreve e acredita ser um esforço vão, pois será censurado. O cientista descobre uma substância química que deixa as pessoas incapazes de mentir, nomeando o soro da verdade de “Kallocaína” em homenagem a si mesmo. Kall elabora uma verdadeira arma política para o estado totalitário em que vive e apoia, por isso, após a invasão da Cidade Subterrânea nº 4 do chamado Estado Geral, ele é capturado pelos invasores e visto como um detrator útil por sua invenção, devendo continuar estudando e testando o soro. Embora o cientista Leo Kall compreendesse o estado como algo maior que sua própria vida, era atormentado pelo sentimento de ciúmes que tinha por sua esposa, Linda, testando a “Kallocaína” em sua própria companheira.

Também aqui, como em outras distopias, a submissão e a obediência ao Estado se expressam por meio da participação em rituais coletivos que caracterizam a vida de seus cidadãos e servem para estimular emoções rigorosamente controladas pelo Estado. A vida privada e pública dos cidadãos, que na tradução para o inglês são chamados de “companheiros de guerra”, são inteiramente controladas pelo Estado e normalmente encontram-se em permanente estado de guerra (DEPLAGNE; CAVALCANTI, 2019, p. 54).

A narrativa de Karin Boye aborda a surpresa do cientista ao descobrir uma traição da esposa que o cientista diferente da que esperava: contra o estado totalitário em que viviam. A autora detalha a insatisfação de Linda por ter sua vida resumida ao seu papel de gênero, como reprodutora, sendo obrigada a engravidar e não poder conviver com seus filhos, pois eram entregues ao estado a partir dos sete anos de idade. A esposa, ao se revoltar contra este papel excludente de ser obrigada a ter filhos que irão ser propriedade do regime totalitário, entende que não apenas biologicamente, mas também social e culturalmente através da sua maternidade, “ser mulher” era subjugado e atacado exatamente pela capacidade revolucionária de gerar novos seres humanos. Para o marido cientista, essa traição é ainda maior do que ele poderia imaginar. Apesar de viver na neutra Suécia, a poetisa e escritora Karin Boye era militante do movimento socialista internacional *Clarté*⁸⁵ e presenciou a ascensão nazista na Alemanha quando viajava para as reuniões do grupo. Para Baccolini, a guerra, morte e violência contida nas páginas do livro, testemunham as obsessões e os medos da escritora que temia pelo avanço da

⁸⁴ A obra de Boye foi publicada no Brasil, em 2019, pela editora Carambaia com o título “Kallocaína: Romance do século XXI”.

⁸⁵ Para ver mais sobre: *Kallocaína – romance do século XXI*. Disponível em: <<https://carambaia.com.br/kallocaina>>. Acesso em: 25 set. 2022.

militarização. Karin Boye suicidou-se um ano depois do romance ser publicado (DEPLAGNE; CAVALCANTI, 2019, p. 54).

De acordo com Ildney Cavalcanti (2003, p. 342), “as distopias feministas constituem um gênero literário intrinsecamente crítico”, possuindo o diferencial de representar uma série de opressões, violências e discriminações patriarcais que remontam a sociedade contemporânea. Paradoxalmente, as distopias críticas feministas receberam resistência entre leitoras feministas, a maior crítica era a de que as representações de infernos patriarcais androcêntricos significariam anti-feminismo e banalização da opressão. Com o tempo, as críticas acabaram por diminuir e a narrativa distópica feminista passou a ser percebida com fagulhas de esperanças e desejos sobre o futuro das mulheres (CAVALCANTI, 2003, p. 338). As utopias feministas, geralmente projetadas em não-lugares isolados como ilhas ou países fictícios habitados somente por mulheres, como é o caso das obras *A Rainha do Ignoto* (1899), escrito pela brasileira Emília Freitas e *Terra de Mulheres* (1915), da escritora estadunidense Charlotte Perkins Gilman⁸⁶. Já as distopias feministas, ganham projeções temporais futuristas (distantes ou não) opressoras, em lugares já existentes. Nessas projeções distópicas, as opressões vividas pelas mulheres são semelhantes às retratadas historicamente, remontando o momento em que foi escrito e o criticando e neste sentido, muitas das obras do gênero reivindicam pautas feministas contemporâneas à sua escrita (DORNELLES, 2022, p. 228). Escritoras como Octavia Butler, Ursula K. Le Guin e Margaret Atwood, por exemplo, são expoentes da literatura distópica feminista entre as décadas de 1960, 1970 e 1980.

A compreensão de conflitos históricos, caracterizados pela polarização da categoria gênero, nos espaços distópicos narrativos feministas pode operar várias funções em termos de recepção. Ao metaforizar a sujeição histórica (e as lutas feministas de resistência), esses textos podem inspirar ações e

⁸⁶Sobre as utopias *A Rainha do Ignoto* e *Terra de Mulheres*: “Em 1899, a brasileira Emília de Freitas publica o livro *A Rainha do Ignoto*: romance psicológico. Embora contenha no título ‘romance psicológico’, não se trata de um romance. O título vem no sentido de tentar distinguir sua obra de romances realistas. A obra é inspirada ‘em doutrinas espíritas que, nesse final de século, influenciavam sobremaneira os escritores, sobretudo os simbolistas’ (MUZART, 2008, p. 14). A escritora permaneceu durante muitos anos ignota da memória nacional, embora tenha sido uma das primeiras mulheres a escrever literatura fantástica de ficção científica no país. Emília publicou também outros dois livros, um deles de poesia. Entre suas obras, *A Rainha do Ignoto* foi a de maior destaque (...) as utopias de Gilman e de Freitas são contemporâneas, entre o final do século XIX e começo do XX e possuem diversas semelhanças desde o gênero literário até o conteúdo. Embora *Terra das Mulheres* seja mais conhecido que *A Rainha do Ignoto*, Charlotte assim como Emília, cria um não lugar físico e de difícil ou nenhum acesso em seu próprio tempo, feito e habitado somente por mulheres. Gilman cria um país governado por mulheres, onde a reprodução é espontânea: mulheres geram filhas, sem a necessidade de homens. Todas as mulheres são mães e as crianças são de todas as habitantes do país, o aborto não é uma opção considerada. Assim como Emília de Freitas usa como inspiração as lendas arthurianas da Ilhas de Avalon envoltas em brumas adicionando as chamadas paladinas (MUZART, 2008, p. 14), Charlotte Perkins Gilman dispõe do mito das Amazonas. A escritora aproxima seu livro do contexto feminista do começo do século XX e ‘essa estrutura do mito acaba por auxiliar na difusão das ideias centrais desse movimento, justamente pelo apelo ao imaginário popular em torno do mito das Amazonas por meio de uma releitura’ (MATIOLEVITZ, 2018, p. 51)” (DORNELLES, 2022, p. 225-226).

interferências por parte das mulheres, nas “fendas do mecanismo-mundo” (CAVALCANTI, 2003, p. 348).

“Comecei a escrever sobre poder porque era algo que eu tinha muito pouco”, é assim que a escritora afro-americana Octavia Estelle Butler (1947 – 2006), conhecida popularmente como “a grande dama da ficção científica”, começa sua distopia *Kindred: laços de sangue* (1979). Vivendo durante a década de setenta, Dana, uma mulher afro-americana, é lançada sem saber o motivo a uma fazenda escravista no ano de 1815. A partir dessas idas e vindas entre passado e presente, a personagem descobre que está no tempo e espaço de seus antepassados: Alice, uma mulher afro-americana escravizada e Rufus, um homem branco dono das terras. Dana, a narradora da história, precisa então garantir a existência de seus antepassados para que ela mesma continue existindo. Butler constrói críticas tanto ao passado colonial dos EUA, quanto às permanências desse passado em seu presente, a partir de sua vivência como uma mulher feminista e militante antirracista, utilizando de sua plataforma como escritora de um gênero literário, como visto anteriormente, bastante masculino e branco (DORNELLES, 2022, p. 232). Donna Haraway, em seu “Manifesto Ciborgue” (2009), cita as obras de Octavia Butler e outras escritoras de ficção científica, como exemplos a serem levado em consideração a respeito do “mito sobre identidades e sobre fronteiras, o qual pode inspirar as imaginações políticas do final do século XX” (HARAWAY, 2009, p. 83). A filósofa descreve a distopia *Kindred: laços de sangue* (1979) como uma “distorção no tempo” da personagem principal, em busca da própria existência (HARAWAY, 2009, p. 94). Donna Haraway procura questionar as opressões vividas historicamente entre as mulheres, traçando um paralelo esperançoso de revolução feminista a partir da figura do ciborgue: “temos, todas, sido colonizadas por esses mitos de origem, com sua ânsia por uma plenitude que seria realizada no apocalipse” (HARAWAY, 2009, p. 86).

A escritora estadunidense Ursula Kroeber Le Guin (1929 – 2018) é celebrada como uma das maiores escritoras de ficção científica e ficção especulativa da América. Segundo a escritora Ana Rüsche (2015, p. 26) é possível considerar os trabalhos de Le Guin entre 1960 e 1970, engajados pelo movimento de contracultura. Feminismo, ecologia, anticapitalismo e novas formas de viver em uma sociedade pacífica e antiautoritária, são alguns dos interesses demonstrados pela autora em suas obras. Em *A mão esquerda da Escuridão* (1969), Ursula K. Le Guin escreve a história de Genly Ai, um historiador humano que vai até o planeta Gethen em missão diplomática, tentar convencer os governantes daquele planeta à participarem de uma comunidade universal. Genly Ai, ao perceber-se numa diferente cultura, muito complexa e completamente diferente da divisão sexual binária humana, percebe que não está preparado

para essa missão. A autora, além de criticar a polarização que remonta seu contexto histórico de guerra fria, repensa e desestabiliza a partir do olhar humano e de uma vivência extraterrestre, as concepções pré-estabelecidas de masculino e feminino.

Em 1985, Margaret Atwood publica *The Handmaid's Tale*. A escritora é canadense, nascida em Ottawa no ano de 1939 e atua como romancista, poeta, contista, professora, crítica literária e ativista em causas humanitárias e ambientais. Foi vencedora de inúmeros prêmios internacionais e pelo livro *The Handmaid's Tale*, recebeu o prêmio Arthur C. Clarke de melhor romance de ficção científica do ano de 1987. A narrativa central do livro se passa num futuro não muito distante, após um golpe que faz dos Estados Unidos da América um país destruído por um regime teocrático evangélico chamado República de Gilead. As mulheres são divididas em castas, as aias como *Offred*, narradora do livro, têm suas existências resumidas à capacidade de seus úteros gerarem filhos, que vão se tornar propriedades daquele regime totalitário. As aias perdem o direito, inclusive, ao próprio nome, sendo obrigadas a adotarem os nomes dos comandantes: *Offred*, do inglês *of Fred*, pertencente à Fred.

Meu nome não é Offred, tenho outro nome que ninguém usa porque é proibido. Digo a mim mesma que isso não tem importância, seu nome é como o número de seu telefone, útil apenas para os outros, mas o que digo a mim mesma está errado, tem importância sim. Mantenho o conhecimento desse nome como algo escondido, algum tesouro que voltarei para escavar e buscar, algum dia. Penso nesse nome como enterrado. Esse nome tem uma aura ao seu redor, como um amuleto, um encantamento qualquer que sobreviveu de um passado inimaginavelmente distante. Deito-me em minha cama de solteiro, de noite, com os olhos fechados e o nome flutua ali, por trás de meus olhos, não totalmente ao alcance, resplandecendo na escuridão (ATWOOD, 2017b, p. 103).

Levadas ao “Centro Vermelho”, que no tempo de antes eram escolas públicas. Nos ginásios de esporte, as mulheres escolhidas por sua capacidade de gerar uma vida para o estado e se tornarem aias, dormiam e recebiam uma espécie de treinamento – lavagem cerebral – de outras mulheres que representavam o regime totalitário, as chamadas “tias”. Segundo a autora, no prefácio da edição de 2017 do livro, publicado pelo *The New York Times* e mencionado no tópico anterior:

Algumas das Tias que exercem o controle são verdadeiras crentes e acham que estão fazendo um favor às Aias: pelo menos não foram enviadas para limpar resíduos tóxicos; pelo menos, neste mundo novo feliz, ninguém vai violá-las, ou não exatamente, ou pelo menos quem as violar não é um desconhecido. Entre as Tias algumas são sádicas. Outras são oportunistas. E serve para elas pegar algumas das reivindicações favoritas do feminismo de 1984 – como as campanhas contra a pornografia e a exigência de maior

segurança contra os ataques sexuais – e usá-los em benefício próprio. Como dizia: a vida real⁸⁷ (ATWOOD, 2017).

Extremamente misógino e majoritariamente masculino, o regime totalitário de Gilead criou raízes e teve uma parcela específica de mulheres aliadas, como exemplificado anteriormente pela autora através das tias. Algumas das esposas, como a personagem Serena Joy, no passado antes do golpe teocrático era televangelista, pregava que o lugar das mulheres era o “tradicional” da liturgia cristã. Na seguinte passagem do livro, a narradora Offred a ironiza: “ela não faz mais discursos. Tornou-se incapaz de falar. Fica em casa, mas isso não lhe parece fazer bem. Como deve estar furiosa, agora que suas palavras foram levadas à sério” (ATWOOD, 2017, p. 58). A obra é dividida em duas partes, as lembranças da narradora em sua condição enquanto aia e o epílogo, que se passa no ano de 2195 durante o simpósio acadêmico de história sobre Estudos Gileadeanos.

O artigo “Tempos de Mulheres: Utopias e Distopias na Literatura e na História” (DORNELLES, 2022), pensa a respeito da distopia como deslugar, proposto por Bentivoglio (2019), podendo ser estendido à história das mulheres. Não sendo possível encontrar momentos justos para as mulheres dentro da história, na ficção elas se encontraram na negação de lugar (DEPLAGNE, 2006, p. 85, apud QUINHONES, 2015, p. 69). Neste sentido, “talvez por isso o universo utópico tenha agradado tantas escritoras no passado e, atualmente, a distopia, oriunda da utopia, ainda seja uma predileção para algumas autoras” (QUINHONES, 2015, p. 69). Portanto, podemos retomar à falta de mulheres, sejam como escritoras de suas próprias histórias no cânone literário ou nas representações infantilizadas ou unidimensionais, as associando ao “não-lugar que vai se transformando em deslugar” (DORNELLES, 2022, p. 227). A distopia como deslugar de Bentivoglio, desloca-se entre espaços e tempos diferentes e, ao associarmos a teoria do historiador com a história das mulheres junto ao cânone literário ao longo dos capítulos, buscaremos examinar a fonte de pesquisa da dissertação, o livro *The Handmaid’s Tale* (1985). As opressões pensadas por Atwood em 1985, retomam o passado a partir da denominação do termo “ficção especulativa” cunhado pela autora, uma vez que a autora afirma ter se inspirado em diversas épocas da história para escrever sua narrativa⁸⁸. As opressões que Atwood projeta em sua obra, por muito tempo foram compreendidas pela crítica como ultrapassadas naquele contexto. Entretanto, como buscamos argumentar a partir de agora, este

⁸⁷ Tradução da matéria na língua inglesa.

⁸⁸ ATWOOD, Margaret. **Margaret Atwood: Maldita profecia**, EL PAÍS, disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/12/eps/1494603374_701338.html>. Acesso em: 23 set. 2022.

deslugar vagou pelo espaço-tempo em uma direção muito mais próxima à realidade atual, futuro da obra.

No ensaio "Saberes Localizados: a questão da ciência no feminismo e o privilégio da perspectiva parcial" (1995), Donna Haraway, filósofa e bióloga feminista, defende uma abordagem científica que leve em consideração as diversas composições sociais, políticas e visões de mundo existentes. Segundo a autora (1995, p. 15), as feministas devem buscar uma explicação mais rica e adequada do mundo, de forma a viver nele de maneira mais justa e crítica em relação às práticas de dominação presentes em todas as posições sociais. No entanto, Haraway (1995, p. 16) alerta que todo interesse científico traz consigo desejos paradoxais e perigosos que acarretam contradições. Para a filósofa, tais contradições são necessárias e devem ser exploradas. Dessa forma, ela argumenta que não há necessidade de teorizar e representar o mundo a partir de sistemas globais ou doutrinas de objetividade que prometam transcendência a partir dos feminismos. Em vez disso, sugere a criação de uma rede de conexões para a Terra, incluindo a capacidade parcial de traduzir conhecimentos entre comunidades muito diferentes e diferenciadas em termos de poder. Assim, Haraway (1995, p. 16) propõe uma abordagem ética e política da ciência, em que as feministas buscam uma compreensão mais ampla e diversificada do mundo, reconhecendo a importância da pluralidade de perspectivas e da crítica reflexiva em relação às próprias práticas e às práticas de dominação presentes em outras posições sociais. De acordo com Haraway (1995, p. 38), a objetividade feminista é capaz de criar espaço para surpresas e ironias na produção de conhecimento, e que as feministas não estão no controle do mundo, mas sim tentando estabelecer conversas não inocentes por meio de tecnologias de visualização. Segundo a autora,

Não é de admirar que a ficção científica tenha sido uma prática de escrita tão rica na teoria feminista recente. Gosto de pensar na teoria feminista como o discurso do coite reinventado, devedor de suas fontes de possibilidade nos muitos tipos de explicações heterogêneas do mundo (HARAWAY, 1995, p. 38).

A partir da citação acima, também podemos pensar na possibilidade de uma leitura feminista da ficção científica e literatura de mulheres, alicerçada no conceito dos saberes localizados de Haraway. A corporificação feminista, juntamente com a parcialidade, objetividade e conhecimentos localizados das feministas, criam espaço para conversas e códigos em torno de corpos e significados possíveis, “é aqui que a ciência, a fantasia científica e a ficção científica convergem na questão da objetividade em relação ao feminismo” (HARAWAY, 1995, p. 41).

Neste capítulo, abordamos diversos debates em torno da literatura feminina e feminista, utilizando como base as teorias de Virginia Woolf, Raffaella Baccolini e Ildney Cavalcanti. Além disso, destacamos algumas obras distópicas clássicas do século XX e o popular aos heróis, quase sempre homens, destemidos. No entanto, nosso objetivo foi além das obras clássicas, pois procuramos apresentar distopias e utopias feministas de diferentes autoras, países e décadas como *A Rainha do Ignoto* (1899) de Emília Freitas, *Terra de Mulheres* (1915) de Charlotte Perkins Gilman, *Swastika Night* (1937) de Katherine Burdekin, *Kallocaína* (1940) de Karin Boye, *A mão esquerda da Escuridão* (1969) de Ursula K. Le Guin, *Kindred: laços de sangue* (1979) de Octavia E. Butler e *The Handmaid's Tale* (1985) de Margaret Atwood. A fim de aprofundar a discussão sobre a literatura feminina e feminista na história, pensamos na ligação dessas obras com as definições de distopia propostas no começo deste capítulo: como histórias eticamente situadas no presente, uma resposta aos dilemas da perfectibilidade secular moderna, uma operação de atribuição de significado a situações catastróficas que escapam à compreensão temporalizadora, resultando em um deslocamento que pode ser projetado em qualquer tempo ou espaço e capturando modos imaginados de transição entre passado e futuro, antecipação social e história de advertência com implicações éticas situadas. Com isso, buscamos compreender como a utopia e a distopia podem ser vistas como o próprio deslocamento das mulheres no cânone literário e histórico. Adotamos, nesse sentido, o argumento de "deslugar" proposto pelo historiador Julio Benvivoglio (2019) e exploramos a noção de "saberes localizados" como um projeto ético, como proposto pela filósofa e bióloga feminista Donna Haraway (1995).

No próximo capítulo, buscamos explorar o debate sobre literatura como fonte e agente histórico a partir do levantamento de dados sobre apropriações e comparações da ficção *The Handmaid's Tale* em protestos feministas e na mídia. Neste tópico, abordaremos o uso popular de *The Handmaid's Tale* em manifestações feministas em todo o mundo, bem como as conexões feitas por jornalistas entre a ficção e as notícias. Através deste levantamento de dados, examinaremos teoricamente como as interpretações, traduções e performances da obra podem ser compreendidas na história global, como uma forma de "glocalização" da obra a partir da contribuição de pesquisadoras brasileiras. Este tópico também irá explorar como a literatura pode ser vista não apenas como uma fonte histórica ou representação, mas como uma força que une o passado, presente e futuro, e como um agente de mudança social.

CAPÍTULO 2: LITERATURA EM MOVIMENTO

No segundo capítulo desta dissertação, vamos explorar o uso popular da obra *The Handmaid's Tale* em manifestações feministas ao redor do mundo, as críticas, o que dizem as apoiadoras e a opinião da autora Margaret Atwood sobre o uso das indumentarias das aias. A partir do levantamento destes dados, examinaremos teoricamente como estas manifestações podem ser compreendidas na história global, como um fenômeno de "glocalização" da obra, dialogando com outras contribuições de pesquisadoras brasileiras sobre THT. Este capítulo também irá explorar como a literatura pode ser vista não apenas como uma fonte histórica ou representação, mas como uma força que une o passado, presente e futuro, como um agente de mudança social.

*Somos úteros de duas pernas, apenas isso: receptáculos sagrados, cálices ambulantes*⁸⁹.

Margaret Atwood

2.1 Glocalização do conto da aia

Neste tópico, será apresentado o levantamento de dados sobre as apropriações populares de *The Handmaid's Tale* em protestos feministas e como elas podem ser entendidas como um fenômeno de "glocalização". Após apresentarmos estes dados, dialogaremos diretamente com a pesquisa da historiadora Isabela Gomes Parucker sobre *The Handmaid's Tale*, também compreendendo como fenômeno de glocalização do tema na área da historiografia.

Logo após a posse de Donald Trump, em janeiro de 2017, ocorreu a *Women's March*⁹⁰, um evento internacional que reuniu milhares de mulheres nas ruas. O objetivo era reivindicar as questões feministas e manifestar oposição às declarações misóginas de Trump, bem como aos possíveis retrocessos nas políticas públicas conquistadas ao longo da história em benefício das mulheres. Durante os protestos, chamou a atenção a presença de diversas placas fazendo referências à obra de Atwood. A própria autora também participou da edição canadense do evento⁹¹.

⁸⁹ (ATWOOD, 2017b, p. 165).

⁹⁰ "Women's March on Washington - On January 21, 2017, the day after President Donald Trump's inauguration, Women's March organized the largest single day protest in American history. Five million people marched across the globe, in every state, on every continent launching a movement." Disponível em: <https://www.womensmarch.com/>. Acesso 25 mai. 2022.

⁹¹ ATWOOD, Margaret. **Margaret Atwood and THE HANDMAID'S TALE at the Women's March in Toronto and around the world**. Toronto, 23 jan. 2017. Facebook: Margaret Atwood. Disponível em: <https://www.facebook.com/MargaretAtwoodAuthor/posts/1316129371741742>. Acesso em: 12 fev. 2021.

Desde então, a narrativa da obra tem sido apropriada e utilizada por várias associações. Também em 2017, durante a visita do ex-presidente dos EUA, Donald Trump, na Polônia mulheres vestiram-se como Offred para protestar contra os retrocessos nos direitos reprodutivos femininos⁹². Em 2018, mulheres argentinas⁹³ e brasileiras⁹⁴ também adotaram a indumentária vermelha das aias de Gilead para protestar a favor da descriminalização do aborto em seus respectivos países, assim como mulheres irlandesas⁹⁵ e estadunidenses, que reivindicaram a manutenção de seus direitos na câmara dos senadores⁹⁶. Em 2019, há registros de protestos com as aias na ocasião da visita de Donald Trump em Londres⁹⁷. Mesmo no pandêmico ano de 2020, aconteceram protestos contra a escolha polêmica de Trump na indicação da conservadora Amy Conney Barrett para assumir o lugar de Ruth Bader Ginsburg na suprema corte americana⁹⁸. A manifestação contra a indicação de Barrett à suprema corte, teve o diferencial de comparação à obra de Atwood, pelo fato de Barrett ser uma fervorosa cristã católica que participou de um movimento chamado *People of Praise's*. Nesta seita religiosa, as mulheres líderes (conselheiras) eram chamadas de “*handmaid's*”⁹⁹. Tal grupo foi definido como um “movimento cristão carismático, que buscou uma experiência religiosa mais intensa e comunal, abraçando práticas como vida compartilhada, cura pela fé e falar em línguas¹⁰⁰”.

⁹² Estas mulheres receberam Donald Trump vestidas como Offred, de “Handmaid’s Tale”. Disponível em: <<https://www.justicadesaia.com.br/estas-mulheres-receberam-donald-trump-vestidas-como-offred-de-handmaids-tale/>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

⁹³ Argentinas pró-aborto protestam com trajes de “O Conto da Aia”. **VEJA**. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/argentinas-pro-aborto-protestam-com-trajes-de-o-conto-da-aia/>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

⁹⁴ Na frente do STF, Pai Nosso para calar manifestantes pró-aborto. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2018/08/06/religiosos-aborto-stf/>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

⁹⁵ BEAUMONT, Peter; HOLPUCH, Amanda. How **The Handmaid’s Tale** dressed protests across the world. *The Guardian*, 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/aug/03/how-the-handmaids-tale-dressed-protests-across-the-world>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

⁹⁶ “The Handmaid’s Tale” protesters target Kavanaugh. **ABC News**. Disponível em: <<https://abcnews.go.com/Politics/handmaids-tale-protesters-target-kavanaugh/story?id=57592706>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

⁹⁷ “Trump Baby” blimp and a robot featured at protests in London. **Yahoo News**. Disponível em: <<https://news.yahoo.com/trump-baby-blimps-and-a-robot-featured-at-the-protests-in-london-135059209.html>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

⁹⁸ SAAD, Nardine. PROTESTING AMY CONEY BARRETT’S HEARING, THESE ‘HANDMAIDS’ TAKE ON NEW MEANING. **Los Angeles Times**, 12 out. 2020. Disponível em: <https://www.latimes.com/entertainment-arts/tv/story/2020-10-12/handmaids-protest-amy-coney-barrett-senate-confirmation-hearing>. Acesso em: 12 fev. 2021.

⁹⁹ GRADY, Constance. **The false link between Amy Coney Barrett and The Handmaid’s Tale, explained**. *Vox*. Disponível em: <<https://www.vox.com/culture/21453103/amy-coney-barrett-handmaids-tale-supreme-court>>. Acesso em: 5 jul. 2023

¹⁰⁰ BROWN, Emma; SWAINE, Jon; BOORSTEIN, Michelle. **Amy Coney Barrett served as a ‘handmaid’ in Christian group People of Praise**. *The Washington Post*. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/investigations/amy-coney-barrett-people-of-praise/2020/10/06/5f497d8c-0781-11eb-859b-f9c27abe638d_story.html>. Acesso em 30 de jun. 2023.

Apesar do intenso uso das indumentárias entre os anos de 2017 e 2020, em setembro de 2021, a organização da *Women's March* proíbe o uso das vestimentas na manifestação pelos direitos reprodutivos que aconteceria em outubro daquele ano¹⁰¹. Para a organização, o uso das capas vermelhas indicando um medo distópico para o futuro, ignora debates de raça e classe, sendo usado massivamente por mulheres brancas que se referem à série de televisão. Assim, sendo excludente às mulheres negras, com deficiência, encarceradas e pobres, que sempre tiveram a liberdade de seus direitos reprodutivos controlados. Outro argumento utilizado pelas organizadoras da *Women's March*, seria que o uso das roupas reforça o discurso da extrema-direita, dando a entender que abortos são assustadores, perigosos e prejudiciais às mulheres¹⁰². O grupo de ativistas dos direitos reprodutivos “*The Handmaids Army DC*”, que se organizam para utilizarem as roupas das aias em protestos feministas, respondeu à proibição respeitando a decisão das organizadoras:

A pedido de organizadores da Marcha das Mulheres, não participaremos de seus eventos com trajes no dia 02/10/2021. Respeitamos o direito deles de moldar a mensagem dos eventos que organizam. E reconhecemos que nossas demonstrações provocam respostas mistas válidas dos observadores, assim como os chapéus rosa usados na Marcha das Mulheres fizeram. Fica claro que, embora compartilhem alguns objetivos e princípios com os organizadores da Marcha das Mulheres, também temos agendas e métodos cada vez mais divergentes. O Exército das Aias DC está focado na defesa dos direitos reprodutivos de TODAS as pessoas. Reconhecemos explicitamente que os direitos ao aborto pertencem aos homens e pessoas não binárias com úteros, assim como àquelas que se identificam como mulheres¹⁰³.

A manifestação do ano de 2021, diz respeito ao banimento da permissão ao aborto no estado do Texas, revivendo os debates sobre a legalização do aborto em todo país no ano de 1973 com o caso *Roe vs. Wade*¹⁰⁴. Mesmo com a proibição, há registros do uso das capas

¹⁰¹ Women's March Organizers: No “Handmaid's Tale” Outfits or Coat-Hanger Images Allowed. **Washingtonian**. Disponível em: <<https://www.washingtonian.com/2021/09/28/womens-march-organizers-no-handmaids-tail-outfits-or-coat-hanger-images-allowed/>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

¹⁰² “Handmaid's Tale” Outfits Banned From Women's March. **The Wrap**. Disponível em: <<https://www.thewrap.com/handmaids-tale-outfits-banned-from-womens-march/>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

¹⁰³ Tradução da matéria: ADMIN, HADC. About the Women's March ban on Handmaids. **Handmaids Army DC**. Disponível em: <<https://www.handmaidsc.com/post/about-the-women-s-march-ban-on-handmaids>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

¹⁰⁴ O caso *Roe v. Wade* (1973), é uma decisão histórica proferida pelo Supremo Tribunal dos Estados Unidos em 1973 que aborda a constitucionalidade das leis que criminalizam ou restringem o acesso ao aborto. Nessa decisão, a Corte determinou que o direito à privacidade, assegurado pela cláusula do devido processo da 14ª Emenda, inclui o direito de uma mulher tomar a decisão de realizar um aborto. No entanto, também estabeleceu que esse direito deve ser equilibrado com os interesses do Estado na regulamentação do aborto, como a proteção da saúde da mulher e a preservação da potencialidade da vida humana. Essa decisão teve um impacto significativo na legislação e no debate sobre o aborto nos Estados Unidos, moldando o quadro legal e os argumentos em ambos os lados da questão. Este caso será discutido com mais atenção no próximo capítulo. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-aborto-e-o-caso-roe-vs-wade/801525826>. Acesso em: 29 mai. 2023.

vermelhas nas manifestações que aconteceram por todo território estadunidense, não apenas em Washington.



Figura 10: “No Texas, esta será a moda da próxima estação!”, diz o cartaz de mulher vestida de aia no estado do Texas em Austin, sábado, 2 de outubro de 2021¹⁰⁵.



Figura 11: “Sou uma mulher, não uma incubadora”¹⁰⁶.

Em 2022, a maioria conservadora da Suprema Corte dos EUA derruba a decisão de 1973 do caso *Roe vs. Wade*, reacendendo os protestos feministas pelos direitos reprodutivos e o debate a respeito do uso das capas vermelhas das aias de Gilead. No artigo do portal *LA*

¹⁰⁵ Women’s March takes fight to preserve abortion access to steps of Supreme Court: ‘Moment is dark’. The Globe and Mail, 2021. Disponível em: <<https://www.theglobeandmail.com/world/article-womens-march-takes-fight-to-preserve-abortion-access-to-steps-of/>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

¹⁰⁶ Tens of thousands of women march for abortion rights in US. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2021/10/2/women-march-across-us-in-support-of-abortion-rights/>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

*Times*¹⁰⁷, a jornalista Erin B. Logan (2022) organizou os argumentos populares contra usar vermelho: “many women of color pointed out that their ancestors, particularly those who were enslaved or forcibly sterilized, were treated in real life in the same way as Atwood’s handmaidens¹⁰⁸”. A crítica ao uso das indumentárias segue o mesmo argumento apresentado anteriormente de uma possível cristalização da imagem de mulheres brancas sendo oprimidas. Esta cristalização, seria uma forma ofensiva às mulheres não-brancas de ignorar o passado escravagista em que o pesadelo imaginado por Atwood foi real.

Em entrevista no ano de 2019, Margaret Atwood acena positivamente ao uso das capas vermelhas:

É uma estratégia de protesto brilhante, porque elas podem entrar em casas legislativas e você não pode expulsá-las, porque elas não estão dizendo nada, estão apenas sentadas despreziosamente. Também não pode expulsá-las por estarem vestidas de maneira inadequada, estão todas cobertas. Mas todo mundo que olha para elas sabe o que querem dizer¹⁰⁹ (ATWOOD, 2019).

Em entrevista ao jornal O Globo¹¹⁰, em dezembro de 2021, Atwood fala sobre sua participação no movimento das mulheres argentinas (que utilizaram os hábitos das aias em manifestações) pelo acesso aos direitos reprodutivos.

Me envolvi na luta argentina pelo aborto a pedido do movimento *Ni Una Menos*, que denuncia os feminicídios. Para mim, a questão do aborto é muito simples: o Estado é dono dos nossos corpos? Quando você é obrigado a servir ao Exército, o Estado é dono do seu corpo e deve pagar por suas roupas, comida, moradia, despesas médicas etc. Se o Estado quer ser dono dos corpos das mulheres, que pague por isso. Sou velha o suficiente para me lembrar de quando o aborto era ilegal na América do Norte e posso dizer que o resultado não era positivo. Limitar o aborto a casos específicos é assassinato judicial¹¹¹ (ATWOOD, 2021).

¹⁰⁷ LOGAN, Erin B. Essential Politics: **Is it OK to invoke “The Handmaid’s Tale” at abortion rights protests?** Los Angeles Times. Disponível em: <<https://www.latimes.com/politics/newsletter/2022-06-29/essential-politics-hand-maiden-roe-abortion-protest-thomas-barret-atwood-essential-politics>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

¹⁰⁸ Tradução: “Muitas mulheres de cor apontaram que seus ancestrais, particularmente aquelas que foram escravizadas ou esterilizadas à força, foram tratadas na realidade da mesma forma que as aias de Atwood.” Disponível em: LOGAN, Erin B. Essential Politics: **Is it OK to invoke “The Handmaid’s Tale” at abortion rights protests?** Los Angeles Times. <<https://www.latimes.com/politics/newsletter/2022-06-29/essential-politics-hand-maiden-roe-abortion-protest-thomas-barret-atwood-essential-politics>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

¹⁰⁹ ‘The Handmaid’s Tale’: 30 anos depois, ‘O Conto da Aia’ está mais próximo da realidade, diz autora Margaret Atwood. **BBC News Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49646159> Acesso em 20 jan. 2021.

¹¹⁰ Margaret Atwood, de “O conto da aia”: “Para mim, a questão do aborto é muito simples: o Estado é dono dos nossos corpos?” **O Globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/margaret-atwood-de-conto-da-aia-para-mim-questao-do-aborto-muito-simples-estado-dono-dos-nossos-corpos-25322272>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

¹¹¹ Margaret Atwood, de “O conto da aia”: “Para mim, a questão do aborto é muito simples: o Estado é dono dos nossos corpos?” **O Globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/margaret-atwood-de-conto-da-aia-para-mim-questao-do-aborto-muito-simples-estado-dono-dos-nossos-corpos-25322272>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

Como visto anteriormente, no primeiro capítulo desta dissertação, Margaret Atwood faz questão de apresentar todas suas fontes e recortes utilizados para criar a narrativa de *Offred*. Gilead é um regime cristão e totalitário, abertamente racista. Há uma passagem do livro, na seção VI “*Household*” ou “Pertences da casa”, na edição brasileira, em que *Offred* descreve o momento em que comandante, esposa e todos os “criados” da casa tinham o momento de rezar a bíblia e assistir juntos ao noticiário na TV. A narradora descreve uma das notícias, que reconhece pelas imagens ser na antiga cidade estadunidense de Detroit: “O reassentamento dos Filhos de Cam continua a ser feito de acordo com os planos” (ATWOOD, 2017b, p. 102). A notícia diz que três mil pessoas estão chegando ao lugar de partida e mais duas mil em “trânsito” rumo ao “Território Autônomo Um”, que fica em Dakota do Norte. *Offred* relata sua desconfiança sobre o número alto de pessoas que estariam se locomovendo ao mesmo tempo, sem imagens do deslocamento, imaginando que poderiam ter sido mortos (ATWOOD, 2017a, p. 84). “Filhos de Cam” se refere à passagem bíblica do Gênesis 9, sobre um dos filhos de Noé, Cam. Resumidamente, os filhos de Noé que saíram da arca foram Sem, Cam e Jafé, a partir deles toda a terra teria sido povoada. Cam seria “pai” e responsável por Cuxe, Mizraim, Pute e Canaã. Após um conflito entre Noé e seu filho Cam, o patriarca o amaldiçoa: “Maldito seja Canaã! Escravo de escravos será para os seus irmãos”. Sendo Cam responsável pelo povo de Canaã entre outros reinos como Cuxe - atual Núbia, no continente africano - é geralmente conhecido pelos religiosos por ser “pai dos povos negros”. Esta alcunha presente no livro dos Gênesis, serviu para algumas religiões abraâmicas justificarem o racismo e a escravização da população do continente africano¹¹². Assim, Margaret Atwood usa essa referência em sua obra para exacerbar o racismo presente em Gilead, falando em “reassentamento dos Filhos de Cam”, ou seja, a população negra do antigo país EUA¹¹³. Embora possamos definir sua obra como uma distopia literária, fruto de sua imaginação histórica, a própria escritora define sua obra como ficção especulativa, por se basear nos pesadelos humanos já vivenciados, como por

¹¹² A origem do mito bíblico que foi utilizado para “justificar” racismo. **BBC News Brasil**, Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63209322>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

¹¹³ Sobre a diversidade racial em THT: “Gilead é abertamente racista e sexista. Somos informados de que os negros - chamados de ‘filhos de Ham’, em homenagem a um dos filhos de Noé, frequentemente interpretado como negro - foram removidos da sociedade e reassentados em ‘National Homelands’, um lugar não revelado em algum lugar do meio-oeste. Nós realmente não sabemos o que isso significa, mas como toda a história provou, as minorias sendo reunidas e levadas certamente não levam a nada de bom. Rita, uma das empregadas domésticas conhecida como Martha, é descrita como tendo “braços marrons”, mas não está claro de que raça ela é. Também não está claro se Gilead permite que pessoas não brancas trabalhem como criados. Os judeus recebem mais status, pois são considerados “filhos de Jacó” por seu papel na Bíblia e têm a opção de se converter ou emigrar para Israel”. HUDSON, Laura. *The Handmaid’s Tale: The Key Changes Between the Book and the TV Show*. **Vulture**. Disponível em: <<https://www.vulture.com/2017/04/the-handmaids-tale-hulu-book-differences.html>>. Acesso em: 9 jul. 2023.

exemplo a escravidão nos EUA. Em sua tese, a escritora e pesquisadora Ana Rüsche (2015, p. 47), argumenta sobre uma possível impressão de “universalidade” das visões de mundo da narradora do livro, *Offred*. Nas descrições da narradora, ela se apresenta como uma mulher branca que pertenceu à classe média estadunidense, instruída em universidade. Segundo a crítica de Rüsche (2015, p. 47) à obra, “não é tolerável que, após a insistência de movimentos de mulheres latinas, mulheres negras e mulheres que habitam periferias, essa ‘normalidade’ da personagem passe sem ser questionada”.

A manifestação mais recente, até o momento da escrita deste trabalho, foi em março de 2023 em diferentes cidades de Israel. Os protestos eram contra o governo conservador e autoritário do primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu. Para as manifestantes israelenses, a caracterização de aia era representação dos medos que assolam as mulheres¹¹⁴. Margaret Atwood, expressa solidariedade às manifestantes¹¹⁵.



Figura 12: Interação de Atwood, em sua rede social, sobre as manifestações, março de 2023.

¹¹⁴ PRESS, Associated. **Dystopian “Handmaid’s Tale” costumes become protest symbol in Israel.** Daily Sabah. Disponível em: <<https://www.dailysabah.com/arts/dystopian-handmaids-tale-costumes-become-protest-symbol-in-israel/news>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

¹¹⁵ STAFF, ToI; AP. **‘Handmaid’s Tale’ author nods at inclusion in Israel protests.** Disponível em: <<https://www.timesofisrael.com/handmaids-tale-author-nods-at-inclusion-in-israel-protests/>>. Acesso em: 5 jul. 2023.



Figura 13: Manifestantes em Israel, 16 de março de 2023.

A presente dissertação não tem como objetivo principal realizar um levantamento detalhado sobre o estado da arte de pesquisas sobre *The Handmaid's Tale* no Brasil. No entanto, é importante ressaltar que a obra de Margaret Atwood goza de uma ampla popularidade no campo de estudo das ciências humanas, como pode ser constatado através do fácil acesso a fontes relacionadas ao tema. Neste sentido, procuro dialogar e apresentar neste subcapítulo os trabalhos da historiadora brasileira Isabela Gomes Parucker, que conversam diretamente com esta dissertação de mestrado.

Relacionando a narrativa de *The Handmaid's Tale* à teoria da história e gênero, a dissertação de Isabela Gomes Parucker intitulada: “Vivíamos nas lacunas entre as Histórias”: Ficção, História e Experiência Feminina em *The Handmaid's Tale*, de Margaret Atwood foi defendida em 2018. Teve como objetivo investigar as interações entre a prática historiográfica e a prática literária, analisando como uma reformulação das fronteiras entre essas duas áreas possibilita uma concepção mais ampla e democrática da história. Parucker examina a história como uma disciplina acadêmica e uma investigação intelectual que se desenvolveu com base em padrões científicos e conhecimentos moldados por um contexto masculino, no qual o sujeito modelo é o homem branco heterossexual. De acordo com Parucker (2018, p. 14), a história se constitui sob uma lógica masculina e excludente, sendo forjada como disciplina fundamentada em “uma ciência que se propõe objetiva e neutra”. Como consequência dessa perspectiva, a historiografia apresenta lacunas e omissões em relação às experiências de diversos grupos e indivíduos que não se enquadram nesses padrões estabelecidos. Nesse sentido, a autora

considera a escrita literária como uma forma de elaborar representações e discursos sobre a experiência das mulheres e enfatiza a construção de narrativas literárias como um meio de reflexão sobre a própria prática de escrever história.

Ficção e realidade não são, portanto, polos opostos, mas sim estruturas que existem e se articulam em uma relação de comunicação: a ficção organiza a realidade de forma a torná-la comunicável, passível de ser conhecida e interpretada. A função da ficção seria, portanto, a mediação entre sujeito e realidade (ISER, 1996, p. 102 apud PARUCKER, 2018, p. 62).

Parucker utiliza como fonte de pesquisa a obra *The Handmaid's Tale*, objetivando seu uso como um recurso para refletir sobre a história como vivência e como produção de conhecimento. A obra também é abordada como um instrumento para refletir e representar a experiência humana ao longo do tempo, especialmente feminina.

Pensando em seu trabalho, podemos notar uma grande aproximação de temas, desde a fonte escolhida (THT) quanto à abordagem de questões sobre o movimento feminista no período de lançamento do livro e a possível crítica de Atwood, no epílogo do livro, ao fazer historiográfico – que será abordado no capítulo seguinte da presente dissertação. Apesar da presente dissertação de mestrado não se propor a estudar questões diretamente relacionadas ao corpo, a subjetividade de uma socialização feminina e a história dos movimentos feministas relacionados à obra, são de suma importância.

Plural e diversificado, o movimento feminista em suas diversas manifestações denuncia desde suas origens as desigualdades de gênero. A década de 1980 – período em que *The Handmaid's Tale* foi elaborada e publicada – foi marcada por intensos e fecundos debates internacionais no âmbito dos feminismos, delineando uma ampla agenda feminista tanto em termos teóricos quanto práticos. Partindo do conceito de gênero como categoria analítica, as mulheres e as relações entre os gêneros passaram a fazer parte de forma mais contundente em discussões já existentes, trazendo novas perspectivas na produção de conhecimento, bem como no cotidiano e na vida política de indivíduos e grupos sociais. A denúncia das desigualdades e da condição feminina na história garantiram às mulheres algumas liberdades e direitos (BIROLI; MIGUEL, 2014, p. 7 apud PARUCKER, 2018, p. 65).

Em 2022, a historiadora Isabela Gomes Parucker defendeu sua tese de doutorado intitulada “Cartografias do Possível: Literatura Distópica e suas escritas do corpo, instrumentos de reflexão sobre o tempo na Teoria da História”. O objetivo central de sua tese, foi examinar como a imaginação distópica, enquanto manifestação literária feminista, proporciona reflexões sobre o conceito e a experiência do tempo, estabelecendo-a como uma ferramenta para o estudo da história. Para tanto, Parucker analisou as abordagens linguísticas empregadas em três romances distópicos feministas escritos por mulheres. Nas obras literárias distópicas feministas analisadas por Parucker, a experiência temporal é traduzida por analogias que transformam o corpo das mulheres em agentes e espaços de experimentação temporal. Além disso, as obras

utilizadas pela historiadora apresentam tramas que se desenvolvem em torno do controle sexual e reprodutivo das mulheres. As três obras analisadas (*As Horas Vermelhas*, de Leni Zumas, 2018; *Future Home of the Living God*, de Louise Erdrich, 2017; *When She Woke*, de Hillary Jordan, 2011) são relativamente recentes, publicadas na segunda década do século XXI, e têm como cenário os Estados Unidos da América.

Em sua tese, Parucker procura desenvolver um estudo a respeito de como as distopias podem contribuir para o estudo do tempo na área de teoria da história. Embora a pesquisa de Parucker aborde outras fontes literárias, a base de seu trabalho dialoga diretamente com a presente dissertação, quando buscamos compreender os conceitos de distopia nas áreas de literatura e história e aplicarmos ao estudo sobre o tempo a partir de uma visão feminista.

Literatura, História e Feminismo são fenômenos globais que pertencem ao tempo e se manifestam no espaço. Buscamos apresentar estas manifestações globais feministas e o diálogo preciso entre a presente dissertação com as pesquisas de Isabela Gomes Parucker, como forma de interligar o tempo e o espaço, o global e local. Concordando e lançando luz à perspectiva de Sebastian Conrad (2019, p. 24),

As questões mais interessantes nascem, frequentemente, da intersecção entre os processos globais e as suas manifestações locais. Por outro lado, contudo, a história global não é apenas uma perspectiva. À sua abordagem não pode ser projetada indiscriminadamente — aplica-se com mais sentido a determinados períodos, lugares e processos do que a outros. Toda a tentativa de contextualização global necessita de ter em conta o grau e a qualidade das conexões do seu objeto (CONRAD, 2019, p. 24).

Ainda pensando na perspectiva de Conrad, deve-se atentar que “este campo está ainda numa fase de formação. Por essa razão, os que adotarem uma abordagem global precisam de estar conscientes da metodologia a empregar” (CONRAD, 2019, p. 25). Neste sentido, buscamos pensar neste alinhavo a partir da teoria de glocalização. De maneira genérica, podemos entender o termo glocal como um conceito que combina as palavras “global” e “local”. Essa perspectiva enfatiza a importância de considerar tanto os aspectos globais quanto os locais em diferentes contextos. Para tal, utilizamos o conceito desenvolvido por Ifversen (2015, p. 289), de que na história conceitual, há uma compreensão acentuada do papel independente das traduções na formação do significado dos conceitos. Diferentemente dos estudos clássicos de tradução, em que o processo de traduzir é um trabalho interpretativo que envolve a visão do tradutor e o contexto cultural. Jan Ifversen (2015, p. 289) utiliza os “quatro T’s” para estruturar o estudo dos entrelaçamentos culturais: transferência, transmissão, tradução e transformação. A transferência, transmissão e a tradução, seriam os elementos que conduzem à transformação, especialmente quando os conceitos encontram seu caminho para uma linguagem mais

abrangente associada a ações políticas e sociais (IFVERSEN, 2015, p. 289). Segundo Ifversen (2015, p. 298), estes entrelaçamentos e suas transferências, seriam a base do que poderíamos chamar de globalização dos conceitos.

Assim como a definição genérica do termo “glocal”, Ifversen (2015, p. 298) vai definir o que podemos chamar de glocalização, como sobre a interação constante entre o global e o local. Para Ifversen (2015, p. 298), é partindo do envolvimento entre conceitos e linguagens que decorrem mudanças semânticas que alteram a compreensão do local e do global.

Isso implica a reconstrução das diferentes trajetórias semânticas nas quais conceitos estrangeiros com pretensões globais confrontam uma variedade de conceitos 'locais'. Do engajamento de conceitos e linguagens decorrem mudanças semânticas que acabam por alterar a compreensão do local e do global. Mudanças semânticas ocorrem dentro de contextos mais amplos de mudança política e social. Em seu estudo dessas mudanças, os autores demonstram como **a glocalização de conceitos é o verdadeiro motor da história conceitual global**¹¹⁶ (IFVERSEN, 2015, p. 298, grifo nosso).

Jan Ifversen (2015, p. 298) entende o fenômeno da glocalização de conceitos como base da história conceitual global. É partindo das definições de Ifversen, que compreendemos as manifestações feministas com referências à obra de Margaret Atwood e a aproximação de pesquisas como a da presente dissertação e a da historiadora Isabela Gomes Parucker.

2.2 Literatura como agente de mudança social

Este tópico é dedicado à compreensão de como a literatura pode ser pensada não apenas como representação ou fonte histórica, mas como força que se faz presente e aproxima passado, presente e futuro. Para tentar responder a estes questionamentos, será utilizada a visão de teóricos como Antonio Candido e Sandra Jatahy Pesavento.

Uma forma, vermelha com touca de abas brancas ao redor da cabeça, uma forma como a minha, uma mulher de aparência sem graça e desinteressante, de vermelho, carregando uma cesta, se aproxima pela calçada de tijolos em minha direção. Ela me alcança e examinamos uma o rosto da outra, olhando pelos túneis brancos de tecido que nos cercam. Ela é a mulher certa. - Bendito seja o fruto - diz ela para mim, a expressão de cumprimento considerada correta entre nós. Que possa o Senhor abrir- respondo, a resposta também correta. Viramo-nos e

*caminhamos juntas passando pelas grandes casas, em direção à parte central da cidade. Não temos permissão para ir lá exceto em pares. Supostamente isso é para nossa proteção, embora a ideia seja absurda: já somos bem protegidas. A verdade é que ela é minha espiã, como eu sou a dela.*¹¹⁷

Margaret Atwood

Buscamos, no primeiro capítulo, apresentar as fontes que inspiraram a escrita de Atwood em sua autointitulada ficção especulativa; neste segundo capítulo, assim como no terceiro, buscamos apresentar aspectos da apropriação da narrativa de *Offred* em movimentações e debates teóricos feministas, respectivamente, desde a publicação da obra em 1985 até o presente momento. Neste subcapítulo, tentaremos responder algumas perguntas: de que forma podemos pensar a respeito da globalidade da obra de Margaret Atwood? Como a escrita, a escritora e a literatura podem ser vistas para além de uma fonte histórica? E como estes fatores citados anteriormente podem conectar passado, presente e futuro?

Uma das principais ideias do sociólogo e crítico literário Antonio Candido no livro "Literatura e Sociedade" (2006) é a de que a literatura não é um fenômeno isolado, mas sim um reflexo da realidade social na qual é produzida. Ele argumenta que a obra literária é moldada pelas condições sociais, econômicas e políticas de seu tempo, e que os escritores são influenciados por essas condições ao criar suas obras.

Tomemos os três elementos fundamentais da comunicação artística — autor, obra, público — e vejamos sucessivamente como a sociedade define a posição e o papel do artista; como a obra depende dos recursos técnicos para incorporar os valores propostos; como se configuram os públicos. Tudo isso interessa na medida em que esclarecer a produção artística, e, embora nos ocupemos aqui principalmente com um dos sentidos da relação (sociedade-arte), faremos as referências necessárias para que se perceba a importância do outro (arte-sociedade). Com efeito, a atividade do artista estimula a diferenciação de grupos; a criação de obras modifica os recursos de comunicação expressiva; as obras delimitam e organizam o público (CANDIDO, 2006, p. 32-33).

Ao estabelecer a relação entre arte e sociedade, o autor percebe “o movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas” (CANDIDO, 2006, p. 34). Sobre a relação entre os três elementos importantes para a arte (autor, obra e público) o sociólogo Antonio Candido (2006, p. 44), destaca a influência do fator sociocultural na técnica como aspecto relevante na formação e caracterização dos públicos. De

¹¹⁷ (ATWOOD, 2017b, p. 29).

acordo com Candido (2006, p. 45), com o advento da escrita, surgiu uma era em que os públicos indiretos, ou seja, aqueles que têm contato secundário com a obra, tornaram-se predominantes. Essa tendência foi impulsionada ainda mais pela invenção da tipografia e a queda do mecenato. Para Antonio Candido (2006, p. 45), inovações como o fonógrafo e o rádio para a música, assim como a reprodução em massa de obras de arte em pintura, com impressionante qualidade, resultaram em um novo tipo de público. Dessa forma, Antonio Candido (2006, p. 45) ressalta a importância de compreender como fatores socioculturais, como a técnica, moldam a formação e as características dos públicos nas diferentes manifestações artísticas. A evolução das tecnologias de transmissão tem impactos profundos na relação entre o público e a arte, influenciando a acessibilidade, a interação e a apreciação das obras pelos indivíduos.

Retomando a importante tríade autor, obra e público, Antonio Candido (2006, p. 46) destaca que o público desempenha um papel crucial ao conferir sentido e realidade à obra de arte. De acordo com o sociólogo, sem o público, o autor não consegue realizar-se plenamente, pois é por meio do público que o autor encontra um reflexo de si mesmo como criador (CANDIDO, 2006, p. 46). Neste sentido, à luz do pensamento de Antonio Candido, podemos tentar responder às perguntas iniciais deste capítulo sobre a globalidade da obra de Margaret Atwood. Antonio Candido ressalta a importância do público como mediador entre o autor e a obra de arte, destacando que é a relação estabelecida com o público que permite ao autor encontrar seu lugar na história da arte e ter seu valor reconhecido ao longo do tempo. Portanto, segundo Candido (2006, p. 46), o público atua como um elo fundamental entre o autor e sua própria obra. É por meio da interação com o público que a obra de arte adquire significado e encontra ressonância no mundo. Poderíamos pensar na visão de Candido aplicada à *The Handmaid's Tale* e a incorporação da narrativa nas manifestações feministas assim como a adesão da autora no movimento *Ni Una Menos* na Argentina? Segundo Antonio Candido, o autor depende da recepção e da apreciação do público para que sua expressão artística seja legitimada e para que a mensagem transmitida encontre eco e impacto na sociedade.

A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. Qual a influência entre eles; como se condicionam mutuamente; que relações humanas pressupõem ou motivam? (CANDIDO, 2006, p. 83)

De acordo com a perspectiva de Antonio Candido (2006, p. 83), tanto o crítico literário quanto o sociólogo levantam questões sobre a produção de uma obra literária. Segundo

Candido, ambos concordam que a posição social do escritor e a formação do público devem ser consideradas ao analisar a produção literária. Segundo Candido (2006, p. 84), a produção da obra literária depende, primeiramente, da consciência grupal, ou seja, da percepção do escritor de que faz parte de um segmento especial da sociedade. Essa consciência se manifesta de maneiras diversas, dependendo do contexto histórico e permite que os escritores definam um papel específico e distinto dos demais, fornecendo-lhes uma identificação como membros de um grupo delimitado. Esses fatores estão interligados e combinados na realidade, sendo dependentes uns dos outros e influenciando-se mutuamente de acordo com a situação analisada. Portanto, de acordo com Candido (2006, p. 85) é necessário considerá-los e relacioná-los ao segundo grupo de fatores que compõem o conceito de público. Se a obra literária atua como mediadora entre o autor e o público, o público, por sua vez, desempenha o papel de mediador entre o autor e sua própria obra. O autor só consegue ter plena consciência de sua obra quando essa lhe é apresentada através das reações de terceiros. Isso significa que o público é essencial para que o autor possa se conhecer, pois a revelação da obra é também uma revelação de si mesmo. Sem o público, continua Candido (2006, p. 85), o autor não teria um ponto de referência, e seus esforços seriam em vão caso não houvesse uma resposta que o definisse. Quando se diz que escrever é essencial para um verdadeiro escritor, isso significa que o escritor está organizado de forma a ser motivado pela reação do outro, que é necessária para sua autoconsciência, e essa motivação se dá através do ato de criação. Escrever proporciona a manifestação do outro, através da qual nossa própria imagem é revelada para nós mesmos (CANDIDO, 2006, p. 85).

Por isso, todo escritor depende do público. E quando afirma desprezá-lo, bastando-lhe o colóquio com os sonhos e a satisfação dada pelo próprio ato criador, está, na verdade, rejeitando determinado tipo de leitor insatisfatório, reservando-se para o leitor ideal em que a obra encontrará verdadeira ressonância. Tanto assim que a ausência ou presença da reação do público, a sua intensidade e qualidade podem decidir a orientação de uma obra e o destino de um artista. Mesmo porque nem sempre há contacto tangível do escritor com os leitores, e estes nem sempre se ordenam em grupos definidos, podendo permanecer no estado amorfo, isolados uns dos outros, por vezes em estado potencial (CANDIDO, 2006, p. 85).

Entendendo a literatura como sistema vivo, Antonio Candido (2006, p. 83) pensa a relação dinâmica entre autor, obra e público como fundamental para compreender a realidade da literatura em ação. Através dessa interação, a literatura se transforma, evolui e adquire significado. A influência mútua entre esses elementos cria um processo de circulação literária contínuo, no qual a obra é lida, interpretada, debatida e reconfigurada pelos leitores,

alimentando assim a vitalidade da literatura ao longo do tempo. Poderia ser essa movimentação literária, descrita por Candido, compartilhada entre os tempos passados, presentes e futuros?

Pensando na recepção de *The Handmaid's Tale*, podemos retomar o ensaio de Antonio Candido “Literatura e subdesenvolvimento” (1989) utilizado por Fellip Agner Trindade Andrade no artigo “Recepção Literária e Mídias: Uma breve análise de *The Handmaid's Tale*” (2020). Candido destaca a potencial influência dessas novas formas de mídia na cultura e na arte, incluindo a literatura. O fácil acesso ao conteúdo proporcionado pela Internet permite que as pessoas encontrem diversas maneiras de atender às suas necessidades de ficção e poesia, muitas vezes fora do contexto tradicional dos livros impressos. Essa transformação nos meios de comunicação e nas formas de criação artística impacta o cenário cultural contemporâneo, abrindo caminho para uma maior diversidade de expressões e possibilidades artísticas (CANDIDO, 1989, p. 144, apud ANDRADE, 2020 p. 90). Em suma, para Andrade (2020, p. 90), Antonio Candido antecipa o surgimento e a crescente relevância dos recursos audiovisuais, prevendo que as grandes massas, ao obterem instrução, buscarão outras formas de satisfação de suas necessidades artísticas e de entretenimento, além dos livros. Para Andrade (2020, p. 90), essa previsão tornou-se realidade com o avanço da tecnologia e o acesso generalizado à Internet, que possibilitam a busca por ficção e poesia em diferentes meios, contribuindo para uma maior diversidade cultural (CANDIDO, 1989, p. 144 apud ANDRADE, 2020, p. 90).

O capital envolvido nesse movimento artístico e cultural e as revoluções práticas e comportamentais causadas pela era digital são agora alguns dos principais fatores desse caminho pelo qual um livro é escrito, publicado, performado e, finalmente, adaptado, retornando mais uma vez à sua performance, agora não apenas como uma obra literária, mas como uma *obra transmídia* (JENKINS, 2009), na qual a sua recepção em um suporte acaba por influenciar a outra (ANDRADE, 2020, p. 90).

Para Andrade (2020, p. 98), a contemporaneidade, a materialidade do texto não é o único fator relevante e sustentável na literatura, principalmente em seus aspectos culturais e políticos mais amplos. Isso é ainda mais evidente quando consideramos as transformações ocorridas na recepção literária, incluindo as mudanças nos suportes de leitura proporcionadas pelas mídias digitais. Buscamos no argumento de Andrade (2020, p. 98), compreender os aspectos referentes ao aumento da popularidade da obra desde o lançamento da série de televisão adaptada. Para Andrade (2020, p. 98), com a influência cada vez maior das mídias digitais e o crescente alcance que elas têm na esfera literária, a recepção de uma obra literária vai além da simples apreciação de seu texto original. As múltiplas adaptações pelas quais uma obra literária pode passar acabam por influenciar sua recepção não apenas como uma obra adaptada, mas também como uma obra literária em si, em seu sentido mais amplo. Dessa forma, a recepção de uma obra literária é

afetada pelo contexto em que ela é lida e pelo meio pelo qual ela é acessada. A recepção literária contemporânea é moldada por uma variedade de fatores, incluindo as transformações nas formas de leitura, os novos suportes de leitura proporcionados pelas mídias digitais e as adaptações que uma obra literária pode sofrer (ANDRADE, 2020, p. 98).

Voltando a pensar em literatura, para historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2003), a ficção científica vai além de meras narrativas fantasiosas, oferecendo uma abordagem que reflete as inquietações e anseios presentes na sociedade em que é produzida. Dessa forma, a ficção científica se revelaria como um espelho das preocupações e aspirações de mulheres e homens de um determinado contexto histórico. Segundo Pesavento, a literatura, “é sempre um registro – privilegiado – do seu tempo. Literatura é o domínio da metáfora da escrita, da forma alegórica da narrativa que diz sobre a realidade de outra forma” (PESAVENTO, 2003, p. 39). E sobre a recepção de uma obra literária, Pesavento discorre que:

Sem dúvida que a recepção de uma obra na temporalidade de sua escrita nos revela, em termos de recepção, as expectativas do público, mas aquele que passa despercebido e só depois será descoberto pela crítica nos revela aquele poder supremo do olhar literário que, como antena do social, é capaz de antecipar-se aos outros olhares e vozes (PESAVENTO, 2003, p. 40).

A partir das questões abordadas neste capítulo, podemos compreender diversos aspectos que caracterizam uma "literatura em movimento". Torna-se evidente que a recepção literária do romance de Margaret Atwood vai muito além da simples leitura das páginas da obra. Fatores como a adaptação para uma série de televisão, a repercussão na mídia em relação aos paralelos entre a narrativa ficcional e situações da realidade, os memes e a presença constante nas listas de mais vendidos contribuíram significativamente para a expansão da própria narrativa (ANDRADE, 2020, p. 97). Ao considerarmos o contexto de lançamento do romance e a sua apropriação atual, retomando os argumentos apresentados no primeiro tópico deste capítulo e no capítulo inicial desta dissertação, torna-se evidente uma espécie de aproximação distópica entre passado, presente e futuro. Tempo e espaço dialogam com a história global, tal como vê Sebastian Conrad (2019, p. 22), “a história global é, simultaneamente, um objeto de estudo e uma forma particular de olhar a história: é tanto um processo como uma perspectiva, um objeto e uma metodologia”. *The Handmaid's Tale*, sendo uma distopia, através da perspectiva de Júlio Benvoglio (2019, p. 95-96) “é um deslugar, que não se encontra exatamente no futuro, mas, que pode estar em qualquer lugar, inclusive no presente e no passado”. Assim, a obra se desloca no espaço, ecoando em leitoras, leitores e manifestantes feministas, medos de tempos passados. Que, como destacou Pesavento (2003, p. 39), assombram ao se apresentarem como "futuro possível", se tornando lembrete através das capas vermelhas em manifestações do presente.

CAPÍTULO 3: *THE HANDMAID'S TALE* E O TEMPO NÃO-LINEAR

No terceiro capítulo da presente análise, empreendemos uma investigação acerca das perspectivas de tempo não-linear presentes na obra em questão. Para tanto, procedemos à exploração detalhada do formato narrativo adotado pela autora, bem como do contexto histórico que circundou tanto a escrita quanto a publicação da obra. Ao nos aprofundarmos nessas questões, buscamos desvendar os principais elementos que contribuem para a construção de uma narrativa temporalmente complexa e multifacetada, capaz de lançar luz sobre importantes questões acerca da história e de suas relações com o presente. As conclusões a que chegamos durante essa etapa de nossa análise se revelaram cruciais para a elaboração de uma interpretação consistente e fundamentada acerca da obra em questão.

O tempo é uma armadilha e estou presa nele. Tenho que esquecer meu nome secreto e todos os caminhos de volta. Meu nome agora é Offred, e aqui é onde vivo. Viva no presente, aproveite-o ao máximo, isso é tudo que você tem. É tempo de fazer um balanço. Tenho trinta e três anos. Tenho cabelos castanhos. Tenho um metro e setenta de altura descalça. Tenho dificuldade de me lembrar da aparência que eu costumava ter. Tenho ovários viáveis. Tenho mais uma chance¹¹⁸.

Margaret Atwood

3.1 O tempo não-linear na obra

Neste subcapítulo, o objetivo é analisar as formas pelas quais o tempo não-linear se manifesta na obra em questão, dando ênfase à análise da primeira seção do livro, assim como examinar seu contexto histórico. Publicado em 1985, a autora tem confessado em diversas ocasiões ter-se inspirado em 1984, de George Orwell, para a criação da república de Gilead. A obra sustentada pela autora como “ficção especulativa” é produto de diferentes tempos históricos: (1) Modernidade Tardia, o tempo da infância da autora, marcado pela influência dos regimes totalitários da Segunda Guerra Mundial e o tempo de escrita da obra, onde as ideologias neoliberais vigoravam durante a Guerra Fria, além da austeridade econômica que assolou o mundo ocidental durante a década de 1980 e as influências do *backlash* feminista na mídia e política; (2) Modernidade Clássica, com inspirações nas raízes da colonização estadunidense,

¹¹⁸ (ATWOOD, 2017b, p.173).

puritanismo e poligamia; (3) Tempo Sagrado, com passagens da bíblia para justificar as barrigas de aluguel; (4) Tempo distópico de Gilead, que é apresentado e analisado por especialistas no epílogo do livro que se passa no futuro. No primeiro capítulo, abordamos como a autora utilizou o (3) Tempo Sagrado na obra explorando a passagem bíblica que “justifica” o estupro das aias, neste tópico, recapitulamos esta passagem com maiores detalhes. Neste sentido, vamos abordar neste tópico o tempo da (1) Modernidade Tardia, a partir do livro “*Backlash, O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*” (1991) escrito pela jornalista estadunidense Susan Faludi, diferentes estudos sobre o fundamentalismo religioso nos EUA e o tempo (2) Modernidade Clássica, onde exploraremos a inspiração da autora nos arranjos poligâmicos dos mórmons estadunidenses do século XIX. Já o tempo (4) será abordado no tópico 3.2. A obra *Feminism, Time, and Nonlinear History* (2014), de autoria da filósofa inglesa e professora de ciências sociais, Victoria Browne, será a principal referência para amarrar esta discussão.

Como apresentamos anteriormente no primeiro capítulo, *The Handmaid's Tale* (1985) é uma obra dividida em duas partes. Na primeira, Margaret Atwood nos conduz por meio da voz de Offred, que nos conta, sem jamais revelar seu verdadeiro nome, suas memórias reconstruídas da sombria República de Gilead, em meados da década de 1980. Sua narrativa é difusa, não cronológica e em tom confessional: ora ela resgata sua condição como aia e, em outros momentos, evoca recordações anteriores a Gilead e sua jornada até aquele ponto.

Ela ainda está sentindo as dores do pós-parto, está chorando desconsoladamente, lágrimas exaustas, angustiadas. Mesmo assim estamos eufóricas, é uma vitória para todas nós. Conseguimos. Janine terá permissão de amamentar o bebê, durante alguns meses, elas acreditam em leite materno. Depois será transferida, para ver se consegue fazer de novo, com alguma outra pessoa que precise de ajuda. Mas nunca será mandada para as Colônias, nunca será declarada uma Não mulher. Essa é sua recompensa. O Partomóvel está lá fora, para nos levar de volta para as casas pertencemos. Os médicos ainda estão em sua van; seus rostos cem nas janelas, bolhas brancas, como rostos de crianças doentes confinadas em casa. Um deles abre a porta e vem em nossa direção. -Correu tudo bem? - pergunta, ansioso. Sim - respondo. A esta altura estou acabada, exausta. Meus seios estão doloridos, secretando. Leite falso, isso acontece com algumas de nós. Sentamo-nos em nossos bancos, umas de frente para as outras, enquanto somos transportadas; agora estamos destituídas de emoção, quase destituídas de sentimento, poderíamos ser trouxas de tecido vermelho. Sofremos a dor da falta. Cada uma de nós segura no colo um fantasma, um bebê fantasma. O que nos confronta, agora que toda a agitação acabou, é nosso fracasso. Mãe, penso. Onde quer que você possa estar. Pode me ouvir? Você queria uma cultura de mulheres. Bem, agora existe uma. Não é como a que você queria, mas existe. Dê graças a Deus pelo pouco que tem (ATWOOD, 2017b, p. 154-155).

A segunda parte ocorre durante um congresso de historiadores em um futuro distante, no ano 2195, dedicado aos "Estudos Gileadeanos". A narrativa se dá a exemplo da citação a seguir, mas vamos explorar o epílogo no próximo tópico.

A necessidade do que eu poderia chamar de serviços de reprodução humana já era reconhecida no período pré-Gilead, no qual estava sendo atendida inadequadamente por "inseminação artificial", "clínicas de fertilidade", e pelo uso de "mães de aluguel", que eram contratadas com esse propósito. Gilead tornou ilegais as duas primeiras opções, considerando-as irreligiosas, mas legitimou e executou a terceira, que era considerada como tendo precedentes bíblicos; assim substituíram a poligamia serial, comum no período pré-Gilead, pela forma mais antiga de poligamia simultânea, praticada tanto nos tempos primitivos do Velho Testamento bem como no antigo estado de Utah, no século XIX. Como sabemos pelo estudo da história, nenhum novo sistema pode se impor a um anterior sem incorporar muitos dos elementos a serem encontrados neste último, como comprovam os elementos pagãos no cristianismo medieval e a evolução da KGB russa a partir do serviço secreto czarista que a precedeu, e Gilead não foi exceção a essa regra. Suas políticas racistas por exemplo, estavam firmemente enraizadas no período pré-Gilead, e temores racistas forneceram parte do combustível emocional que permitiu que o golpe de Gilead para a tomada do poder fosse tão bem-sucedido quanto foi (ATWOOD, 2017b, p. 358).

A narrativa inteira é alternada entre diversos tempos. Offred nos relata sobre seu dia a dia monótono, seu tempo de sobra e atividades domésticas às quais foi designada. Entre seus relatos sobre a rotina, ela explora sua melancolia profunda e ao mesmo tempo conformidade em estar naquela posição. *Offred* nos conta sobre a “preparação” para se tornar uma aia no *The Rachel and Leah Center*¹¹⁹ ou *Red Center* e como funciona Gilead, além de descrever as hipocrisias que percebe sobre seu cotidiano de exploração.

Há tempo de sobra. Esta é uma das coisas para as quais não estava preparada — a quantidade de tempo não preenchido, o longo parêntese de nada. Tempo como som de ruído fora de sintonia. Se ao menos eu pudesse bordar. Tecer, tricotar, alguma coisa para fazer com as mãos. Quero um cigarro. Lembro-me de andar por galerias de arte, em meio a obras do século XIX: a obsessão que eles tinham por haréns. Dúzias de pinturas de haréns, mulheres gordas deitadas à toa em divãs, com turbantes na cabeça ou barretes de veludo, sendo abanadas com raios e penas de pavão, um eunuco ao fundo montando guarda. Estudos de carne sedentária pintados por homens que nunca tinham estado lá. Aquelas pinturas deveriam ser eróticas e eu achava que eram, na época; mas vejo agora o que realmente retratavam. Eram pinturas que retratavam animação suspensa, retratavam espera, retratavam objetos que não estavam

¹¹⁹ Sobre o significado do nome “Rachel and Leah Center”, no primeiro capítulo, apresentamos a entrevista de Margaret Atwood à Rebeca Mead (2017) em que a autora confirma ter se inspirado na passagem bíblica de Raquel e Lea, Gênesis, 30:1-3: “Vendo, pois, Raquel que não dava filhos a Jacó, teve inveja de sua irmã, e disse a Jacó: Dá-me filhos, senão eu morro. Então se acendeu a ira de Jacó contra Raquel; e disse: Estou eu no lugar de Deus que te impediu o fruto do ventre? E ela lhe disse: Eis aqui minha serva Bilha; entra nela para que tenha filhos sobre os meus joelhos, e eu, assim, receba filhos por ela”. A passagem é utilizada pela teocracia de Gilead para justificar religiosamente a coerção para gerar filhos para o estado através dos estupro das aias assistidos pelas esposas. A mesma passagem é uma das epígrafes da obra de Atwood.

em uso. Eram pinturas que retratavam o tédio. Mas talvez tédio seja erótico, quando mulheres o fazem, por homens. Espero, lavada, escovada, alimentada, como um porco premiado (ATWOOD, 2017b, p. 85).

A organização da primeira parte da obra é feita na separação de quinze seções e quarenta e seis capítulos. As seções possuem títulos ligados ao cotidiano doméstico de Offred: “Noite”, que é repetido sete vezes, “Compras”, “Sala de Espera”, “Um Cochilo”, “Pertences da Casa”, “Dia do Nascimento”, “Escritos da Alma”, “A Casa de Jezebel”, “Salvamento”. Alternando as memórias do cotidiano da aia e as lembranças do tempo anterior, Atwood narra as digressões em diversos tempos contrastando as diferenças e as saudades existentes entre os tempos.

A noite é minha, meu próprio tempo, para eu fazer o que quiser, desde que fique quieta. Desde que não me mexa. Desde que fique deitada quieta. A diferença entre o deitar e o ir para a cama. Ser levada para a cama é sempre passivo. Mesmo os homens costumavam dizer: Bem que eu queria ir para a cama. Embora às vezes também dissessem: Bem que gostaria de ir para a cama com ela. Tudo isso é pura especulação. Não sei ao certo o que os homens costumavam dizer. Sei apenas o que eles dizem que diziam. Fico deitada, então, dentro do quarto, embaixo do olho de gesso no teto, atrás das cortinas brancas, entre os lençóis, asseada como eles, e entro em um paralelo fora de meu próprio tempo. Sem tempo. Embora isso seja tempo, e eu não esteja nem com falta nem fora dele. Mas a noite é meu tempo livre. Aonde devo ir? Para algum lugar bom. Moira, sentada na beira da minha cama, de pernas cruzadas, o tornozelo no joelho, com seu macacão púrpura, um brinco pingente na orelha, a unha de ouro que usava para ser excêntrica, um cigarro entre os dedos roliços de pontas manchadas de amarelo. Vamos sair para tomar uma cerveja. Você está sujando minha cama de cinza, disse eu. Se você topasse não teria esse problema, retrucou ela. Daqui a meia hora, respondi. Eu tinha uma dissertação para entregar no dia seguinte. A respeito de que era? Psicologia, inglês, economia. Estudávamos coisas desse tipo (ATWOOD, 2017b, p. 49).

No mesmo prefácio para edição da obra de 2017 utilizado anteriormente e disponível em portais online como do El País e The New York Times, a autora fala do contexto histórico e pessoal de escrita da obra. Na primavera de 1984, Margaret Atwood começou a escrever um romance que inicialmente não tinha o título *The Handmaid's Tale*. Naquele ano, a autora morava na Berlim Ocidental, que ainda dividida pelo grande muro. Durante suas visitas a vários países localizados atrás da “Cortina de Ferro”, como Tchecoslováquia e Alemanha Oriental, a autora experimentou o que descreveu como “uma sensação de cautela, de estar sendo espionada, os silêncios e as mudanças de assunto” (ATWOOD, 2017). Atwood percebeu as formas oblíquas pelas quais as pessoas transmitiam informações e isso teve uma influência significativa sobre o que estava escrevendo. Nascida em 1939 e tendo crescido durante a Segunda Guerra Mundial, a autora afirma que “sabia que as ordens estabelecidas podiam desaparecer da noite para o dia e a mudança também podia ser tão rápida quanto um raio” (ATWOOD, 2017). Ela

não confiava na afirmação "isso não pode acontecer aqui", pois, para ela, “qualquer coisa poderia acontecer em qualquer lugar, dependendo das circunstâncias” (ATWOOD, 2017).

Quando questionada se *The Handmaid's Tale* pode ser considerado um romance "feminista", a autora responde que se a ideia por trás dessa afirmação é um tratado ideológico em que todas as mulheres são retratadas como anjos ou tão vitimizadas a ponto de não terem capacidade de fazer escolhas morais, a resposta é negativa. No entanto, se a intenção é referir-se a um romance em que as mulheres são retratadas como seres humanos, com toda a diversidade de personagens e comportamentos que isso implica, e onde suas histórias são centrais para o tema, estrutura e enredo da obra, pode-se considerá-lo feminista nesse sentido (ATWOOD, 2017). A premissa para considerar uma obra feminista seria a de que as mulheres são interessantes e importantes na realidade, não sendo meros reflexos tardios da natureza ou secundárias no destino humano (ATWOOD, 2017). Essa percepção é universalmente reconhecida pelas sociedades, uma vez que a capacidade das mulheres que possuem um útero de dar à luz é essencial para a sobrevivência das populações humanas. De acordo com Margaret Atwood (2017), são estratégias antigas de desestabilização o sequestro de bebês e a substituição por crianças de outros, bem como o fato de fazer com que mulheres tenham filhos que não podem criar ou que serão retirados delas para outros propósitos. Segundo a autora (ATWOOD, 2017), o controle sobre as mulheres e os bebês têm sido uma característica de todos os regimes repressivos do mundo, reconhecidos socialmente há muito tempo, como no contexto da escravidão e seu comércio humano.

Sem mulheres capazes de dar à luz, as populações humanas morreriam. É por isso que o estupro em massa e o assassinato de mulheres, meninas e crianças há muito são uma característica das guerras genocidas e de outras campanhas destinadas a subjugar e explorar uma população. (...) Daqueles que promovem o parto forçado, deve-se perguntar: *Cui bono?* Quem lucra com isso? Às vezes este setor, às vezes aquele. Nunca ninguém¹²⁰ (ATWOOD, 2017).

Ainda no mesmo prefácio, Atwood (2017) fala sobre o gênero literário da literatura de testemunho que utiliza na narrativa do livro. Segundo a autora, a protagonista, Offred, registra sua história da melhor maneira possível, escondendo-a com a esperança de que, eventualmente, alguém livre possa encontrá-la, compreendê-la e compartilhá-la. Esse ato se torna impregnado de esperança, pois toda história registrada pressupõe a existência de um leitor futuro. Atwood (2017) cita alguns exemplos históricos desse tipo de narrativa, como o diário mantido por

¹²⁰ Tradução de: Margaret Atwood on What ‘The Handmaid’s Tale’ Means in the Age of Trump. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/03/10/books/review/margaret-atwood-handmaids-tale-age-of-trump.html>> Acesso em: 23 jan. 2022.

Robinson Crusoe, o registro de Samuel Pepys sobre o Grande Incêndio de Londres, Roméo Dallaire que narrou o genocídio em Ruanda e Anne Frank, que escondida, registrou sua experiência. De acordo com o tradutor, teórico e crítico literário brasileiro, Márcio Seligmann-Silva (2003, p. 373), a literatura de testemunho transcende sua classificação como um gênero literário, pois emerge como uma faceta da literatura contemporânea em um período marcado por desastres e crises. Para Seligmann-Silva, essa forma de expressão literária desafia e questiona a relação e o compromisso da própria literatura com o "real". É importante ressaltar que o conceito de "real" não deve ser confundido com a noção de "realidade" tal como concebida pelo romance realista e naturalista. Neste contexto, “o ‘real’ que nos interessa aqui deve ser compreendido na chave freudiana do *trauma*, de um evento que justamente resiste à representação” (SELIGMANN-SILVA, 2006, p. 373).

Como abordado anteriormente, Margaret Atwood escreve em 1984 e publica *The Handmaid's Tale* em 1985. Não é um mero acaso. Em inúmeras entrevistas e ocasiões, a escritora menciona sua inspiração e admiração por George Orwell e suas criações artísticas, políticas e distópicas. Em 2003, em entrevista à BBC na ocasião do lançamento do primeiro livro de sua trilogia *Oryx and Crake*, a autora contou sobre a importância da obra de Orwell em suas criações, esta entrevista foi posteriormente editada e teve seus excertos publicados como um perfil da autora no portal *The Guardian*¹²¹. Explorando sua infância e trajetória de vida, Atwood nos conta:

Eu cresci com George Orwell. Nasci em 1939 e *Animal Farm* foi publicado em 1945. Li aos nove anos. Estava espalhado pela casa e eu o confundi com um livro sobre animais falantes. Eu não sabia nada sobre o tipo de política no livro – a versão infantil da política então, logo após a guerra, consistia na simples noção de que Hitler era mau, mas morto. Dizer que fiquei horrorizada com este livro seria um eufemismo. O destino dos animais da fazenda era tão sombrio, os porcos eram tão mesquinhos, mentirosos e traiçoeiros, as ovelhas eram tão estúpidas. As crianças têm um grande senso de injustiça, e isso era o que mais me incomodava: os porcos eram tão injustos. Toda a experiência foi profundamente perturbadora, mas sou eternamente grata a Orwell por me alertar desde o início sobre os sinais de perigo que tentei observar desde então. Como ensinou Orwell, não são os rótulos – cristianismo, socialismo, islamismo, democracia, duas pernas ruins, quatro pernas boas, as obras – que são definitivos, mas os atos praticados em seu nome¹²² (ATWOOD, 2003).

Ainda neste perfil, a autora admite que foi apenas mais tarde, aos 44 anos, que Margaret Atwood encontrou em George Orwell um modelo de influência direta no verdadeiro ano de

¹²¹ATWOOD, Margaret. Orwell and me. **The Guardian**, 2003. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2003/jun/16/georgeorwell.artsfeatures>>. Acesso em: 5 mai. 2023.

¹²² Tradução de: ATWOOD, Margaret. Orwell and me. **The Guardian**, 2003. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2003/jun/16/georgeorwell.artsfeatures>>. Acesso em: 5 mai. 2023.

1984, quando começou a escrever *The Handmaid's Tale*. Atwood afirma que àquela altura de sua jornada já havia adquirido conhecimento suficiente sobre o que chama de “despotismos reais”, a tornando capaz de não depender exclusivamente da obra de Orwell. A escritora destaca que é importante lembrar que, a maioria das distopias, incluindo *1984*, foi escrita por homens e, conseqüentemente, apresentava um ponto de vista predominantemente masculino. Para ela, as representações femininas dessas obras geralmente retratavam as mulheres como “autômatos assexuados” ou rebeldes que desafiavam as regras sexuais impostas pelo regime: “eu queria tentar uma distopia do ponto de vista feminino – o mundo segundo Julia, por assim dizer” (ATWOOD, 2003). Em entrevista para *BBC Four* em maio de 2023, Atwood também dialoga sobre sua infância, em como seu pai era fã de ficção científica e sobre seu próprio interesse em ditaduras: como começam, terminam e se mantêm. Nesse sentido, a autora quando perguntada sobre a importância de George Orwell e *1984* em sua obra, revela que, à primeira vista, o clássico do autor pode parecer sombrio e pessimista, mas destaca que o mais importante é o *appendix* – parte, inclusive, muito semelhante às notas históricas ao final de *The Handmaid's Tale* – com o artigo sobre a “novafala” escrito na língua inglesa padrão e em *past tense*. O que significa que o regime autoritário em vigor havia acabado em algum momento, trazendo a certeza e a esperança de que ditaduras acabam¹²³ (ATWOOD, 2023a).

Quando Margaret Atwood afirma em 2003 que já havia amadurecido o suficiente e conhecer outros tipos de governos autoritários para além da influência de George Orwell, assim, não dependendo exclusivamente da influência de sua obra, ela também faz menção à própria realidade vivida na década de oitenta. Em março de 2023, em entrevista à *ABC Radio Melbourne*, Atwood revela:

Os anos 70 foram uma década em que muitas leis foram mudadas. Muitas coisas se tornaram possíveis para as mulheres que não eram possíveis antes. Roe versus Wade veio nos Estados Unidos [e] era possível obter um cartão de crédito se você se casasse sem a permissão de seu marido. Então vieram os anos 80, e essa foi uma década de retrocesso. Ronald Reagan foi eleito, as pessoas se sentiram empoderadas para se opor a esses ganhos para as mulheres, e foi aí que escrevi o livro. Não coloquei nada no livro que não tivesse um precedente em algum lugar. Achei que o melhor resultado [ao publicar o livro] seria não receber muitas cartas de ódio e ameaças de morte¹²⁴ (ATWOOD, 2023b).

¹²³ ATWOOD, Margaret. **Margaret Atwood on reading George Orwell's 1984 and Animal Farm**. Londres, 2023a. Facebook: BBC Arts. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1402819913815993>. Acesso em: 25 maio 2023.

¹²⁴ Disponível em: <https://www.abc.net.au/news/2023-03-25/margaret-atwood-interview-old-babes-in-the-wood-handmaids-tale/102136052>. Acesso em 8 mai. 2023.

A narrativa de Margaret Atwood, converge com a análise feita pela jornalista estadunidense Susan Faludi, que publica em 1991 “*Backlash*, O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres”, livro que viria trazer à autora o Prêmio Pulitzer de Reportagem Explicativa do mesmo ano. Faludi apresenta evidências em discursos midiáticos, culturais e políticos na década de oitenta de um enorme *backlash* feminista, palavra que pode ser traduzida como retaliação, ou como explicado pela autora, “refluxo antifeminista” (FALUDI, 2001, p. 17), com ataques aos direitos conquistados pelo movimento feminista na década anterior. Em *The Handmaid’s Tale*, podemos encontrar diversas pistas que nos levam ao extremo desta rechaça à liberdade (escassa) e aos (poucos) direitos conquistados pelo movimento feminista.

Na introdução do livro, ironicamente intitulada pela autora de “Tudo Culpa do Feminismo”, Susan Faludi aborda os discursos políticos e governamentais da época nos EUA e destaca a retaliação às feministas, principalmente durante o governo de Ronald Reagan e George H. W. Bush (1981–1989). O argumento central destes discursos seria o de que as mulheres já teriam conquistado o “suficiente” e o feminismo não era mais “necessário” e pelo contrário, havia causado danos às mulheres “o contra-ataque antifeminista convenceu o público de que a ‘liberação’ da mulher era a verdadeira praga contemporânea” (FALUDI, 2001, p. 17). Nesse sentido, a autora argumenta:

Se as mulheres são tão "livres", por que suas liberdades de reprodução estão mais ameaçadas agora do que há dez anos? Por que mulheres que querem adiar a gravidez têm hoje em dia menos opções do que há uma década? A disponibilidade de diferentes formas de contracepção diminuiu, as pesquisas para novos meios de controle de natalidade foram praticamente interrompidas, novas leis limitando o aborto - ou até informações sobre o aborto - de mulheres jovens e pobres foram votadas (FALUDI, 2001, p. 13).

Susan Faludi (2001, p. 11-12) apresenta alguns exemplos de contra-ataque aos direitos conquistados: a representante de Reagan, Faith Whittlesey, no único discurso oficial da Casa Branca sobre a situação das mulheres estadunidenses, que descreveu o feminismo como uma restrição significativa para as mulheres, oficiais de justiça e juízes que associaram a independência feminina ao aumento de patologias entre as mulheres, o procurador-geral da Comissão sobre Pornografia dos EUA, sugeriu que o crescente sucesso profissional das mulheres poderia ser responsável pelo aumento nas taxas de estupro, em relatório os membros da comissão relataram que, por existirem mais mulheres na escola e no mercado de trabalho, simplesmente havia mais oportunidades para elas serem vítimas de estupro. De acordo com Faludi (2001), alguns acadêmicos se uniram ao consenso prevalente e foram promovidos pela mídia como "especialistas", argumentando que o feminismo colocou as mulheres em uma

posição de inferioridade. Os acadêmicos de direito contestaram a ideia de igualdade como uma "armadilha", sociólogos afirmaram que reformas inspiradas pelo feminismo removeram qualquer forma de "proteção especial" que as mulheres possuíam, enquanto economistas afirmaram que mulheres com salários mais altos resultaram em famílias menos estáveis. Demógrafos também apresentaram dados supostamente imparciais para apoiar a visão de que a igualdade não é compatível com casamento e maternidade. "O triunfo da igualdade, eles alegam, só serviu para dar às mulheres problemas alérgicos, dores de estômago, tiques nervosos, por fim, coma" (FALUDI, 2001, p. 12).

A autora, ao especificar as maneiras que os discursos antifeministas circularam nos EUA do final da década de setenta, continuando pela década seguinte, reflete sobre as possíveis críticas desse refluxo ser sintoma de algo que sempre esteve ali. Sobre isso, Faludi afirma que "se o medo e a intolerância em relação ao feminismo são uma espécie de condição viral da nossa cultura, isto não quer dizer que eles sempre se manifestem em sua fase aguda; os sintomas permanecem e periodicamente voltam à tona" (FALUDI, 2001, p. 17-18). Segundo Faludi (2001, p. 20), embora praticamente imperceptível para a maioria, o contra-ataque antifeminista fortaleceu e manifestou-se com intensidade. Para ela, na década de oitenta, seus efeitos se tornaram visíveis com os políticos da Nova Direita que condenaram a independência feminina, com manifestantes contrários ao aborto que realizaram ataques violentos em clínicas e pregadores fundamentalistas que seguiram atacando verbalmente feministas, chamando-as de "prostitutas" e "bruxas". Outros indícios que Faludi apresenta sobre o contra-ataque, e que devido à brutalidade, chegam à consciência do público, foram os repentinos aumentos de casos de estupro e o crescimento alarmante da pornografia que retrata violência extrema contra mulheres.

Ao ganhar força, o backlash selecionou e discriminou, e as poucas mulheres que tiveram sucesso procuram provar, como tática de sobrevivência social, que afinal de contas não estão assim tão interessadas em progredir. Algumas delas ostentam para isso sua deserção do movimento feminista, enquanto suas colegas de trabalho se juntam e aderem aos restos despedaçados da causa feminista. Enquanto pouquíssimas mulheres ricas e famosas aparecem nas crônicas sociais se gabando de "terem se encontrado como esposas" e de gostarem de ficar em casa "fazendo pão", a maioria das trabalhadoras clama por seus direitos econômicos - filiando-se aos sindicatos como nunca aconteceu antes, fazendo greve por conta própria por salários justos e formando os seus próprios grupos incipientes em defesa dos direitos da mulher. Em 1986, enquanto 41% das mulheres com renda elevada declaravam à pesquisa do Gallup que não eram feministas, só 26% das menos afortunadas diziam ser da mesma opinião (FALUDI, 2001, p. 19-20).

A Nova Direita mencionada por Faludi, teve influência direta do fundamentalismo cristão neste contra-ataque:

As mulheres, segundo a nova direita religiosa, deveriam ser donas de casa amáveis e obedientes; assim garantiriam a moral, a estabilidade da família, da sociedade e seriam recompensadas pela segurança e proteção dos seus maridos. Neste sentido, as feministas e os programas do governo voltados para as mulheres promoveriam o caos e a decadência. O aborto tornou-se uma questão central para a nova direita religiosa e foi o ponto de aliança entre protestantes e católicos da direita. A mobilização contra o direito ao aborto contou com propaganda, ataques a clínicas, vandalismo, atentados, assassinatos etc. (MOLL NETO, 2010, p. 76-77).

Ao tentarmos compreender a ascensão da Nova Direita Cristã no contexto político estadunidense do final da década de 1970, percebemos não se tratar de uma trajetória linear. No entanto, sua compreensão não pode ser dissociada do caminho percorrido pelas denominações e lideranças cristãs fundamentalistas, especialmente no período pós-Segunda Guerra Mundial (ALVES JUNIOR; ROCHA, 2021, p. 6). Embora rejeitassem a modernidade nos costumes, fundamentalistas usaram dos meios de comunicação modernos à exemplo das estações de rádio e posteriormente televisão, como elemento importante na propagação de suas ideias em todo o país. Dessa forma, alcançaram uma audiência muito maior do que aquela que frequentava suas igrejas e desenvolveram um método próprio de apresentação e narrativa evangelizadora (ALVES JUNIOR; ROCHA, 2021, p. 9 - 10). Portanto, o interesse da Nova Direita Cristã era a de “levar o país novamente a um passado idealizado, no qual a orientação bíblica teria sido a responsável pela consolidação de uma grande e próspera nação no Novo Mundo” (ALVES JUNIOR; ROCHA, 2021, p. 26-27). Neste sentido, a trajetória do reverendo Jerry Falwell exemplifica a mudança do fundamentalismo protestante e sua reintegração na política. Nos anos 1960, Falwell afirmava que os pregadores não deveriam se envolver na política, aproveitando a oportunidade para atacar clérigos liberais como Martin Luther King e outros pastores que defendiam os direitos civis dos afro-americanos. No entanto, quando questões como aborto, homossexualidade, pornografia e a Emenda de Direitos Iguais (ERA)¹²⁵ surgiram, Falwell

¹²⁵ A Emenda da Igualdade de Direitos (*Equal Rights Amendment*), é uma proposta de alteração da Constituição dos Estados Unidos que busca assegurar direitos legais iguais para todos os cidadãos americanos, independentemente do sexo. Essa emenda eliminaria as distinções legais entre homens e mulheres em questões como divórcio, propriedade, emprego e outros assuntos. A primeira versão dessa emenda foi redigida por Alice Paul e Crystal Eastman, e foi apresentada ao Congresso em dezembro de 1923, porém só foi aprovada no Congresso dos Estados Unidos em 1972. Segundo a legislação americana, emendas constitucionais precisam ser ratificadas por três quartos, ou seja, 38 das 50 legislaturas estaduais, e não requerem aprovação presidencial. No entanto, é importante destacar que a emenda encontrou obstáculos e foi bloqueada novamente em 2023, um século após sua introdução. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2023/04/27/emenda-de-direitos-iguais-dos-eua-e-bloqueada-novamente-um-seculo-apos-introducao.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 29 mai. 2023.

passou a se engajar ativamente na política contra essas questões (MOLL NETO, 2010, p. 76). Por trás das questões políticas, morais e sociais defendidas por religiosos como Falwell, estava a preservação da isenção de impostos para escolas religiosas que não aderiam aos programas de cotas estabelecidos nas políticas afirmativas. A crise econômica dos anos 1970 foi encarada por muitos estadunidenses, como resultado da "degeneração social" decorrente da corrupção do *Watergate*¹²⁶, do *New Deal*¹²⁷, de movimentos sociais e das transformações culturais da década de sessenta. A resposta eleitoral ao momento de crise foi a defesa da necessidade de restaurar a sociedade em busca de redenção. Assim, valores como liberdade, autonomia, progresso, moral, individualismo e oportunidades ilimitadas foram consideradas características "naturais" diretamente concorrentes às transformações sociais e culturais dos anos 1960, como o humanismo, multiculturalismo, coletivismo, ambientalismo e liberalismo (MOLL NETO, 2010, p. 76).

Nas "tintas" do fundamentalismo, os anos 1960 foram pintados como a "idade das trevas" na história norte-americana. Segundo o discurso conservador, a nação estaria imersa na mais profunda desordem moral e política: não havia mais respeito pelas autoridades instituídas; o uso de drogas e a promiscuidade marcavam o comportamento de uma juventude sem valores; a família tradicional era colocada em cheque por movimentos feministas, homossexuais e pelo crescimento no número de divórcios; a luta dos negros pela expansão dos direitos civis era vista como reflexo da falta de autoridade dos governos (especialmente no sul do país, onde o fundamentalismo possuía grande força) etc. A antes "nação eleita" agora estava sob o "domínio de Satanás" (ROCHA, 2020, p. 100-101).

É nesse contexto que Jerry Falwell cria a *Moral Majority*, uma instituição pró-família tradicional, pró-vida e pró-Israel, publicamente se opondo ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, ao aborto e ao divórcio (ALVES JUNIOR; ROCHA, 2021, P. 26-27). Esse movimento se transformou em uma base popular significativa para o conservadorismo e para o

¹²⁶ O escândalo de *Watergate* foi um evento histórico que resultou na primeira renúncia de um presidente norte-americano, Richard Nixon. As investigações realizadas posteriormente revelaram uma série de irregularidades e abusos de poder por parte da administração de Nixon, envolvendo espionagem, obstrução da justiça e outras condutas ilícitas. Esse caso é considerado um marco nas sociedades democráticas contemporâneas, pois estabeleceu uma nova dinâmica na relação entre imprensa e poder, bem como na percepção do público em relação aos seus governantes. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/watergate--40-anos-escandalo-marcou-relacao-entre-poder-e-imprensa.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 29 mai. 2023.

¹²⁷ O *New Deal* foi um programa implementado nos Estados Unidos com o objetivo de recuperar a economia após a quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929, que marcou o início da Grande Depressão. Esse programa buscava ampliar a intervenção do Estado na economia, regulando transações econômicas e a produção, além de promover a realização de obras públicas para estimular a criação de empregos. As medidas adotadas no âmbito do *New Deal* estavam em consonância com as teorias econômicas defendidas pelo economista John Keynes. Essas teorias enfatizavam a importância da intervenção governamental para estabilizar a economia e combater as crises, através do estímulo ao consumo, investimentos públicos e políticas de controle monetário. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historia-america/new-deal.htm>. Acesso em: 02 jun. 2023.

Partido Republicano. Com as repetidas decepções dos fundamentalistas em relação aos governos democratas, o Partido Republicano acabou ganhando sua simpatia e se tornando o refúgio político das lideranças da Direita Cristã, tornando-se assim, parte importante nas disputas eleitorais e do próprio governo de Ronald Reagan, tendo acesso direto ao presidente e aos juízes da suprema corte (ROCHA, 2020, p. 109-110). Quando perguntada em entrevista à editora *Penguin* sobre as influências do tempo de sua escrita, ela cita a direita fundamentalista, sua interferência no governo estadunidense e como impulsionou movimentações racistas nos EUA. Sobre isso, Margaret Atwood (2019) destaca:

Em 1985, os racistas nos EUA pregavam a revolução: “os conservadores dos EUA promovem uma nova ordem – o impulso para a direita.” E a religião era uma parte significativa de todo esse movimento: “Racismo e religião são uma mistura potente”, “Toupeiras evangelistas que concorrem à presidência dos EUA”, “o poder e a influência por trás da direita da América” - significando a ascensão da direita religiosa (ATWOOD, 2019).

A decisão da Suprema Corte no caso *Roe vs. Wade*, em 1973, desempenhou um papel fundamental no início da mobilização política de várias lideranças fundamentalistas. A decisão, por uma margem de sete votos a dois, afirmava que as mulheres possuíam o direito constitucional ao aborto durante os dois primeiros trimestres da gravidez, com base no "direito à privacidade". Os pastores argumentavam que, após a proibição da oração nas escolas públicas, o país havia sido tomado por desordens, aumento da criminalidade, desintegração familiar com o aumento de divórcios e mães solteiras. Esses males eram vistos como consequências do desligamento entre moralidade e política. Nesse contexto, emergiu a necessidade de “reintegrar Deus” nas discussões políticas (ROCHA, 2020, p. 104). Na entrevista de Margaret Atwood (2023) à rádio australiana expressa anteriormente, a autora cita este evento como um exemplo do contexto histórico em que sua obra foi escrita.

Na narrativa do livro, durante a “conversão” das mulheres férteis capturadas pela República de Gilead em aias, no *Red Center*, outras mulheres lideravam a “reeducação”. Chamadas de “tias”, essas mulheres eram as responsáveis dentro daquela teocracia pela instrução e punição das aias. Uma das personagens mais emblemáticas da obra, Tia Lydia¹²⁸, é citada por Offred por toda a narrativa. Numa delas, a narradora descreve um dos momentos de preparação – ou tortura: assistir vídeos violentos do “tempo de antes” para contrastar com o que viviam naquele momento, que, segundo ela, seria mais seguro.

¹²⁸Na sequência da obra, em “Os Testamentos” (2019), parte do livro é narrada por Tia Lydia, que nos conta como se tornou uma “tia”. Escolhida por seu cargo como juíza conservadora, foi presa e submetida a tortura: poderia escolher ir para a colônia e se tornar uma “não-mulher” ou ter esse cargo de confiança e poder para “mudar de fato” a sociedade, ou fazer justiça com as próprias mãos.

Por vezes a fita que ela exibia era um velho filme pornográfico dos anos 1970 ou 1980. Mulheres ajoelhadas chupando pênis ou armas, mulheres amarradas ou com coleiras de cachorro ao redor do pescoço, mulheres penduradas de cabeça para baixo, nuas, com as pernas abertas, mulheres sendo estupradas, surradas, mortas. [...]. Reflitam cuidadosamente sobre as alternativas, dizia Tia Lydia. Vocês veem como costumava ser? Isso era o que eles pensavam das mulheres na época. A voz dela tremia de indignação (ATWOOD, 2017b, p. 144-145).

Com esta passagem, podemos pensar em como Margaret Atwood trabalhou os discursos da Nova Direita Cristã e o *backlash* feminista que circulavam à época. Além de vídeos pornô violentos e outros vídeos demonstrando violências explícitas contra às mulheres, Tia Lydia mostra, com restrições, um documentário sobre marchas e manifestações feministas, que, no contexto de Gilead eram consideradas “não-mulheres”.

Por vezes, contudo, o filme seria o que Tia Lydia chamava de um documentário de Não-mulheres. Imaginem, dizia Tia Lydia, desperdiçarem seu tempo assim, quando deveriam ter estado fazendo alguma coisa útil. Naquela época, as Não-mulheres estavam sempre desperdiçando tempo. Eram encorajadas a fazê-lo. O governo lhes dava dinheiro para fazerem exatamente aquilo. Notem bem, algumas de suas ideias eram bastante sensatas, prosseguia ela, a voz com a autoridade complacente de alguém que está em posição de julgar. Teríamos que desculpar e aceitar algumas de suas ideias mesmo hoje. [...]. Mas elas eram ateias, e isso pode fazer toda a diferença, não estão de acordo? [...] Elas não tocam a trilha sonora em filmes como esses, embora o façam nos filmes pornô. Querem que ouçamos os gritos e grunhidos e uivos do que supostamente deve ser dor extrema ou prazer extremo ou ambos ao mesmo tempo, mas não querem que escutemos o que as Não-mulheres estão dizendo (ATWOOD, 2017b, p. 145-146).

Simultaneamente à representação da Nova Direita Cristã e do *backlash* feminista experimentado na década de 1980, Atwood tece uma crítica e uma reflexão sobre diferentes gerações e correntes de ativismo político por meio das personagens próximas à protagonista, como sua mãe, sua melhor amiga Moira e Tia Lydia. Na sequência dessa passagem, a narradora do livro vê sua mãe, jovem, no documentário sobre as não-mulheres que está sendo exibido.

Primeiro vem o título e alguns nomes, com uma tarja preta riscada com crayon no filme para que não possamos lê-los, e então vejo minha mãe. (...) Seu rosto é muito jovem, muito sério, até mesmo gracioso, atraente. (...) Ela está num grupo de mulheres, vestidas no mesmo estilo; está segurando uma vara, não, é parte de uma bandeira, o punho. A câmera faz um movimento para cima e uma tomada panorâmica e vemos o que está escrito, com tinta, no que deve ter sido um lençol de cama: LEVEM DE VOLTA A NOITE. (...) Atrás dessa mensagem há outras faixas, e a câmera as mostra brevemente: LIBERDADE PARA ESCOLHER. QUE TODO BEBÊ SEJA UM BEBÊ QUERIDO. RETOMEMOS NOSSOS CORPOS. VOCÊS ACREDITAM QUE O LUGAR DE UMA MULHER SEJA NA MESA DA COZINHA? Debaixo da última faixa há um desenho de um corpo de mulher, deitada numa mesa, o sangue pingando dela. Agora minha mãe está se movendo para a frente, está

sorrindo, rindo, todas elas avançam e agora estão levantando os punhos cerrados no ar (ATWOOD, 2017b, p.146).

Nas narrativas compartilhadas pela aia criada por Atwood, todas as categorias das ondas feministas se entrelaçam (DORNELLES, 2022, p. 232). Na passagem acima, Tia Lydia acena positivamente a alguns aspectos do feminismo: “notem bem, algumas de suas ideias eram bastante sensatas (...). Teríamos que desculpar e aceitar algumas de suas ideias mesmo hoje” (ATWOOD, 2017b, p. 145-146). Poderíamos associar essa “aceitação” ao que algumas correntes feministas reivindicavam ao final da década de setenta e durante a década de oitenta, momento conhecido como “*Sex Wars*”. Abordagens diferentes do feminismo estavam em conflito: havia movimentações críticas e anti-pornografia e às práticas de BDSM¹²⁹, que viriam a ser conhecidas como “pró-censura” ou “radicais”, do outro lado, estavam as feministas “pró-sexo” (SILVA, 2023, p. 105). Nas narrativas compartilhadas pela aia criada por Atwood, todas as categorias das ondas feministas se entrelaçam (DORNELLES, 2022, p. 232). Entre os anos de 1983 e 1984, as feministas radicais Catharine MacKinnon e Andrea Dworkin, participaram de audições públicas na cidade de Minneapolis nos EUA, sobre violência contra as mulheres e pornografia. Ambas as feministas, discursaram e apresentaram ordenações para a cidade sobre o assunto (BERCHT, 2022, p. 2). MacKinnon e Dworkin foram as principais líderes radicais que defendiam o posicionamento de que a pornografia seria “subordinação sexualmente explícita das mulheres, representada graficamente, seja em imagens ou palavras” (MACKINNON; DWORKIN, 1997, p. 428 apud BERCHT, 2022, p. 2). De acordo com Gabriela Bercht (2022, p. 3), a proposta da ordenação de MacKinnon e Dworkin, foi aprovada pelos conselhos municipais de Minneapolis e Indianapolis nos Estados Unidos. No entanto, apenas em Indianapolis a proposta foi transformada em lei. A visão da dupla de feministas radicais sobre a pornografia e suas consequências para as políticas de gênero, encontrou resistência por parte de diferentes teóricas feministas. Essas teóricas passaram a defender abordagens alternativas que se distanciavam da lógica de proibição em relação às produções pornográficas. A filósofa estadunidense Judith Butler, foi uma das principais autoras a adotar essa linha de pensamento que se distanciava da proibição (BERCHT, 2022, p. 3).

A partir das lembranças de *Offred*, Margaret Atwood costura esses tempo-espacos diversos: com a relação entre a narradora e sua mãe, entendemos que ela era uma feminista radical. Na passagem seguinte, *Offred* descreve um momento de sua infância: um passeio com

¹²⁹Sigla que denomina um conjunto de práticas consensuais envolvendo *bondage*, disciplina, dominação e submissão, sadomasoquismo.

sua mãe, que acabou se tornando uma reunião feminista para queimar em praça pública revistas pornográficas. A narradora descreve a ocasião e menciona quem estava lá, mulheres feministas, homens e algumas outras pessoas que começaram a cantar hinos evangélicos (ATWOOD, 2017a, p. 38). Uma das amigas de sua mãe, ofereceu uma revista à narradora para que ela pudesse jogar nas chamas: “Tinha uma mulher bonita na capa, sem nenhuma roupa, pendurada do teto por uma corrente enrolada ao redor das mãos. Aquilo não me assustou. Pensei que estivesse se balançando num cipó, como Tarzan, na televisão” (ATWOOD, 2017b, p. 51). Neste alinhavo da narrativa, a fim de entender como a autora constrói suas críticas e seu contexto, podemos pensar noutra passagem ainda mais explícita. Offred nos transporta para sua lembrança de um jantar de família entre ela, seu marido Luke e sua mãe. Ela remonta diálogos sobre como sua mãe escolheu exercer a maternidade sozinha:

Eu tive você quando tinha trinta e sete anos, disse minha mãe. Foi um risco, você poderia ter nascido deformada ou coisa assim. Você foi uma criança que eu quis ter, quis mesmo, de verdade, e, de fato, ouvi realmente um bocado de merda de certas pessoas! Minha amiga mais antiga, Tricia Foreman, me acusou de ser pró-natalista, a cretina. [...] Algumas das outras, contudo, foram legais. Mas quando estava grávida de seis meses, uma porção delas começou a me mandar pelo correio aqueles artigos sobre como o índice de bebês com deformações ao nascer subia exponencialmente depois dos trinta e cinco anos. Exatamente o que eu precisava. E coisas sobre como era difícil ser mãe solteira. Fodam-se com essa merda, disse a elas, eu comecei isso e vou acabar. [...] Um homem é apenas a estratégia de uma mulher para fazer outras mulheres. Não que seu pai não fosse um bom sujeito e tudo o mais, mas ele não estava à altura das exigências da paternidade. Não que eu esperasse isso dele. Apenas faça o serviço, depois pode cair fora, eu disse, ganho um salário decente, tenho condições de pagar uma creche (ATWOOD, 2017b, p 147-148).

Nos apoiando nesta citação da ficção de Atwood, podemos encontrar três questões importantes na fala da personagem, que também são percebidas na análise factual de Susan Faludi (2001) sobre aquele momento para as mulheres. A primeira, seria a idade da personagem quando resolveu ser mãe e as manifestações negativas sobre “estar muito velha” para gestar uma criança. E a segunda, seria a acusação de ser uma “pró-natalista”. De acordo com Faludi (2001, p. 51), havia quem pressionasse as mulheres a se tornarem mães com a ameaça de uma oportunidade única, a falácia do “relógio biológico” e havia os defensores de nascimentos, ou “pró-natalistas” que tentaram apelar para os sentimentos negativos da sociedade, como a xenofobia, o militarismo e a intolerância. O alerta era de que, se as mulheres brancas de classe média instruídas não comessem a ter filhos, as mulheres pobres, mentalmente instáveis e estrangeiras assumiriam essa responsabilidade, resultando em uma iminente desintegração dos EUA. A terceira questão seria a viabilidade da liberdade de escolha de maternar sozinha. Para

Faludi (2001, p. 48-49), a busca das mulheres pela igualdade econômica e educacional teve um impacto positivo na saúde reprodutiva e na fertilidade. O acesso a uma educação de qualidade e melhores salários resultaram em uma melhor nutrição e em melhores condições de saúde em geral, o que contribuiu para uma maior capacidade de engravidar. A suposta "epidemia de infertilidade" entre mulheres profissionais de classe média com mais de 35 anos foi mais uma construção política e estratégia de marketing utilizada por especialistas em infertilidade, ao invés de ser um problema médico real (FALUDI, 2001, p. 49).

Para além desse recorte, Margaret Atwood nos mostra através de suas personagens, com todas as palavras, a diferença geracional e os embates daquele período. No mesmo jantar de família, a narradora rememora uma discussão entre elas e Luke. A mãe de *Offred* se mostra decepcionada com o desinteresse e até um certo desdém pelas lutas da mãe. Atwood (2017a, p. 121) utiliza, na versão em Inglês, assim como Susan Faludi, o termo “*backlash*”, traduzido a seguir como “fogo de palha”, para se referir ao desdém da filha pelos avanços feministas conquistados no passado:

Quanto a você, ela dizia para mim, você é apenas um ricochete. Fogo de palha. A história me absolverá. (...) Vocês jovens não dão valor às coisas, dizia. Não sabem as coisas porque tivemos que passar, só para conseguir fazer com que vocês chegassem aonde estão. Olhe só para ele cortando as cenouras. Vocês não sabem quantas vidas de mulheres, quantos corpos de mulheres os tanques tiveram que passar por cima só para chegar a este ponto? Cozinhar é o meu hobby, dizia Luke. Gosto de cozinhar. Hobby, coisa de trouxa, diria a minha mãe. Você não precisa inventar desculpas para mim. Houve um tempo em que não lhe teria sido permitido ter um hobby desses, teriam chamado você de bicha. Não, mãe, eu dizia. Não vamos começar a discutir por nada. Você não entende, não é. Você não entende absolutamente nada do que estou falando. Por nada, dizia ela com amargura. Você chama isso de nada¹³⁰ (ATWOOD, 2017b, p. 148-149, grifos nossos).

A narrativa se mostra como retalhos de memórias e percepções de *Offred* sobre seu presente e passado contrastados. A personagem da mãe não é a única que causa embates nas recordações da narradora, sendo também Moira, sua melhor amiga do tempo de antes e colega de dormitório na universidade, uma importante referência. *Offred* narra sua amizade em quatro tempos: o de antes, a angústia da espera pela amiga no *Rachel and Leah Center*, a fuga de Moira e o reencontro na Casa de Jezebel.

Moira estava lá fora em algum lugar. Ela estava livre, ou morta. O que iria fazer? O pensamento do que ela iria fazer se expandiu a que encheu a sala. A qualquer momento poderia haver uma explosão devastadora, as vidraças das janelas cairiam para dentro, as portas se abririam... Moira agora tinha poder,

¹³⁰ Na edição de língua inglesa do livro a palavra “backlash” é usada por Atwood, no mesmo sentido que Faludi, para explicar o choque geracional entre *Offred* e sua mãe: “As for you, she'd say to me, you're just a **backlash**. Flash in the pan. History will absolve me” (ATWOOD, 2017a, p. 121, grifos nossos).

ela havia sido posta em liberdade, ela havia se posto em liberdade. Moira agora era uma mulher livre. Creio que achávamos isso assustador, liberdade. (...) Já estávamos perdendo o apreço pela liberdade, já estávamos achando aquelas paredes seguras. Mesmo assim, Moira era nossa fantasia. Nós a mantínhamos carinhosamente sempre junto de nós, estava conosco em segredo, uma fonte de diversão; ela era lava sob a crosta da vida diária (ATWOOD, 2017b, p. 162).

Moira pode ser vista como representante de uma convivência mais displicente, sendo registrada pela liberdade da narrativa do passado, onde conversavam livremente enquanto amadureciam e viviam novas experiências até experienciarem o golpe. A amiga da narradora, em todas as memórias da trama se mostra muito mais ativa e corajosa que *Offred*. Moira é descrita como uma personagem engajada, que participava ativamente de movimentações feministas e coletivos.

Eu disse que havia mais de uma maneira de viver com a cabeça enfiada na areia e que se Moira acreditava que podia criar a Utopia confinando-se em um enclave só para mulheres, estava tristemente enganada. Os homens não iriam simplesmente desaparecer, disse. Não era possível apenas ignorá-los. Isso é como dizer que você deve sair e contrair sífilis apenas porque ela existe, disse Moira. Você está chamando Luke de doença venérea? Ela deu uma gargalhada. Escute só a gente, disse. Merda. **Estamos parecendo sua mãe falando.** Nós duas rimos então, e quando ela foi embora nos abraçamos como de hábito. Houve uma época em que não nos abraçávamos, depois que ela me contou que era gay; mas então ela me disse que eu não a atraía, me tranquilizando, e havíamos retomado o hábito. Podíamos brigar e discutir feio e trocar palavrões, mas isso não mudava nada lá no fundo. **Ela ainda era minha mais velha amiga.** É (ATWOOD, 2017b, p. 206-207).

Nesta passagem, podemos perceber mais uma vez a presença dos debates feministas da época através da fala das personagens. Moira, melhor amiga da protagonista, era uma mulher lésbica decidida a viver de maneira combativa por uma perspectiva feminista daquele momento. No meio do debate entre as duas sobre o relacionamento da protagonista e Luke, elas evocam a semelhança com os discursos da mãe feminista de *Offred*. Noutra lembrança, a narradora conta sobre o golpe que transformou os EUA em Gilead e como Moira estava mais informada que ela, dando sinais do que poderia acontecer e o que já estava acontecendo. A passagem a seguir, remonta a demissão da narradora e a conversa entre Moira e ela sobre o que estava acontecendo.

Mulheres não podem mais possuir bens, disse ela. É uma nova lei. Você ligou a televisão hoje? Não, respondi. Está sendo anunciado sem parar, disse Moira. Em todos os lugares. Ela não estava atordoada da maneira como eu estava. De alguma forma estranha ela estava alegre, entusiasmada, como se isso fosse o que ela esperasse há algum tempo e agora ficara provado que estava certa. Parecia até mais cheia de energia, mais determinada. Luke pode usar sua Compuconta para você, disse ela. Vão transferir seu número para ele, ou pelo menos é o que dizem. Marido ou parente mais próximo do sexo

masculino. Mas e você?, perguntei. Ela não tinha ninguém. Eu vou entrar na clandestinidade. Alguns dos rapazes gays podem assumir nossos números e nos comprar as coisas que precisarmos. Mas por quê?, perguntei. Por que fizeram isso? Não nos cabe querer saber por que, disse Moira. Eles tinham que fazer desse jeito, as Compucontas e os empregos, ambos ao mesmo tempo. Caso contrário, pode imaginar como estariam os aeroportos? Não querem que a gente vá para lugar nenhum, pode apostar nisso (ATWOOD, 2017b, p. 214, grifos nossos).

Aqui atentamos para a seção “Casa de Jezebel”, quando Moira reencontra *Offred*. O comandante leva a aia secretamente num “clube” clandestino dentro de Gilead controlado pelos comandantes e oficiais da teocracia como um bordel. Oficialmente, era composto por mulheres jovens que não se tornaram aias por serem estéreis, que já trabalhavam como prostitutas e não foram inseridas no regime ou por serem resistentes ao regime de Gilead.

Quem são estas pessoas? - pergunto. É apenas para oficiais - diz ele. De todas as áreas e para funcionários mais graduados. E delegações comerciais, é claro, estimula o comércio. É um bom lugar para conhecer pessoas (...) Não - explico, quero dizer as mulheres. Ah diz ele. Bem, algumas delas são profissionais de verdade. Garotas de programa - ele ri - do tempo de antes. Não podiam ser assimiladas; de qualquer maneira, a maioria delas prefere estar aqui. E as outras? As outras? - diz ele. Bem, temos uma coleção e tanto. Aquela ali, a de verde, é uma socióloga. Ou era. Aquela era uma advogada, aquela outra era administradora de empresa, tinha um cargo executivo em alguma rede de fast-food, ou talvez fosse de hotéis. Disseram-me que se pode ter uma conversa muito boa com ela se só o que você quiser for conversar. Elas também preferem estar aqui. Preferem a quê? - pergunto. As alternativas - diz ele (ATWOOD, 2017b, p. 282).

As “alternativas” seriam ir para colônias de limpeza de lixo tóxico e radioativo, onde geralmente iam as mulheres mais velhas, ou fazendas agrícolas. Enquanto conversava com Moira na Casa de Jezebel, *Offred* fica sabendo por ela que sua própria mãe foi mandada para uma colônia de lixo tóxico.

Eu vi sua mãe, disse Moira. Onde?, perguntei. Senti-me abalada, surpreendida e confusa. Eu me dei conta de que vinha pensando nela como se estivesse morta. Não em pessoa, foi naquele filme que eles nos mostraram, sobre as Colônias. Houve um close-up, e era ela com certeza absoluta. Estava embrulhada numa daquelas coisas cinza, mas sei que era ela. Graças a Deus, disse eu. Por que graças a Deus?, disse Moira. Pensei que estivesse morta. Deveria estar, seria melhor para ela, disse Moira. Você deveria. desejar que estivesse. Não consigo me lembrar da última vez em que a vi. (...) Penso em minha mãe varrendo toxinas mortíferas; da mesma maneira como costumavam explorar as velhas na Rússia, varrendo a sujeira. Só que essa sujeira a matará. Não consigo acreditar de todo. Certamente sua insolência, seu otimismo e energia, seu estilo, conseguirão tirá-la disso. Ela vai inventar alguma coisa. Mas sei que isso não é verdade. É pura transferência de responsabilidade, como crianças fazem, com as mães. Eu já vivi um luto por ela. Mas o farei de novo e de novo (ATWOOD, 2017b, p. 299-301).

Assim como as outras aias que ficaram no *Rachel and Leah Center*, *Offred* também sente Moira como uma fantasia por ter conseguido fugir. Desta maneira, a narradora não deixa de pensar, procurar e contar a história de sua amiga, nem que seja de maneira furtiva.

Então a vejo. Moira. Ela está parada junto com duas outras mulheres, mais adiante perto da fonte. Tenho que olhar com muita atenção, de novo, para ter certeza de que é ela; faço isso em pulsações, rápidos movimentos dos olhos, de forma que ninguém repare. Está vestida absurdamente, numa fantasia de cetim que um dia foi brilhante, que parece ser a pior coisa para se usar. (...) Ela tem uma gravata-borboleta preta ao pescoço e usa meias arrastão pretas e sapatos de salto alto pretos. Moira sempre detestou sapatos de salto alto. (...) Olhamos fixamente uma para a outra, mantendo os rostos inexpressivos, apáticos. Então ela faz um pequeno movimento com a cabeça, dá uma ligeira inclinação para a direita. Pega o cigarro de volta da mulher de vermelho, leva-o à boca, deixa a mão descansar no ar por um momento, todos os cinco dedos bem abertos. Então se vira e me dá as costas. Nosso velho sinal. Tenho cinco minutos para chegar ao banheiro das mulheres” (ATWOOD, 2017b, p. 283-284).

Ao se reencontrarem, Moira conta sua trajetória de fuga. Ela chega até a “*Female Road*”, rota de fuga para o Canadá com a ajuda e abrigo da resistência ao regime de Gilead. Foi abrigada por famílias Quaker, que também era alvo da teocracia evangélica. Moira acaba sendo capturada e por ser fugitiva e jovem, é designada para a “Casa de Jezebel”, não para as colônias. Neste novo espaço diferente de todo o resto, Moira ainda representa rebeldia à narradora. Ela alimenta medo e esperança à *Offred*, trazendo contrastes, perspectivas, dúvidas e do que poderia acontecer em seu futuro. E, assim como todas as pessoas pelas quais a protagonista possui afeto do tempo de antes, ela perde o contato.

Aqui está o que eu gostaria de contar. Gostaria de contar uma história sobre como Moira escapou, para sempre dessa vez. Ou se não pudesse contar isso, gostaria de dizer que ela explodiu a Casa de Jezebel, com cinquenta Comandantes dentro. Gostaria que ela acabasse com alguma coisa ousada e espetacular, um ultraje, algo que fosse adequado para ela. Mas até onde sei, isso não aconteceu, porque nunca mais voltei a vê-la (ATWOOD, 2017b, p. 297).

Em *Feminism, Time, and Nonlinear History*, a filósofa inglesa e professora de ciências sociais, Victoria Browne (2014), faz uma análise sobre a influência das filosofias especulativas de pensadores como Kant e Hegel na formação e elaboração do pensamento feminista e de uma história hegemônica do movimento através das “ondas” e “etapas”. A autora vai argumentar que é apenas recentemente que as feministas se tornaram críticas do “grande modelo hegemônico” da história do feminismo vazada em séries ascendentes de “ondas” ou “fases”. Para a autora, este modelo acaba implicando que apenas um tipo de feminismo é possível num espaço determinado de tempo e outras formas de teoria e prática tornam-se obsoletas com o

passar do tempo. A metanarrativa hegemônica de ondas e fases também privilegia as trajetórias ocidentais (europeias e estadunidenses) como modelo, perpetuando a ideia de que alguns feminismos são mais “avançados” que outros (BROWNE, 2014, p. 1). A teórica feminista Clare Hemmings, no artigo “Contando histórias Feministas” publicado pela Revista Estudos Feministas da UFSC no ano de 2009, vai dizer que: “a teoria feminista ocidental conta sua própria história como uma narrativa em desenvolvimento, onde nos movemos de uma preocupação com unidade e semelhança, passando pela identidade e diversidade, em direção à diferença e à Fragmentação” (HEMMINGS, 2009, p. 215). Browne endossa a teoria de Hemmings ao examinar as críticas feministas ao modelo hegemônico. Como alternativa, teóricas feministas têm demandado a adoção de um modelo de tempo histórico não linear, em vez do modelo linear de ondas (DORNELLES, 2022, p. 231). A filósofa faz um alerta sobre a possibilidade de a história do feminismo ser contada de forma excludente, à semelhança da historiografia tradicional que ignorava a presença das mulheres. Para além do impacto do backlash feminista na sociedade, a autora sugere que é preciso repensar as dinâmicas internas do próprio movimento feminista, incluindo a apropriação de narrativas e discursos pela mídia e pelo governo para justificar ações militares e produtos sob a bandeira do feminismo “empoderador”, com termos como “mulheres empoderadas” e “*girl power*” (BUTLER, 2004; POWER, 2009, apud BROWNE, 2014, p. 5). Porém, a filósofa inglesa destaca que essa análise não pode se limitar ao âmbito do feminismo, mas deve considerar também o contexto político e socioeconômico mais amplo, assim como as narrativas antifeministas presentes nesse contexto.

Ao tratar a dinâmica temporal “interna” do feminismo como um tópico distinto, no entanto, não estou argumentando pela autonomia do feminismo em si. Envolver-se com contextos políticos e socioeconômicos mais amplos, e com discursos antifeministas, são tarefas inegavelmente cruciais para o feminismo. (...) Por um lado, há uma urgência premente para recuperar histórias do feminismo em resposta ao persistente apagamento e deturpação do feminismo, mas esse projeto não deve ser uma simples ressuscitação das mesmas velhas histórias e modelos históricos (BROWNE, 2014, p. 5-6).

Analisamos como Browne e Hemmings (DORNELLES 2022, p. 231-232), lançam suas críticas à ideia de progresso e evolução na construção de uma história do movimento feminista. Para essas teóricas, há uma clara separação paradigmática entre as narrativas feministas concebidas nas décadas de 1970, 1980 e 1990, que evoluíram de um pensamento feminista radical, socialista e liberal para uma teoria pós-moderna de gênero (HEMMINGS, 2009, p. 216). No entanto, quando se trata de narrar histórias do feminismo em si, as feministas frequentemente importam os mesmos modelos históricos e lógicas temporais que criticaram

veementemente. O "grande modelo hegemônico" do feminismo como uma série de "fases" ou "ondas" sucessivas mapeia uma "progressão graduada" do pensamento feminista e apresenta uma visão integrada da "história feminista" como um todo. Nesse sentido, o legado das filosofias especulativas da história está mais arraigado à teoria feminista do que pode parecer à primeira vista (BROWNE, 2014, p. 10-11). A categorização da segunda onda feminista nas décadas de 1960 e 1970 é frequentemente associada ao essencialismo universalista, negligenciando questões como raça e classe. Embora essa crítica seja pertinente, a abordagem temporal e o estereótipo do movimento desse período como um feminismo branco de classe média, acabam por apagar a presença e a participação de mulheres não-brancas e de diferentes estratos sociais. Um exemplo deste apagamento é o caso de trabalhos das teóricas feministas Gloria Anzaldúa e Audre Lorde, que, apesar de serem contemporâneas de muitas feministas brancas associadas à Segunda Onda, suas ações e trabalhos são consistentemente posicionados como uma resposta a essa onda, inaugurando uma nova era de feminismo inclusivo, conhecida como terceira onda (BROWNE, 2014, p. 21).

A temporalidade da Modernidade Clássica do século XIX, como organizamos anteriormente no começo deste capítulo, pode ser percebida por nós na obra analisada, quando Margaret Atwood descreve os casamentos arranjados. Organizado pelos comandantes e por eles oficializados, as “Rezavaganzas”, eram eventos de casamentos coletivos como forma de condecoração aos militares golpistas de Gilead. A condecoração dos soldados seria o casamento e como prêmio, ganhavam meninas menores de idade.

E agora as vinte filhas de branco, envoltas em véus brancos, avançam timidamente, com as mães segurando-as pelos cotovelos. **São as mães, não os pais, que acompanham as filhas até os noivos nos dias de hoje e que ajudam nos preparativos dos casamentos.** Os casamentos, é claro, são arranjados, casamentos de conveniência. A essas moças não foi permitido estar sozinhas com um homem há anos; seja lá há quanto tempo que todas nós temos feito isso. Será têm idade para se lembrar de alguma coisa do tempo que de antes, de jogar beisebol, de jeans e tênis. Andar de bicicleta? Ler livros, completamente sozinhas? Apesar do fato de que algumas não tenham mais que catorze anos - É preciso começar cedo com elas, é o sistema em vigor, não há um momento a ser perdido, mesmo assim elas vão se lembrar. E as que vierem depois delas, por três ou quatro anos; mas depois disso não. Terão sempre estado vestidas de branco, em grupos de garotas; terão sempre sido silenciosas (ATWOOD, 2017, p. 260, grifo nosso).

Em entrevista à editora *Penguin*, Margaret Atwood mostrou os recortes sobre os casamentos arranjados e a poligamia institucionalizada pelos mórmons em Utah no século XIX, nos EUA, que a inspiraram na obra.

Sim, estive procurando por tudo sobre poligamia forçada. Na verdade, pesquisei a poligamia nos Estados Unidos, ou seja, os mórmons da velha ordem, não apenas as pessoas que se casam novamente, mas não informam a primeira ou a segunda esposa dessa situação. Eu tinha um longo artigo sobre os mórmons da velha ordem e como eles estavam burlando a lei. Eu me lembro muito bem. Foi muito engraçado porque na entrevista esses caras estavam dizendo: “As pessoas pensam que isso é apenas diversão, não é, é muito trabalho duro” (ATWOOD, 2019).

Na seção 132 das escrituras mórmons da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias¹³¹, encontramos a:

Revelação dada intermédio de Joseph Smith, o Profeta, em Nauvoo, Illinois, registrada em 12 de julho de 1843, com relação ao novo e eterno convênio, incluindo a eternidade do convênio do casamento e também o princípio do casamento plural. Embora a revelação tenha sido registrada em 1843, as evidências indicam que alguns dos princípios envolvidos nesta revelação eram do conhecimento do Profeta já em 1831. 1- Em verdade, assim diz o Senhor a ti, meu servo Joseph, já que te dirigiste a mim para saber e compreender como eu, o Senhor, justifiquei meus servos Abraão, Isaque e Jacó; assim como Moisés, Davi e Salomão, meus servos, no que diz respeito ao princípio e doutrina de terem muitas esposas e concubinas. (...) 8- Eis que minha casa é uma casa de ordem, diz o Senhor Deus, e não uma casa de confusão. 9- Aceitarei eu uma oferta, diz o Senhor, que não seja feita em meu nome?

Segundo o artigo “O Casamento Plural e as Famílias Polígamas nos Primórdios de Utah¹³²” do portal oficial Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a Bíblia e o Livro de Mórmon ensinam que o casamento entre um homem e uma mulher é o padrão de Deus, exceto em períodos específicos quando Ele ordenou o contrário. Neste artigo, consta que segundo uma revelação recebida por Joseph Smith, o profeta da religião, a prática do casamento plural, onde o homem pode casar-se com uma ou mais mulheres, foi introduzida entre os membros da Igreja no início da década de 1840. Durante mais de cinquenta anos, o casamento plural foi praticado por alguns seguidores dos santos dos últimos dias e somente o Presidente da Igreja possuía a autoridade para autorizar esses casamentos. Segundo o artigo da Igreja, em 1890, “o Senhor inspirou” o Presidente da Igreja, Wilford Woodruff, a emitir uma declaração conhecida como “O Manifesto”, que pôs fim à prática do casamento plural na Igreja. De acordo com eles, nesse documento, o Presidente Woodruff expressou sua intenção de respeitar a lei dos Estados Unidos, que proibia o casamento plural, e usou sua influência para convencer os membros da Igreja a fazerem o mesmo. De acordo com o artigo “O Casamento Plural e as

¹³¹ **DOCTRINA E CONVÊNIOS: 132.** A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Disponível em: <https://www.churchofjesuschrist.org/study/scriptures/dc-testament/dc/132?lang=por> Acesso em 5 jun. 2023.

¹³² **O CASAMENTO PLURAL E AS FAMÍLIAS POLÍGAMAS NOS PRIMÓRDIOS DE UTAH** – A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Disponível em: <https://www.churchofjesuschrist.org/topics/plural-marriage-and-families-in-early-utah?lang=por> Acesso em 5 jun. 2023.

Famílias Polígamas nos Primórdios de Utah”, constam as explicações no Livro de Mórmon, sobre o “propósito de Deus” em instituir os casamentos plurais no século XIX:

Aumentar o número de filhos nascidos no convênio do evangelho, a fim de “suscitar posteridade para [o Senhor]”. (Jacó 2:30) O casamento plural resultou no nascimento de um grande número de filhos dentro de fiéis lares santos dos últimos dias. Também moldou a sociedade mórmon do século XIX de outras maneiras: **o casamento tornou-se disponível para praticamente todos os que o desejaram; a desigualdade per-capita da riqueza foi diminuída visto que mulheres economicamente desfavorecidas casaram-se em lares mais estáveis financeiramente;** e os casamentos entre etnias diferentes aumentaram, o que ajudou a unir a diversa população imigrante. O casamento plural também ajudou a criar e fortalecer um sentimento de coesão e identificação de grupo entre os santos dos últimos dias.⁸ Os membros da Igreja vêem a si mesmos como “um povo peculiar”, que tem o convênio de guardar os mandamentos de Deus mesmo apesar da oposição externa e deseja vencer o ostracismo causado por seus princípios (grifos nossos).

Ainda que a Igreja mórmon tenha acatado a lei, continuaram a se guiar por uma lógica não apenas religiosa, mas também “social” para a razão dos casamentos plurais, que podemos pensar como inspirações possíveis para Margaret Atwood em sua obra, afinal, a motivação de aumentar a natalidade e assim, trazer ao mundo mais “nascidos no convênio do evangelho”. No ano de 2020, foi aprovada lei que descriminaliza a poligamia no estado de Utah, nos EUA¹³³. A nova legislação descriminaliza a poligamia, alterando sua classificação de crime para “infração”, equiparando-a a uma violação de trânsito. No entanto, é importante mencionar que líderes das comunidades polígamas do estado manifestaram seu descontentamento e protestaram contra essa aprovação. Esta medida seria uma forma de atrair mais denúncias ao crime, numa espécie de “delação premiada”, de forma a conseguir monitorar melhor as comunidades polígamas que continuaram a realizar casamentos plurais. Antes, as denúncias não eram feitas pelo medo de serem presos e processados. Ainda hoje, existem diversas comunidades chamadas de “mórmons fundamentalistas” que, contra a lei estadunidense de 1890, continuavam a realizar casamentos plurais e, inclusive, com menores de idade. Segundo o comunicado de 2013¹³⁴ da Igreja Mórmon, não é possível afirmar que existam mórmons “fundamentalistas” pois, segundo eles, “mórmon é um nome comum para um membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A Igreja interrompeu a poligamia há mais de um século. Hoje, nenhum membro da Igreja pode praticar poligamia sem ser excomungado”.

¹³³ **NOVA LEI DESCRIMINALIZA POLIGAMIA NO ESTADO DE UTAH, NOS EUA.** *Conjur.* 02 mar. 2020. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-mar-02/lei-descriminaliza-poligamia-estado-utah-eua>. Acesso em: 05 jun. 2023.

¹³⁴ **MÓRMONS FUNDAMENTALISTAS.** A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. 2013. Disponível em: <https://noticias-pt.igrejadejesuscristo.org/artigo/mormons-fundamentalistas>. Acesso em: 20 jun. 2023.

É possível encontrar diversas seitas poligâmicas derivadas da cisão dos mórmons, criadas após a lei e o manifesto que proibiam os casamentos plurais, em 1890. A Igreja Fundamentalista de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é uma delas. Em 2011, o líder Warren Jeffs, foi condenado à prisão perpétua, por incesto e abuso sexual de crianças. Outra cisão conhecida é o “clã Kingston”, criada em 1929 e ainda hoje com “adeptos”. Em artigo da BBC¹³⁵ (2022), foram revelados abusos da seita como trabalho infantil e condições de trabalho análogas à escravidão em obras de empresas do “clã”, incesto e casamento forçado: “as mulheres são obrigadas a casar-se com alguém dentro da comunidade, sem que se pergunte a elas se estão de acordo. Muitas vezes, elas ainda são menores de idade, e o marido escolhido é um familiar próximo”.

Neste subcapítulo, buscamos compreender como o tempo não-linear se manifesta em *The Handmaid's Tale* (1985) e suas diferentes camadas de tempo. Ao apresentarmos recortes das memórias de *Offred*, buscamos compreender ao mesmo tempo: os choques geracionais entre as personagens e uma não-linearidade das movimentações de direitos e ações feministas. A estes recortes, podemos associar a crítica de Victoria Browne e Clare Hemmings ao modelo temporal linear de “ondas feministas”. É a partir das recordações da narradora *Offred*, que podemos vislumbrar como Margaret Atwood constrói uma trama não-linear sobre a história dos feminismos. Podemos tentar “resumir” e compreender esta análise a partir da citação de Victoria Browne (2014, p. 26): "o objetivo principal é promover uma concepção politemporal do tempo histórico, como um tempo que é gerado através da interseção de vários tempos e temporalidades". Exploramos este tempo da narrativa, que vamos categorizar como Modernidade Tardia, com apoio na obra de Susan Faludi sobre o *backlash* feminista, artigos de pesquisadores brasileiros sobre fundamentalismo religioso nos EUA e entrevistas com Margaret Atwood sobre a obra e a inspiração para escrita.

Ainda neste subcapítulo, buscamos compreender como o tempo não-linear também é explorado por Atwood, no tempo que é por nos categorizado como Modernidade Clássica dos EUA no século XIX. Ao nosso ver, a autora se inspirou nesta “camada de tempo” que identificamos, para escrever sobre os arranjos poligâmicos dos mórmons estadunidenses. Neste sentido, também podemos compreender *The Handmaid's Tale*, a partir da chave de Helge Jordheim (2018), como sendo uma ferramenta de sincronização do tempo. Para o autor,

¹³⁵ **O CLÃ KINGSTON, SEITA NASCIDA DE CISÃO DOS MÓRMONS QUE É ACUSADA DE ESTUPROS, INCESTO E ESCRAVIDÃO.** BBC News Mundo, 26 set. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-63016786>. Acesso em: 10 jun. 2023.

No tempo presente, um dos maiores desafios para os pesquisadores em ciências humanas e sociais, assim como para os estrategistas e formuladores de políticas públicas, entre outros, é apresentar modelos viáveis para a análise, interpretação e intervenção em um mundo multitemporal. Nos níveis local, nacional, regional e global, atores em diferentes campos debatem-se para encontrar um acordo com a pluralidade dos tempos inerentes aos eventos, situações e contextos. (...) A existência de múltiplos tempos históricos ou, com um deslocamento semântico para a fenomenologia, de múltiplas temporalidades, não é de forma alguma um problema somente teórico, apresentando um vasto alcance, e sendo carregado de implicações políticas e sociais (JORDHEIM, 2018, p. 294).

Neste sentido, o historiador norueguês Helge Jordheim (2018, p. 310) recapitula as ideias concebidas por Fernand Braudel, Krystof Pomian e Reinhart Koselleck sobre a “estratigrafia do tempo e da história”, pensando nas formas em que esse pensamento possui força de “reforjar as conexões entre o natural e a história humana” (JORDHEIM, 2018, p. 310).

Enquanto a história humana permanecer sendo medida por um relógio ou pelos padrões da civilização e do progresso, a natureza permanecerá, necessariamente, fechada. Mas um conjunto diferente e muito mais amplo de possibilidades para reconexão do humano com outras partes da natureza poderá emergir se, pelo contrário, a história humana for novamente incluída no interior da muito mais compreensiva teoria das escalas da vida e das escalas do tempo, na qual o tempo é percebido como multicamadas, em um *continuum* com o tempo das rochas e sedimentos (JORDHEIM, 2018, p. 310).

Arriscamos pensar esta obra como o “*continuum* multicamadas” de Jordheim (2018), pela visão de que esta narrativa dialoga diretamente com o passado, presente e futuro. O tempo identificado na obra como “Sagrado”, com passagens bíblicas intrínsecas à obra, foi visto no primeiro capítulo e o “Tempo de Gilead” que vai retratar o futuro distópico e o passado de Gilead, será analisado no tópico a seguir.

3.2 *Historical Notes on The Handmaid’s Tale*: crítica ao conceito moderno de história?

Neste tópico, buscamos explorar, especialmente, de que maneira o epílogo da obra pode ser entendido como crítica da autora a um fazer historiográfico excludente e misógino. Discutiremos o (4) Tempo distópico de Gilead, que se passa no futuro e é apresentado e analisado por especialistas no epílogo do livro. Para esta análise, debates estabelecidos por historiadores como François Hartog, Reinhart Koselleck e Maria da Glória de Oliveira orientarão o capítulo.

Terá a nossa narradora chegado ao mundo exterior em segurança e construído uma nova vida para si mesma? Ou terá sido descoberta em seu esconderijo no sótão, presa, mandada para as Colônias ou para a Casa de Jezebel, ou até mesmo executada? Nosso documento, embora

*à sua própria maneira seja eloquente, quanto a essas questões é mudo. Podemos fazer Eurídice surgir do mundo dos mortos, mas não podemos obrigá-la a responder; e quando nos viramos para olhar para ela, nós a entrevemos de relance por apenas um momento, antes que escape de nosso alcance e nos abandone. Como todos os historiadores sabem, o passado é uma enorme escuridão, e repleto de ecos. Vozes podem nos alcançar a partir de lá; mas o que dizem é imbuído da obscuridade da matriz da qual elas vêm; e, por mais que tentemos, nem sempre podemos decifrá-las precisamente à luz mais clara de nosso próprio tempo. Aplausos. Os senhores têm perguntas?*¹³⁶

Margaret Atwood

No epílogo do livro, *Historical Notes on The Handmaid's Tale*, Atwood remonta a transcrição parcial das atas do Décimo Segundo Congresso sobre Estudos Gileadeanos, realizado como parte da Convenção da Associação Histórica Internacional no ano de 2195. Assim como o “Apêndice – Os princípios da novafala” presente ao final da obra de 1948, do escritor George Orwell e mencionado por Atwood em entrevista à BBC (2023), o epílogo de *The Handmaid's Tale* mostra uma outra sociedade onde Gilead é passado, matéria para estudos antropológicos. O apêndice de 1984, Orwell começa desta forma:

A Novafala era o idioma oficial da Oceânia e fora concebido para atender às necessidades ideológicas do Socing, ou Socialismo Inglês. Em 1984 ainda não havia quem o empregasse como meio exclusivo de comunicação, tanto oralmente como por escrito. Os editoriais do Times eram redigidos no novo idioma, mas era um *tour de force* que só especialistas conseguiam executar. Previa-se que a Novafala substituísse completamente a Velhafala (ou o inglês padrão, como o chamamos) por volta de 2050. Enquanto isso, o novo idioma ia aos poucos ganhando terreno, com todos os membros do Partido tendendo, cada vez mais, a usar palavras e construções gramaticais da Novafala em suas interlocuções cotidianas. A versão corrente em 1984, consubstanciada na nona e na décima edições do dicionário de Novafala, era provisória e continha muitas palavras supérfluas e formações arcaicas que posteriormente viriam a ser suprimidas. É a versão definitiva e aperfeiçoada, consolidada com a décima primeira edição do dicionário, que nos referimos aqui. O objetivo da Novafala não era somente fornecer um meio de expressão compatível com a visão de mundo e os hábitos mentais dos adeptos do Socing, mas também inviabilizar todas as outras formas de pensamento. (...) Apesar de a Novafala ter se baseado na língua inglesa tal como a conhecemos hoje, muitas frases do novo idioma, ainda que não incluíssem vocábulos de criação recente, seriam praticamente incompreensíveis para os falantes do inglês de nossos dias (ORWELL, 2020, p. 355-356).

¹³⁶ (ATWOOD, 2017b, p. 366).

Assim como no apêndice de Orwell, notamos este distanciamento de tempo e intensidade no epílogo de THT. Alguns detalhes que podem passar despercebidos na constituição da obra e desta mudança de contexto, podem ser notados através dos anúncios feitos no começo do evento descrito no epílogo. Sediado na *University of Nunavut* em Nunavut, extensa terra indígena ao norte do Canadá, pela professora Maryann Crescent Moon, são oferecidos aos participantes eventos de pesca e um aviso aos participantes para tomar cuidado com os insetos (ATWOOD, 2017a, p. 299). Com essas informações aparentemente singelas, notamos que no futuro de 2195 a terra não está tão poluída quanto nos tempos de Gilead, que sofria com a radiação das áreas contaminadas nuclearmente em parte da América do Norte. Nesta passagem, Atwood, com muita atenção, faz a narradora *Offred* atentar para a escassez de peixes, sua toxicidade e a extinção de baleias em seu tempo:

A Pães e Peixes raramente está aberta. Por que se dar ao trabalho de abrir quando não há nada para vender? Os lugares de pesca no mar tornaram-se extintos há vários anos; os poucos peixes que temos agora vêm de fazendas marinhas onde são criados em cativeiro, e têm gosto de lama. Os noticiários dizem que as áreas costeiras estão sendo deixadas "em repouso". Linguado, eu me lembro, e hadoque, peixe-espada, vieiras, atum; lagostas recheadas e assadas, salmão, a carne rosada e gorda grelhada em filés. Poderiam estar extintos, como as baleias? Ouvi esse boato, que me foi passado em palavras mudas, os lábios mal se movendo, enquanto estávamos na fila do lado de fora, esperando que a loja abrisse, atraídas pelo retrato de suculentos filés de carne branca na vitrine. Eles põem o retrato na vitrine quando têm alguma coisa, tiram quando não têm (ATWOOD, 2017b, p.197).

Assim como a resistência da cultura indígena Canadense (país natal de Atwood) e o cargo de poder de uma mulher indígena, Crescent Moon, presidindo o evento. Aqui, retomamos a fala de Margaret Atwood em entrevista à BBC (2023) sobre o apêndice sobre a novafala de 1984 e o epílogo das notas históricas de THT. A autora afirma que estes finais distópicos podem ser interpretados como fagulhas de esperança no futuro, pois, de alguma forma o “pesadelo” narrado teve um fim e está documentado. Sobre esperança, em palestras anteriores¹³⁷, Margaret Atwood (2021) disse não ver sentido no pessimismo: “não dá para ficar rolando na cama o dia todo pensando que tudo é horrível. (...) Você não escreve distopias a não ser que seja alguém otimista. Porque se você fosse alguém pessimista, nem se daria ao trabalho de escrevê-las”.

Após esta introdução ao evento, as “notas históricas” são apresentadas por dois professores do sexo masculino, Pieixoto e Wade. É neste momento que o leitor descobre que

¹³⁷ “Só otimistas escrevem distopias”, diz Margaret Atwood, autora de “O Conto da Aia”. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/fronteiras-do-pensamento/so-otimistas-escrevem-distopias-diz-margaret-atwood-autora-de-o-conto-da-aia/>. Acesso em 20 jun. 2023.

todo o relato de *Offred* lido anteriormente é fruto do processo de transcrição e montagem da narrativa, feita pelos professores, a partir de fitas cassete encontradas na “Rota Clandestina Feminina”, no antigo estado do Maine, EUA. A autora nos explica que:

Existem dois públicos leitores para o relato de Offred: aquele no final do livro, em uma conferência acadêmica no futuro, que é livre para ler, mas que nem sempre é tão empático quanto se deseja; e o leitor individual do livro a qualquer momento. Esse é o leitor “real”, o Querido Leitor para quem todo escritor escreve. E muitos queridos leitores se tornarão escritores por sua vez. Foi assim que todos nós, escritores, começamos: lendo. Ouvimos a voz de um livro falando conosco¹³⁸ (ATWOOD, 2017).

Nas fitas, estariam gravados relatos da aia que nunca revela seu verdadeiro nome e que, como eles explicam, existem “problemas de autenticação” e não são considerados pelos professores pesquisadores responsáveis, Pieixoto e Wade, como documentos históricos: “Este objeto - eu hesito em usar a palavra documento - foi escavado no sítio arqueológico do que um dia foi a cidade de Bangor, no que em tempos anteriores ao princípio do regime de Gilead, teria sido o estado do Maine” (ATWOOD, 2017b, p. 353). As transcrições e a ordem dos relatos transcritos foram feitas pelos mesmos, sendo intitulado por eles de *The Handmaid’s Tale*, de forma bastante machista fazendo paralelos entre a palavra *tail*, rabo em inglês e *tale*, conto.

O sobrescrito O conto da aia foi anexado a ele pelo professor Wade, sendo conto, tale, em parte uma homenagem ao grande Geoffrey Chaucer; mas aqueles dentre os senhores que conhecem o professor Wade informalmente, como eu, **compreenderão quando digo que tenho certeza de que todos trocadilhos foram intencionais, especialmente aquele que diz respeito ao significado vulgar arcaico da palavra rabo, tail, este último sendo, em certa medida, por assim dizer, o pomo da discórdia naquela fase da sociedade de Gilead de que trata a nossa saga.** (Risos, aplausos.) Por esse motivo, nossa associação mantém um interesse em particular no objeto (ATWOOD, 2017b, p. 353, grifo nosso).

Outra fala machista do professor Pieixoto, além do nome dado aos arquivos da aia, é ainda mais contundente:

Sabemos que aquela cidade era uma proeminente estação intermediária o que a autora se refere como ‘A Rota Clandestina Feminina’, desde então apelidada por alguns de nossos trocistas históricos de ‘A Rota Clandestina do Sexo Frágil’. (Risos, resmungos.) Por esse motivo, nossa associação dedicou-lhe um interesse muito especial (ATWOOD, 2017b, p. 353).

Não sem repúdio da plateia que assiste à apresentação do professor, ainda há risadas da “piada” machista, desnecessária ao contexto histórico que Pieixoto busca compartilhar e que, assim como os detalhes sobre a permanência e mudança do meio ambiente e cultura indígena, nos dá

¹³⁸ Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/03/10/books/review/margaret-atwood-handmaids-tale-age-of-trump.html> Acesso: 05 de jun. 2023.

pistas sobre a proeminência do machismo do tempo passado no futuro imaginado por Atwood. No restante do epílogo, Pieixoto explica o porquê acredita em diversas “falhas” dos registros deixados por *Offred* no tempo, assim como assume uma postura de compreensão ao regime gileadeano.

Depois de termos a transcrição em mãos - e tivemos que refazê-la e revisá-la várias vezes, devido a dificuldades criadas por sotaque, referências obscuras e arcaísmos-, tivemos que tomar algumas decisões quanto à natureza do material que havíamos tão laboriosamente adquirido. Várias possibilidades nos confrontaram. Primeira, as fitas poderiam ser uma falsificação. Como os senhores sabem já foram registrados vários casos de falsificações desse tipo, pelas quais os editores pagaram grandes somas, desejando sem dúvida tirar proveito do sensacionalismo de tais histórias. Parece que certos períodos da história se tornam rapidamente, tanto para outras sociedades quanto para aquelas que as seguem, o material de lendas não especialmente edificantes e a ocasião para muita autocongratulação hipócrita. Aqui, peço licença para fazer um aparte editorial, permitam-me dizer que, **em minha opinião devemos ser cautelosos ao fazer um julgamento moral sobre a sociedade gileadeana. Sem dúvida já aprendemos a esta altura que tais julgamentos são por necessidade específicos de cultura. Além disso, a sociedade gileadeana estava submetida a grandes pressões de caráter demográfico e outros, e estava sujeita a fatores dos quais nós felizmente estamos mais livres. Nosso trabalho não é censurar e sim compreender.** (Aplausos.) (ATWOOD, 2017b, p. 354, grifos nossos).

Partindo desta segunda parte do livro, o epílogo, procuramos entender como a narrativa pode trazer críticas sobre o conceito de história moderno e o fazer historiográfico. Para tal, buscamos apresentar alguns conceitos e análises de teóricos e teóricas como Hartog, Koselleck, Günther, Arendt e Oliveira, sobre o conceito de história moderna, suas definições, origens e limites. Após este panorama, discutiremos sobre a ideia de “veto das fontes” cunhada por Koselleck (2006, 2021), utilizando como chave possível de interpretação das Notas Históricas de THT, bem como a relação entre literatura, seus escritores e a história a partir da leitura de Hartog (2017). Continuando a crítica à historiografia moderna, retomamos a crítica de Oliveira e Haraway sobre o fazer historiográfico excludente.

Para o historiador francês François Hartog, na obra *Crer em História* (2017), a história talvez tenha sido a expressão mais notável do regime de historicidade moderno. De acordo com Hartog (2017, p. 177), a história filosófica universal que vai permear a Europa moderna, ao ponto de se tornar a medida para uma “verdadeira História”, apresenta como sua primeira característica a orientação para o futuro e é construída a partir dessa perspectiva (HARTOG, 2017, p. 177). Sobre associação entre história moderna e progresso, Hartog (2017, p. 180) afirma que o regime moderno de historicidade possui características distintas, uma vez que ele

se origina de uma trajetória longa, não é contínuo e não se confunde com o que é imediatamente visível. Para Hartog (HARTOG, 2017, p. 180), em suma, esse regime adquiriu uma dimensão tanto em espessura quanto em profundidade, visto que o tempo que o constitui não se apresenta como um fluxo único, seja ele relacionado ao passado ou ao futuro. Sobre o fazer historiográfico moderno, Hartog (2017, p. 181) faz a observação de que, quanto mais os historiadores buscam produzir uma história baseada em fundamentos científicos mais eles são levados a enfatizar o passado e a necessidade de uma ruptura prévia entre o passado e o presente. Argumenta-se repetidamente que só existe uma história científica do passado e, para realizar essa tarefa, o historiador deve se abster de trazer suas próprias perspectivas e experiências do presente para a análise histórica (HARTOG, 2017, p. 181). Em uma de suas obras de maior expressão, Regimes de Historicidade (2015), Hartog também faz um retrospecto sobre o conceito de história na modernidade:

As características do regime moderno, tais como se destacam das análises agora clássicas de Koselleck, são, como já vimos, a passagem do plural alemão *die Geschichten* ao singular *die Geschichte*: a História. "Para além das histórias, há a História", a História em si, que segundo a expressão de Droysen, deve tornar-se "conhecimento de si mesma". Particularmente, ela é doravante compreendida como processo, com a ideia de que os acontecimentos não se produzem mais somente no tempo, mas através dele: o tempo torna-se ator, se não o Ator. Então a exigência de previsões substitui as lições da história, já que o passado não explica mais o futuro. O historiador não produz mais a exemplaridade, mas está em busca do único. Na *historia magistra*, o exemplar ligava o passado ao futuro, por meio da figura do modelo a ser imitado. Atrás de mim, o homem ilustre estava tanto na minha frente como à frente de mim (HARTOG, 2015, p. 137).

Na obra publicada em 1961, *Entre o Passado e o Futuro* (2016), a filósofa alemã Hannah Arendt procura destrinchar o conceito de história antigo e moderno. Para Arendt (2016, p. 67), desde o surgimento da ciência moderna, que segundo ela, o espírito se manifesta na filosofia cartesiana da dúvida e da desconfiança, o quadro conceitual da tradição enfrentou incertezas. Para Arendt, a dicotomia entre contemplação e ação, assim como a hierarquia tradicional que afirmava que a verdade só poderia ser alcançada por meio de uma visão passiva e inerte, "não pôde ser sustentada quando a Ciência se tornou ativa e *fez para conhecer*" (ARENDR, 2016, p. 67). Ademais, para Arendt (2016, p. 83), o surgimento da concepção moderna de história foi fortemente impulsionado pelas dúvidas da era moderna em relação à realidade de um mundo externo que seria entregue à percepção humana como um objeto fixo e imutável. Nesse contexto, segundo Arendt (2016, p. 83), a consequência mais significativa dessa dúvida foi a ênfase na sensação como a única experiência mais "real" do que o próprio objeto "sentido" que

seria o único fundamento seguro da experiência. Para Arendt (2016, p. 84) o ponto crucial sobre o conceito moderno de história seria o fato de que ele emergiu durante os séculos XVI e XVII, período que antecipou o enorme avanço das Ciências Naturais. Para a filósofa, entre as características daquela época e que continuam em nosso próprio mundo, destaca-se a alienação do ser humano em relação ao mundo (ARENDR, 2016, p. 84).

Tendo em vista as considerações de Hannah Arendt, podemos fazer uma conexão com a análise da historiadora Pepita de Souza Afiune (2018) sobre método e verdade na história. Para Afiune (2018, p. 119), ao longo da história humana o progresso científico foi marcado por um processo de intelectualização e racionalização do mundo. Com a utilização da precisão e da técnica e acreditando que que tudo pode ser controlado por meio de cálculos, este era objetivo do progresso. Dessa forma, continua Afiune (2018, p. 119), a ciência, que antes estava mais ligada à Filosofia e à Teologia, passa por uma reformulação, florescendo e firmando um controle sobre o conhecimento. Neste sentido, o empirismo era recebido como um método mais confiável para as observações, fundamentando suas bases de pensamento no Renascimento, no Humanismo e no Cartesianismo (AFIUNE, 2018, p. 119). Com influência iluminista, o Positivismo de Auguste Comte propôs um estudo científico da história humana, argumentando que a História também deveria empregar métodos científicos considerados por ele válidos, como a observação e o empirismo. Dessa forma, o Positivismo estabeleceu leis que deveriam governar as relações entre indivíduos e sociedade, buscando compreender os processos para realizar previsões específicas (AFIUNE, 2018, p. 120). Para Afiune (2018, p. 121), a história, quando “admitida como ciência no século XIX, (...) iniciou a sua dedicação à pesquisa empírica, sem deixar de carregar suas heranças” (AFIUNE, 2018, p. 121).

De acordo com Koselleck (2013, p. 119), na coletânea “O Conceito de História” publicada pela editora Autêntica, ao discutirmos o termo “História”, devemos atentar para a compreensão de que a aceitação e o conteúdo deste termo foram estabelecidos apenas ao final do século XVIII. Para Koselleck (2013, p. 119), o conceito “História” é considerado moderno, resultante do fomento de antigas significações da palavra na prática. Pensando na evolução histórica do termo, sua definição é assentada a partir de dois processos de longa duração, que convergem no final e, assim, abrem um campo de experiência que anteriormente não poderia ser formulado. De um lado, trata-se da formação de um coletivo singular, que engloba a soma das histórias individuais em um conceito comum. Do outro lado, podemos entender que “trata-se da fusão de ‘História’ (como conjunto de acontecimentos) e ‘Historie’ (como conhecimento, narrativa e ciência históricos)” (KOSELLECK et al., 2013, p. 119). Ainda de acordo com

Koselleck (2013, p.124), “a fundamentação do iluminismo histórico (...) na ‘História como tal’, tinha se definido como conceito. A História se eleva a algo como uma última instância. Ela se transforma em agente do destino humano ou do progresso social”. Presente na mesma coletânea trabalhada acima (KOSELLECK et al., 2013) podemos pensar também na análise de Horst Günther. Para Günther (KOSELLECK et al., 2013, p. 85), é imprescindível uma revisão da compreensão do pensamento histórico durante o início da Idade Moderna, deixando de lado a visão restritiva do Historicismo. Günther entende que existe uma incapacidade do Historicismo em reconhecer uma consciência histórica mais profunda manifestada em disputas bem documentadas, o que pode revelar sua própria crise (KOSELLECK et al., 2013, p. 85).

Segundo Koselleck (2006, p. 161), na obra *Futuro Passado* (2006), a convicção de que a tarefa crucial do historiador é buscar e transmitir a verdade é antiga e amplamente aceita até os dias de hoje. No entanto, a ideia de que só se pode encontrar a verdade ao adotar um ponto de vista fixo ou ao tomar partido, surge na modernidade. Para Koselleck (2006, p. 161), independentemente do significado atual do termo "historicismo", este mesmo certamente abarca as mudanças de perspectiva que inevitavelmente ocorrem ao longo da história. Para ele, as experiências se acumulam: as antigas são superadas e novas expectativas se abrem, gerando novas questões em relação ao passado, que reconfiguram a história quando é vista a partir de diferentes lentes (KOSELLECK, 2006, p. 161).

Admite-se que, como parte da humanidade, também o historiador tenha um ponto de vista condicionado pelas circunstâncias. Fundamentalmente, por meio da crítica de fontes e da interpretação, a totalidade do mundo histórico se abre a ele. Dessa forma, o indivíduo histórico contemporâneo, ao participar da objetivação histórica do passado ou do futuro, torna-se capaz de objetivar ele mesmo a história (KOSELLECK, 2006, p. 162-163).

Sobre a importância do historiador, Koselleck afirma que “sempre teve um papel produtivo como artista ou como juiz moral, ainda que frequentemente confrontado com a função de mero receptor” (KOSELLECK, 2006, p. 166). Se atentarmos à narrativa do epílogo da obra que estamos analisando, podemos vislumbrar esta citação de Koselleck como uma forma possível de interpretação. Afinal, longe de serem “meros receptores”, os professores Pieixoto e Wade ordenaram à bel-prazer todas as fitas encontradas, tornando-se juízes morais da história de *Offred* e não conferindo-lhe a legitimidade de fonte. Retomando esta passagem do epílogo, percebemos uma certa indignação por parte dos historiadores:

Este foi o resultado de nossas conjecturas e deduções. Supondo que esteja correto, isto é, supondo que Waterford tenha sido de fato o "Comandante", muitas lacunas permanecem. Algumas delas poderiam ter sido preenchidas por nossa autora anônima, tivesse ela tido outra maneira de pensar. Poderia ter

nos contado muito sobre o funcionamento do império de Gilead, se tivesse tido os instintos de uma repórter ou de uma espiã. O que não daríamos, agora, por até mesmo vinte páginas impressas tiradas do computador particular de Waterford? Contudo devemos ser gratos por quaisquer migalhas que a Deusa da História tenha se dignado a nos conceder (ATWOOD, 2017b, p. 364).

O professor James Darcy Pieixoto, faz indagações e condena a “superficialidade” da sua fonte e o quanto elas poderiam ser mais “úteis”, mesmo assim, eles aceitam as “migalhas dadas a eles pela Deusa da História”. Neste sentido, buscamos algumas possibilidades de entendimento em Koselleck: a primeira delas seria a de que “a realidade histórica nunca coincide com o que verbalmente se articula com ela e a respeito dela” (KOSELLECK, 2021, p. 120). Já a segunda, diz respeito à interrogação das testemunhas “a história como presente contínuo vive do interrogatório de suas testemunhas oculares, e a condução desses interrogatórios exige distanciamento e imparcialidade” (KOSELLECK, 2006, p. 167). E posteriormente, a noção de veto das fontes. De acordo com Koselleck (2006, p. 186), o conhecimento histórico transcende aquilo que é diretamente obtido das fontes. Para ele, é importante reconhecer que as fontes podem existir anteriormente à investigação histórica ou serem descobertas durante o processo de pesquisa e que por outro lado, também existe a possibilidade de que essas fontes deixem de existir. Nesse contexto, segundo Koselleck (2006, p. 186), o historiador se encontra diante da necessidade de assumir riscos ao formular proposições. Entretanto, o que impede o historiador de obter uma compreensão completa da história presente ou passada, exclusivamente por meio da interpretação das fontes, não é apenas a falta ou o excesso de disponibilidade. Pois, para Koselleck (2006, p. 186) “todo vestígio que se transforma em fonte por meio de nossas interrogações nos remete a uma história que é sempre algo mais ou algo menos que o próprio vestígio, e sempre algo diferente dele”. Para ele, a história nunca é idêntica à fonte que testemunha e se assim fosse, já seria em si mesma a própria história buscada (KOSELLECK, 2006, p. 186).

Uma fonte não pode nos dizer nada daquilo que cabe a nós dizer. No entanto, ela nos impede de fazer afirmações que não poderíamos fazer. As fontes têm poder de veto. Elas nos proíbem de arriscar ou de admitir interpretações as quais, sob a perspectiva da investigação de fontes, podem ser consideradas simplesmente falsas ou inadmissíveis. Datas e cifras erradas, falsas justificativas, análises de consciência equivocadas: tudo isso pode ser descoberto por meio da crítica de fontes. As fontes nos impedem de cometer erros, mas não nos revelam o que devemos dizer. Aquilo que faz da história, história não poderá jamais ser deduzido a partir das fontes. Para que estas finalmente falem, faz-se necessária uma teoria da história possível. Assim, partidarismo e objetividade delimitam-se de uma nova maneira no âmbito da tensão entre a construção do pensamento teórico sobre história e a crítica de fontes. Uma é completamente inútil sem a outra. (KOSELLECK, 2006, p. 188).

Na ocasião da palestra virtual “Fronteiras do Pensamento” de 2021, Margaret Atwood disse “histórias existem há muito tempo, e contar histórias é uma atividade essencial do ser humano. O contador de histórias profissional só faz algo que todo mundo faz também. Nós [escritores] só fazemos isso em um nível mais aprofundado¹³⁹”. No capítulo “Do lado dos escritores: os tempos dos romances” desenvolvido na obra *Crer em História* (2017), o historiador François Hartog realiza por meio dos regimes de historicidade, uma análise das formas literárias de expressão da experiência temporal que lograram, de maneira mais eficiente do que a própria historiografia, capturar e encenar a simultaneidade do não simultâneo (DORNELLES; BONALDO, 2022, p. 26). Para François Hartog (2017, p. 127), “a crença em história e a crença em literatura cresceram juntas. A história moderna e a literatura moderna, sob a forma de romance, triunfam juntas”.

Na visão de Hartog (2017, p. 128), os grandes romancistas do século XIX, mesmo inaugurando novas narrativas, são atravessados pelo contexto histórico do tempo vivenciado por eles, o que de certa maneira, corrobora com a fala de Atwood (2021). Assim, os romancistas estariam à frente dos historiadores, possuindo mais aptidão para representar os “tempos desarmônicos que se friccionam e se entrechocam, às vezes tragicamente. Ante aos arcaísmos, existem as novidades, o gosto do dia, os turbilhões da moda, as fortunas que se fazem e se desfazem” (HARTOG, 2017, p. 130 apud DORNELLES; BONALDO, 2022, p. 26).

Segundo Hartog (2017, p. 136), o historiador moderno segue o tempo numa linearidade progressiva de evolução contínua e se inscreve no tempo *Chronos*, que é ordenado por calendários e relógios, de forma a restaurar as ranhuras do tempo procurando reestabelecer uma sequência. Enquanto o memorialista evoca datas variando “curtos-circuitos entre o passado e o presente” (HARTOG, 2017, p. 136) e é inscrito no tempo *Kairós*, que é subjetivo e vivencial e “dá lugar a essa outra grande modalidade de relação com o tempo que é o simultâneo do não-simultâneo” (HARTOG, 2017, p. 136).

O historiador Albuquerque Jr. (2007), ao discutir a relação entre História e Literatura, levanta questionamentos sobre a natureza científica da História. Para ele, essa discussão também afeta a questão da verdade na História, pois, tradicionalmente, os fatos estavam associados à História, enquanto a ficção estava relacionada à Literatura. No entanto, o autor argumenta em favor da natureza artística da História, de seu caráter poético e literário e enfatiza

¹³⁹ “Só otimistas escrevem distopias”, diz Margaret Atwood, autora de “O Conto da Aia”. **Poder 360**. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/fronteiras-do-pensamento/so-otimistas-escrevem-distopias-diz-margaret-atwood-autora-de-o-conto-da-aia/>>. Acesso em 20 jun. 2023.

que ambas podem caminhar juntas (ALBUQUERQUE, 2007, p. 12 apud AFIUNE, 2018, p. 125). Para Afiune (2018, p. 129), no binário história-verdade e literatura-ficção, a História, a fim de obter reconhecimento em relação a outras áreas do conhecimento, buscou se conformar a esses padrões metodológicos cientificistas. Para ela, foi no lumiar do século XIX em que foi estabelecida como uma disciplina com pretensões científicas. Segundo Afiune (2018, p. 129), essa abordagem refletiu o ideal positivista, pois baseava seu conhecimento histórico à uma metodologia reduzida a documentos e vestígios plausíveis, que eram submetidos a análises em busca de autenticidade. Neste sentido, “a História lutou também contra as ‘ameaças’ da narrativa, à medida em que a mesma poderia imprimir-lhe um caráter ficcional que decorreria contra o seu compromisso com a verdade” (AFIUNE, 2018, p. 129). Para Maria da Glória de Oliveira (2010, p. 43), a concepção de que a história escrita representaria o estágio final de uma árdua peregrinação em busca das evidências do passado, juntamente com o esforço simultâneo de organizar todos os vestígios em uma narrativa coerente, passou a delimitar as características do historiador considerado "verdadeiro".

Será possível entender o epílogo e a análise feita pelos professores Wade e Pieixoto no epílogo de *The Handmaid's Tale* como uma ironia de Atwood? Será possível pensar como um resquício longínquo da busca incessante do positivismo pela verdade através de vestígios com detalhes coerentes? Teriam os professores negado uma credibilidade à fonte encontrada por eles mesmos não acharem “relevante” seu cotidiano enquanto mulher assim interpretando como se fosse um “veto das fontes”? Teriam sido os professores misóginos e machistas ao destacarem a obra e a catalogarem com a naturalização de uma “piada” machista? O que nos dizem as críticas a um fazer historiográfico excludente?

A historiografia brasileira vem discutindo a relação entre a História como disciplina e a exclusão de mulheres do cânone que a constitui. Esse é o caso do capítulo “A história disciplinada e seus outros: reflexões sobre as (in)utilidades de uma categoria”, escrito pela historiadora Maria da Glória de Oliveira (2019). A autora vai dialogar diretamente com a história da historiografia brasileira, mas podemos apreender diversas críticas possíveis de se enquadrarem na presente análise.

Na área do conhecimento histórico, em suas diferentes abordagens, a história intelectual não fala sobre gênero ou, pelo menos, não reconhece a relevância ou a utilidade desta categoria como vetor de análise para operar com suas agendas de pesquisa específicas. Esse silêncio talvez contribua, de modo persistente, para reforçar a tradicional invisibilidade das mulheres como intelectuais e a marginalidade das obras de autoria feminina (ou de autorias “outras”) como objetos potenciais desses estudos (OLIVEIRA, 2019, p. 55).

Oliveira (2019, p. 56), analisa os dados recentes (2008-2018) coletados por Flávia Varella nas publicações da revista “História da Historiografia”. Os dados trazem números de publicações femininas e/ou sobre trajetória de autoras e/ou historiadoras da área da história intelectual. Segundo Oliveira (2019, p. 56), os números indicam “um desequilíbrio de gênero quanto às autorias de trabalhos”. Sobre estes resultados, Oliveira (2019, p. 57) analisa:

Os dados sugerem que essa desproporcionalidade não acompanha a distribuição equilibrada entre homens e mulheres com titulação de mestrado e doutorado na grande área da História no Brasil, conforme apontam levantamentos mais recentes. (...) Tais assimetrias escapam, em geral, a uma apreensão quantitativa, na medida em que podem se manifestar na distribuição tácita de “tarefas” dentro de uma mesma área disciplinar, segundo princípios historicamente discriminatórios, e ainda vigentes, que costumam conceder “aos homens o mais nobre, o mais sintético, o mais teórico e às mulheres o mais analítico, o mais prático, o menos prestigioso”. A força e o peso dessas injunções acrescentam variáveis nada desprezíveis ao problema da pouca visibilidade da produção intelectual feminina (OLIVEIRA, 2019, p. 57).

Maria da Glória de Oliveira (2019, p. 61-62), faz uma análise sobre o significado de ser historiador no século XIX. Para Oliveira, ser historiador não se baseava tanto na aplicação de um método “disciplinado”, mas sim “índole cívica e disposição moral” (OLIVEIRA, 2019, p. 61-62). Nesse contexto, ser historiadora implicaria uma impossibilidade, uma vez que as mulheres eram excluídas do exercício da cidadania e do corpo político da nação. Consequentemente, elas eram privadas dos atributos virtuosos mínimos necessários para a escrita da história (OLIVEIRA, 2019, p. 62). Além disso, a produção escrita feminina era recebida de forma marginalizada, situada à margem dos cânones literários e historiográficos. Isso contribuiu para um apagamento duradouro e para a naturalização da ideia de que as mulheres não produziam historiografia “profissional” ou qualquer outro gênero similar que pudesse ser reconhecido como relevante (OLIVEIRA, 2019, p. 62).

Os processos de constituição disciplinar da história no século XIX foram notoriamente excludentes em relação à participação de historiadoras nos círculos historiográficos “profissionais”. Ademais, até meados do século XX, essa construção “masculina” da disciplina reforçou a própria invisibilidade da dimensão de gênero dos fenômenos estudados (CHARPENEL, 2018 apud OLIVEIRA, 2018, p. 117).

No artigo “Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à história da historiografia”, publicado pela revista História da Historiografia da Sociedade Brasileira de Teoria da História e Historiografia (SBTHH), em 2018, Maria da Glória de Oliveira questiona as dimensões do que seria uma “escrita feminina”. Para Oliveira (2018, p. 111), é relevante observar que várias autoras, quando questionadas sobre suas obras, optam por desqualificar a

questão, compartilhando uma postura de negação em relação à existência de uma categoria específica de "literatura feminina" (RICHARD, 2002, p. 131 apud OLIVEIRA, 2018, p. 111). Oliveira (2018, p. 111) atenta para o nome de Virginia Woolf, uma das figuras frequentemente considerada "fundadora" da história do feminismo e que está entre essas escritoras.

A autora de *Um teto todo seu* não negava que a escrita literária de uma mulher fosse feminina, mas tampouco perdia a oportunidade de fazer uma observação sarcástica sobre o assunto: “não pode deixar de ser feminina; nos melhores casos, é extremamente feminina; o único problema é [seria] definir o que se entende por ‘feminina’.” (WOOLF 2012, p. 29 apud OLIVEIRA, 2018, p. 111).

Os debates suscitados por Virginia Woolf sobre escrita feminina nos acompanham durante todo este trabalho, começando pelo primeiro capítulo e sendo retomado no último. Aqui, também retomamos trecho da entrevista de Margaret Atwood (2011) ao jornal *The Guardian*, sobre THT. Nesta entrevista, Atwood explica o significado do que chama por “ustopias”: “é um mundo que inventei combinando utopia e distopia – a sociedade perfeita imaginada e seu oposto – porque, a meu ver, cada uma contém uma versão latente da outra¹⁴⁰” (ATWOOD, 2011). Reiteramos outra citação de Atwood nesta entrevista, quando a autora explica THT como “ustópica”:

Eu já disse que a distopia contém em si uma pequena utopia, e vice-versa. Qual é, então, a pequena utopia escondida no mundo distópico de *The Handmaid's Tale*? São dois: um está no passado (o passado que é o nosso próprio presente). O segundo é colocado em um futuro além da história principal pelo posfácio no final do livro, que descreve um futuro em que Gilead – a república tirânica de *The Handmaid's Tale* – terminou e, portanto, tornou-se assunto para conferências e trabalhos acadêmicos. **Suponho que é o que acontece com as sociedades *ustópicas* quando elas morrem: elas não vão para o Céu, elas se tornam temas de teses**¹⁴¹ (ATWOOD, 2011, grifos nossos).

Margaret Atwood (2011) conta com a ideia de que este misto entre utopia e distopia, não morre e sim, torna-se um tema de tese acadêmica. Ela também afirma que tentou escrever uma distopia do ponto de vista feminino (ATWOOD, 2003). E se retornarmos ao epílogo da obra, perceberemos que assim como todas as vivências da aia são tratadas como assunto secundário e postas em cheque, o feminismo também é tratado como passado na obra e nem ao

¹⁴⁰ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2011/oct/14/margaret-atwood-road-to-ustopia>>. Acesso em 19 de jan. 2023.

¹⁴¹ Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2011/oct/14/margaret-atwood-road-to-ustopia>>. Acesso em 19 de jan. 2023.

menos mencionado como movimento. Poderíamos acessar essa informação como outra crítica de Atwood relacionada ao backlash?

Em 1985, mesmo ano de publicação de *The Handmaid's Tale*, a bióloga e filósofa estadunidense Donna Haraway, publica o ensaio "Manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e Feminismo-Socialista no Final do Século XX". No ano de 1986, a historiadora feminista estadunidense Joan Scott, publica seu clássico artigo "Gênero: uma categoria útil de análise Histórica". Buscamos dialogar mais uma vez aqui com o texto de Haraway e o colocar em diálogo direto com o artigo de Scott, entrelaçando ambos à narrativa de Margaret Atwood.

Pensamos que o Manifesto Ciborgue de Haraway, dialoga diretamente com uma obra de ficção científica, uma vez que a autora teoriza sobre gênero através de uma perspectiva distópica e menciona diversas leituras, obras e autoras de ficções científicas. Em seu texto, Donna Haraway explora como as tecnologias avançadas e a cultura popular estariam mudando a maneira como entendemos identidade, política e a vida cotidiana. Haraway argumenta que vivemos em um mundo onde as fronteiras entre seres humanos e máquinas estão se tornando cada vez mais difusas, e que isso tem implicações profundas para o futuro da humanidade. O ensaio vai girar ao redor da ideia de que um "eu" unitário e natural é uma ficção que precisa ser abandonada, e que a melhor maneira de entender a identidade é como um mosaico de influências culturais, biológicas e tecnológicas. A filósofa propõe a figura do ciborgue como uma metáfora para essa nova forma de identidade, que é híbrida, fluida e mutante:

O ciborgue é uma matéria de ficção e de experiência vivida – uma experiência que muda aquilo que conta como experiência feminina no final do século XX. Trata-se de uma luta de vida e morte, mas a fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão ótica (HARAWAY, 2009, p. 36).

Para Haraway, a ideia de um "ciborgue" representa uma possibilidade de superação dessas oposições binárias, permitindo a construção de uma identidade que transcende as limitações impostas pelo gênero. A identidade ciborgue sugere uma fusão entre ser humano e máquina, um híbrido que combina elementos masculinos e femininos, naturais e artificiais, corpo e mente. Outro argumento importante de seu manifesto, é sobre a ideia de que o feminismo deve se concentrar em questões relacionadas à tecnologia e à ciência, e não apenas em questões de gênero. A autora argumenta que a tecnologia é uma ferramenta poderosa para a emancipação das mulheres e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Este ensaio é um argumento em favor do prazer da confusão de fronteiras, bem como em favor da responsabilidade em sua construção. É também um

esforço de contribuição para a teoria e para a cultura socialista-feminista, de uma forma pós modernista, não naturalista, na tradição utópica de se imaginar um mundo sem gênero, que será talvez um mundo sem gênese, mas, talvez, também, um mundo sem fim (HARAWAY, 2009, P. 37).

Donna Haraway desafia as concepções tradicionais de identidade, política e gênero, e propõe novas formas de pensar sobre essas questões à luz das mudanças tecnológicas e culturais que acontecem no planeta terra. Haraway (2009, p. 47-48) questiona a categoria "mulher" e sua suposta unidade natural, argumentando que ela é construída por meio de discursos científicos sexuais e práticas sociais questionáveis. Ela também problematiza a consciência de classe, raça e gênero como uma conquista imposta pela terrível experiência histórica das realidades sociais contraditórias que existem dentro do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado. Haraway levanta a questão de quem é o "nós" enunciado em sua própria retórica. Ela argumenta que a fragmentação entre as feministas tem tornado o conceito de mulher escorregadio e funcionado como uma desculpa para as dominações que as mulheres exercem umas sobre as outras. Para Haraway (2009, p. 58) a crise de identidade política é incontável e requer novas respostas, como a coalizão baseada em afinidades, em vez da busca por uma unidade essencial: “não é por acaso que, em nosso tempo, a ‘mulher’ se desintegra em ‘mulheres’” (HARAWAY, 2009, p. 58).

Joan Scott, em seu artigo clássico de 1986, propõe uma definição de gênero como categoria analítica. O texto argumenta que o conceito de gênero é uma ferramenta importante para a análise histórica, pois permite que os historiadores examinem como as construções culturais de masculinidade e feminilidade moldam a vida social, política e econômica. Para Scott (1995, p. 75), a definição de gênero rejeita explicações biológicas e se refere às construções culturais que criam ideias sobre os papéis adequados para homens e mulheres. Para Scott, se trata de uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado e se refere às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres. Em contraste, o conceito de sexo se refere às diferenças biológicas entre homens e mulheres. Para Scott, o conceito de gênero também permite que historiadores questionem as suposições sobre a natureza humana e a ordem social, que ajudariam a explicar como as mudanças históricas ocorrem. Portanto, para Scott (1995, p. 86), a definição desta categoria analítica seria a de “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, (...) uma forma primária de dar significado às relações de poder”.

Para Scott (1995, p. 79), o gênero é influenciado por conceitos normativos e pela chamada "ideologia de gênero", que promovem o controle hermenêutico e definem como as identidades de gênero devem ser interpretadas e vividas.

Um exemplo desse tipo de história é dado por aqueles que tratam a ideologia vitoriana da domesticidade como se ela tivesse sido criada em bloco, e tivesse sido contestada apenas depois disso, invés de ser o objeto constante de grandes diferenças de opinião. Um outro exemplo vem dos grupos religiosos fundamentalistas atuais, que querem ligar necessariamente suas práticas à restauração do papel "tradicional" das mulheres, supostamente mais autêntico, embora, na realidade, haja poucos antecedentes históricos que testemunhem a existência incontestada de um tal papel (SCOTT, 1995, p. 87).

Em seu artigo, Joan Scott também aponta para a dimensão política do gênero, uma vez que suas concepções são usadas para estabelecer relações de poder e legitimação política. Na perspectiva de Scott (1995, p. 89), as linguagens conceituais empregam a diferenciação sexual como uma forma primária de estabelecer significados e dar sentido à diferenciação, “gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 91). Podemos compreender este debate estabelecido por Scott, de forma diferente de Haraway, mas também entrelaçando à narrativa de THT. A partir da compreensão sobre a relação entre gênero e poder, Scott vai ilustrar essa afirmação com vários exemplos históricos. Entre eles, destacamos seu exemplo sobre autoritarismo e políticas misóginas em regimes autoritários. A historiadora Joan Scott (1995, p. 91) menciona a implementação da política nazista na Alemanha e o triunfo do Aiatolá Khomeini no Irã como exemplos de regimes que impuseram códigos de vestimenta para as mulheres as interditaram da participação na vida política. Joan Scott sugere que essas ações foram motivadas por uma visão de mundo que via a dominação masculina como natural e desejável, e que as mulheres eram vistas como “subordinadas e fracas” (SCOTT, 1995, 91).

A abordagem Joan Scott se propõe a um debate histórico metodológico sobre gênero, destacando como este não apenas influencia as relações sociais, mas também é fundamental para a compreensão do poder político e das dinâmicas de dominação e resistência. E a partir de sua análise, temporalmente próxima aos debates sobre o *backlash* feminista, Scott enfatiza a necessidade de analisar criticamente as construções de gênero e suas implicações políticas na sociedade. Trazendo uma breve ironia em seu texto, que podemos entender como uma aproximação a este *backlash*, uma forma de subversão ou uma crítica, Scott faz uma digressão inicial sobre os usos da palavra "gênero”:

"Gênero" parece se ajustar à terminologia científica das ciências sociais, dissociando-se, assim, da política (**supostamente ruidosa**) do feminismo.

Nessa utilização, o termo "gênero" não implica necessariamente uma tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem tampouco designa a parte lesada (e até hoje invisível). Enquanto o termo "história das mulheres" proclama sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos, o termo "**gênero inclui as mulheres, sem lhes nomear, e parece, assim, não constituir uma forte ameaça. Esse uso do termo "gênero" constitui um dos aspectos daquilo que se poderia chamar de busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas, nos anos 80**" (SCOTT, 1995, p. 75, grifos nossos).

Opondo as ideias de Donna Haraway à narrativa de *The Handmaid's Tale*, podemos notar as diferenças entre o alerta político e distópico de Atwood, de uma sociedade que busca negar discursos científicos, retomando ideais religiosos para reafirmar uma visão do que é “ser uma mulher” e justificar a dominação do sexo masculino às castas de mulheres de Gilead. Ao mesmo tempo, sendo uma distopia, THT mostra através do exemplo, imaginando o caos, arroubos de esperança em meio ao pessimismo: poderia ser um “manual” do que seria um pesadelo? Assim, podemos perceber a crítica presente na obra de Margaret Atwood, demonstrando que imaginar uma sociedade sem gênero e, portanto, sem gênese, como propõe Donna Haraway (2009, 37), seria uma forma imaginar uma sociedade mais justa?

Pensando nestes debates aproximados temporalmente, mas razoavelmente opostos entre ideias e proposições de Donna Haraway e Joan Scott, voltamos a pensar no desfecho da obra de Margaret Atwood. Aqui, nos aproximamos novamente da pesquisa de Isabela Gomes Parucker, trazendo sua visão a respeito das *Historical Notes* muito aproximada da proposição inicial que nos comprometemos a fazer.

A estratégia narrativa de contar a história de Offred em primeira pessoa (uma dimensão subjetiva do relato) para depois deslocá-la bruscamente para uma discussão acadêmica aparentemente distanciada e supostamente neutra e imparcial (o que sugeriria uma dimensão objetiva) nos leva a refletir sobre a própria construção de narrativas, sobre processos de interpretação, contextualização, historicização. Suscita também uma questão interessante no que diz respeito a uma dimensão ética do fazer historiográfico quando mostra que a experiência traumática de dor e violência vivida por Offred, ao ser transformada em história por Pieixoto, é transformada também em um objeto de contemplação, um discurso que não se preocupa em explicitar essa experiência (PARUCKER, 2018, p. 117).

Nossa pergunta para este capítulo foi: poderia ser o epílogo de THT, as *Historical Notes on The Handmaid's Tale*, entendido como uma crítica de Atwood ao conceito moderno de história? Buscamos respondê-la a partir de diferentes debates sobre verdade, literatura e história, veto das fontes e tempos atravessados na sensibilidade de cada escrita literária.

Concluímos através de comparações e elementos teóricos diferentes, que esta possibilidade é tangível devido ao modo de apresentação dos arquivos de *Offred* pelos pesquisadores.

Terá a nossa narradora chegado ao mundo exterior em segurança e construído uma nova vida para si mesma? Ou terá sido descoberta em seu esconderijo no sótão, presa, mandada para as colônias ou para Casa de Jezebel, ou até mesmo executada? Nosso documento, embora à própria maneira seja eloquente, quanto a essas questões é mudo (ATWOOD, 2017b, p. 366).

Embora não tenha sido o objetivo desta pesquisa explorar a indagação acima, podemos respondê-la através da sequência de THT, Os Testamentos (2019). Margaret Atwood explora no mesmo formato de epílogo, o décimo terceiro simpósio em estudos Gileadeanos com os mesmos professores: Crescent Moon e Pieixoto. *Offred* consegue fugir grávida e segue articulando dentro da resistência. Pensando no objeto de pesquisa deste trabalho, poderíamos pensar neste final de *The Handmaid's Tale* como uma representação de um mundo combinado entre utopia e distopia, a “ustopia”? (ATWOOD, 2011). E nesta “ustopia”, teria Gilead se tornado objeto de teses acadêmicas na qual os homens detêm o monopólio da verdade sobre o passado através da história? Finalizamos este capítulo, citando Walter Benjamin: “também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer” (BENJAMIN, 1994, p. 224-225).

CONCLUSÃO

Dividida em três capítulos, cada um deles contendo dois subcapítulos, a presente dissertação de mestrado buscou apresentar três eixos diferentes de um só objeto de pesquisa, a distopia literária escrita por Margaret Atwood em 1985, *The Handmaid's Tale*. Estes três eixos foram: (1) distopias, utopias e ustopias; (2) feminismo e literatura como agente de mudança social; (3) tempo não-linear.

O primeiro eixo apresentado, foi o conceito de distopia, utopia e ustopia, dentro de diferentes abordagens dentro da historiografia e literatura, a fim de transformar o conceito histórico de distopia em categoria operacional de análise da obra *The Handmaid's Tale*. Definimos distopia, dentro das bibliografias utilizadas, como narrativas eticamente situadas a partir do presente em que são concebidas; uma resposta aos dilemas da modernidade secular da perfectibilidade, cujas contradições e impossibilidades revelam uma dimensão temporalizadora; uma operação que atribui significado a eventos, contextos ou situações catastróficas que escapam aos aparatos conceituais dessa compreensão temporal; resultando em um deslocamento que pode ser projetado em qualquer tempo ou espaço, passado ou futuro, e consequentemente, permitindo a espacialização da experiência temporal. Em outras palavras, concluímos através desta pesquisa, que o conceito de distopia capta, a partir de um presente habitado por práticas concretas, os modos imaginados de transição entre passado e futuro, ao mesmo tempo em que busca atribuir significado a essa historicidade por meio de uma antecipação social frequentemente expressa como uma "história de advertência" que carrega implicações éticas situadas.

Ainda pensando neste primeiro eixo desenvolvido no primeiro capítulo, abordamos uma série de debates relacionados à literatura feminina e feminista, destacando distopias e utopias feministas de diversas autoras, países e décadas. Algumas obras de autoras como como *A Rainha do Ignoto* (1899) de Emília Freitas, *Terra de Mulheres* (1915) de Charlotte Perkins Gilman, *Swastika Night* (1937) de Katherine Burdekin, *Kallocaína* (1940) de Karin Boye, *A mão esquerda da Escuridão* (1969) de Ursula K. Le Guin, *Kindred: laços de sangue* (1979) de Octavia E. Butler e *The Handmaid's Tale* (1985) de Margaret Atwood. Com o intuito de aprofundar a discussão sobre a literatura feminina e feminista ao longo da história, estabelecemos conexões entre essas obras e as definições de distopia propostas.

No segundo eixo, exploramos o espaço, global e glocal dos movimentos feministas e sua relação com a literatura. Apresentamos as manifestações feministas, entre os anos de 2017 e 2023, que utilizaram como forma de protesto as indumentárias vermelhas das aias de Gilead.

Consideramos o contexto de lançamento do romance e sua atual apropriação que se mostrou uma espécie de aproximação distópica entre passado, presente e futuro. Pensando a partir das questões abordadas e à luz de diferentes teóricos, podemos concluir que a recepção e o impacto do romance de Atwood vão além da obra literária em si, refletindo uma interação dinâmica entre passado, presente e futuro. Nesse sentido, a obra *The Handmaid's Tale*, enquanto distopia, conforme a perspectiva de Júlio Benvoglio (2019, p. 95-96), representa um deslocamento que não se restringe ao futuro, podendo estar em qualquer lugar, inclusive no presente e no passado, concluímos que a obra se movimenta no espaço. E que tempo e espaço dialogam com a história global.

No terceiro eixo, analisamos as diferentes temporalidades presentes em *The Handmaid's Tale*, assim como contextualizamos historicamente a narrativa do livro apontando seus aspectos de não-linearidade. Ao compreendermos as diferentes manifestações do tempo não-linear em THT e suas diversas camadas temporais a partir dos fragmentos das memórias de *Offred*, exploramos os choques geracionais entre as personagens e podemos vislumbrar como Margaret Atwood constrói uma trama não-linear sobre a história dos feminismos. Também tentamos visualizar THT como uma ferramenta de sincronização do tempo. Exploramos a dimensão temporal da narrativa, que categorizamos como Modernidade Tardia, com base na obra de Susan Faludi sobre o *backlash* feminista na década de 1980.

Procuramos responder a algumas perguntas: é possível interpretar o epílogo e a análise feita pelos professores Wade e Pieixoto em *The Handmaid's Tale* como uma ironia por parte de Atwood? Seria THT um exemplo de mundo "ustópico", conforme definido por Atwood (2011), um híbrido entre utopia e distopia que persiste e se torna objeto de estudo acadêmico? Poderíamos considerar esse epílogo como um vestígio distante da busca do positivismo pela verdade, em que os homens detêm o monopólio da narrativa histórica? Seria possível argumentar que os professores negaram credibilidade à fonte que encontraram porque não consideraram relevante a perspectiva do cotidiano vivido pelas mulheres, interpretando-a como algo trivial e insignificante? Poderíamos questionar se os professores foram misóginos e machistas ao destacarem a obra e a tratarem como uma "piada" machista naturalizada?

Essas questões nos levaram a uma profunda reflexão sobre a intencionalidade de Atwood ao incluir o epílogo e a análise dos professores na narrativa de *The Handmaid's Tale*. Ao longo desta dissertação, buscamos responder a essas questões, especialmente no segundo tópico do terceiro capítulo, por meio dos debates sobre verdade, literatura e história, da discussão sobre o veto das fontes e das diferentes percepções de tempo presentes na sensibilidade de cada escrita literária. Exploramos as relações de poder, os discursos

dominantes e as formas de silenciamento presentes na obra, e procuramos analisar criticamente como esses elementos se entrelaçam na narrativa de *The Handmaid's Tale*. Ao abordarmos a interseção entre literatura e história, buscamos compreender como as escolhas narrativas e os recursos literários utilizados por Atwood podem revelar críticas sutis à sociedade, bem como questionar os discursos hegemônicos e as estruturas de poder opressivas.

Dessa forma, ao longo desta dissertação, mergulhamos em um processo de análise e reflexão sobre o processo de escrita da autora através de suas diversas entrevistas sobre a obra e sobre os feminismos, a interpretação dos pesquisadores no epílogo e as questões de gênero, poder e representação presentes na obra. Com base nos debates e nas abordagens teóricas exploradas, procuramos oferecer perspectivas que nos permitissem compreender as complexidades e os possíveis significados subjacentes à inclusão desses elementos na narrativa. Ainda assim, não podemos deixar de destacar a própria ação feita durante o presente trabalho. Aqui, pesquisamos (no plural, na tentativa de incorporar as ciências e as histórias dos feminismos), destrinchamos entrevistas de Margaret Atwood, desmembramos a narrativa do livro do início ao fim e a criticamos com os olhares deste tempo.

Por fim, esperamos que essa dissertação de mestrado tenha contribuído para a compreensão mais aprofundada de *The Handmaid's Tale* dentro de uma perspectiva da história global. Trazendo reflexões sobre as questões sociais, temporais e culturais que a obra levanta, incentivando diálogos contínuos sobre igualdade de gênero, histórias dos feminismos e diferentes temporalidades.

REFERÊNCIAS

AFIUNE, Pepita de Souza. **História versus Ciência Moderna: Um Debate Sobre Método e Verdade**. Revista Expedições, v. 9, n. 3, 2018.

ALVES JUNIOR, Alexandre Guilherme da Cruz; ROCHA, Daniel. A direita cristã nos Estados Unidos: usos do passado e projetos políticos (1980). **Revista de História**, [S.L.], n. 180, p. 1-39, 25 mar. 2021. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2021.167217>.

ANDRADE, Fellip Agner Trindade. **Recepção Literária e Mídias: Uma breve análise de ‘The Handmaid’s Tale’**. Estação Literária. v. 24, p. 88-98, 2020. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/38236>

ARENDDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Tradução Ana Deiró. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2017b.

ATWOOD, Margaret. **The Handmaid’s Tale**. Nova Iorque: Anchor Books, 2017a.

AVILA, Arthur. Lima de. **Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico**. Revista Brasileira de História, v. 41, n. 87, p. 161–184, ago. 2021.

BACCOLINI, Raffaella. **At the root of totalitarianism: misogyny and violence in women’s dystopias**. In: DEPLAGNE, Luciana Calado; CAVALCANTI, Ildney (Orgs.). Utopias sonhadas/distopias anunciadas: feminismo, gênero e cultura queer na literatura. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. p. 45-60.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENTIVOGLIO, Júlio. **História & distopia: a imaginação histórica no alvorecer do século 21**. Vitória: Milfontes, 2019.

BENTIVOGLIO, Julio. **The future of utopias and dystopias in presentist times**. Esboços: histórias em contextos globais, [S.L.], v. 27, n. 46, p. 390-404, 15 jan. 2021. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7976.2020.e73090>.

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/73090>. Acesso em: 10 jun. 2021.

BERCHT, Gabriela. **Pornografia e atos de fala: a perspectiva de Catharine MacKinnon**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 30, n. 2, e77282, 2022.

CALDEIRA NETO, Odilon. O neofascismo no Brasil: entre escalas, abordagens e historicidade. **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 29, n. 52, p. 702–709, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/92675>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CEIA, Carlos. **“Utopia”**. In: E-dicionário de termos literários. 2009. Acessível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/utopia/> Acesso em: 12 jul. 2021.

CLAYES, Gregory. **The Post-Totalitarian Dystopia, 1950–2015**. In: CLAYES, Gregory. *Dystopia: a natural history*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 447-497.

CONRAD, Sebastian. **Criação de mundos e conceitos da história global**. In: **O que é a História Global?** Lisboa: Edições 70, p. 223-245, 2019.

DORNELLES, Danielle Santos; BONALDO, Rodrigo Bragio. **História e distopia: três abordagens teóricas (presentismo, atualismo e um futuro sem precedentes)**. Aedos, v. 13, n. 30, p. 21-41, jan.–jun., 2022.

DORNELLES, Danielle Santos. **Tempos de mulheres: utopias e distopias feministas na literatura e história**. Revista de Literatura, História e Memória, [S. l.], v. 17, n. 30, p. 223–235, 2022. DOI: 10.48075/rlhm.v17i30.28000. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/28000>.

GORDIN, Michael D.; TILLEY, Helen; PRAKASH, Gyan. **Introduction: utopia and dystopia beyond space and time**. In: GORDIN, Michael D.; TILLEY, Helen; PRAKASH, Gyan (Orgs.). *Utopia/dystopia: conditions of historical possibility*. Princeton, N.J: Princeton University Press, 2010. p. 1-18.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. In: TADEU, Tomaz (organização e tradução). Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 34-118, 2009.

HARTOG, François. **Crer em História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

IFVERSEN, Jan. **Afterword: reflections of some Challenges**. In: PERNAU, Margrit; JORDHEIM, Helge (org). Civilizing Emotions: Concepts in Nineteenth Century Asia and Europe. Oxford: Oxford University Press, p. 288-300, 2015.

JAMESON, Fredric. **Arqueologias do futuro: o desejo chamado Utopia e outras ficções científicas**. Tradução: Carlos Pissardo. Belo Horizonte, Autêntica, 2021.

JORDHEIM, Helge. **Introduction: Multiple times and the work of synchronization**. Forum: Multiple Temporalities. *History and Theory*, p. 498-518, Dez 2014.

JORDHEIM, H. **Camadas de Tempo: condições históricas e semânticas para uma estratigrafia do tempo e da história**. In: SALOMON, M. Heterocronias. Goiânia: Edições Ricochete, p. 292-310, 2018.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo: estudos sobre história**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuições Semânticas dos tempos históricos**. Tradução Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Histórias de Conceitos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

KOSELLECK, Reinhart; GUMBRECHT, Hans Ulrich (org.); RODRIGUES, Thamara de Oliveira (org.). **Uma latente filosofia do tempo**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian; GUNTHER, Horst; ENGELS, Odilo. **O Conceito de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MARTINS, Carlos Eduardo. O ressurgimento do fascismo no mundo contemporâneo: história, conceito e prospectiva. **Intellectus**, v. 21, n. 2, 2022. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/71657>>. Acesso em: 13 jul. 2023.

LEVITAS, Ruth. **The Concept of Utopia**. Syracuse: Syracuse University Press, 1990.

MOLL NETO, Roberto. Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988). 2010. 265f. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

MOYLAN, Tom; BACCOLINI, Rafaella (ed.). **Dark Horizons: science fiction and the dystopian imagination**. Nova Iorque e Londres: Routledge, 2003.

NÃO-SIMULTANEIDADE. In: Wikipedia. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/N%C3%A3o-simultaneidade>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

NEUMAN, Shirley C. 'Just a Backlash': Margaret Atwood, feminism, and the handmaid's tale. **University Of Toronto Quarterly**, [S.L.], v. 75, n. 3, p. 857-868, 2006. Project MUSE. <http://dx.doi.org/10.1353/utq.2006.0260>.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura**. Revista História da Educação. ASPHE-UFPEL, v.7, nº14, pp.31-46, set. 2003.

PEREYRA DOVAL, Gisela; SOUROUJON, Gastón. Na trilha neofascista do governo Bolsonaro. **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 29, n. 52, p. 638–647, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/91506>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

ROCHA, Daniel. Da “minoría silenciosa” à Maioria Moral: transformações nas relações entre religião e política no fundamentalismo norte-americano na década de 1970. **Religião & Sociedade**, [S.L.], v. 40, n. 1, p. 91-114, jan. 2020. UNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0100-85872020v40n1cap04>.

RÜSCHE, Ana. **Utopia, feminismo e resignação em The left hand of darkness e The handmaid's tale**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-09092015-164853/pt-br.php> Acesso em: 24 set. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015.

SATTELZEIT. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Sattelzeit&oldid=63530213>>. Acesso em: 6 mai. 2022.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SILVA, M. B. da. **Do Feminismo Radical ao Feminismo Pró-sexo: como a pornografia é vista?** Primeiros Estudos, [S. l.], v. 10, n. 2, p. e00102205, 2023. DOI: 10.11606/issn.2237-2423.v10i2pe00102205. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/primeirosestudos/article/view/200280>. Acesso em: 9 jun. 2023.

SIMON, Zoltán Boldizsár. **History in Times of Unprecedented Change: A Theory for the 21st Century**. Londres: Bloomsbury, 2019.

SIMON, Zoltán Boldizsár. **The Epochal Event: transformations in the entangled human, technological, and natural worlds**. Londres: Palgrave Macmillan, 2020.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

VALIM, P.; AVELAR, A. DE S.; BEVERNAGE, B. APRESENTAÇÃO - NEGACIONISMO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS DE PESQUISA. **Revista Brasileira de História**, v. 41, n. 87, p. 13–36, ago. 2021.

VIEIRA, Fátima (ed.). **Dystopia(n) Matters**. Newcastle Upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2013.

VIEIRA, Patrícia. **Utopia and dystopia in the age of the Anthropocene**. Esboços: histórias em contextos globais, [S.L.], v. 27, n. 46, p. 350-365, 15 jan. 2021. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7976.2020.e72386>.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à história da historiografia**. **História da Historiografia**, v. 11, n 28, p. 104-140, 2018.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. **A história disciplinada e seus outros: reflexões sobre as (in)utilidades de uma categoria.** In: AVILA, Arthur Lima de; NICOLAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo. *A História (In) Disciplinada*. Vitória: Milfontes, p. 53-71, 2019.

OLIVEIRA, M. da Glória de. **Fazer história, escrever a história: sobre as figurações do historiador no Brasil oitocentista.** *Revista Brasileira de História*, v. 30, n. 59. 2010.

ORWELL, George. **1984.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.